



Produção de Vídeo nas Escolas
Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador

1º Edição

Pelotas - Rio Grande do Sul
2014

ERD Filmes

Editora

Copyright by

Josias Pereira - 2014

Capa:

Caroline Elisa - Pelotas/RS

Pereira, Josias

Produção de Vídeo nas Escolas Uma visão Brasil - Itália - Espanha - Equador

Pelotas /RS : ERD Filmes, 2014

ISBN - 978-85-907414-7-3

1. Educação. 2. Mídia 3. Pesquisa. 4. Produção de vídeo escolar

ERD Filmes

Site: www.erdfilmes.com.br

e-mail: erdfilmes@gmail.com



POR QUE LER ESTE LIVRO?

Prezado leitor, é com prazer que apresento a você mais um livro organizado por mim. No início é sempre estranho entrar em contato com as pessoas e “convencê-las” a participar de um projeto como este, que não tem o viés comercial e sim o objetivo de divulgar a experiência de diversos professores e pesquisadores que estão tentando, bravamente, produzir vídeos em sala de aula. Afirmo que, para mim, é sempre um prazer quando vejo iniciativas de professores realizando vídeos com seus alunos. Defendo tal ação, pois como tenho dislexia (sei que você já deve saber e ter lido isso em outros textos meus, mas sempre há leitores novos ou esquecidos :)), sei o quanto a televisão me ajudou a passar pela turbulência chamada escola (primeiro e segundo grau, que agora viraram Ensino Fundamental e Médio), dessa forma, acredito que ela possa ajudar outras pessoas também.

Durante algum tempo, sempre imaginei que apenas quando o docente entendesse a tecnologia iria poder fazer vídeo com os alunos, porém, com o tempo, descobri que não é bem assim, que o principal não é o conhecimento de uma tecnologia, mas o saber pedagógico que se faz utilizando esse artefato chamado tecnologia. Nas várias oficinas que realizei, a ênfase era o entendimento tecnológico, algo prático: instrumentalizar a pessoa sobre determinada tecnologia. Ainda acho importante essa ação, entretanto, não pode ser a única, uma vez que não é o docente que vai realizar o vídeo, pois o que ele faz, de fato, é orientar os alunos a produzi-lo. Essa visão pedagógica e tecnológica ajuda o docente na construção do trabalho realizado. Tal conclusão devo também ao aprendizado vivido durante meu doutorado, que finalizei este ano.

Este livro é dividido em duas partes: uma parte teórica, em que pesquisadores renomados apresentam suas teorias sobre a produção de vídeo nas escolas, e outra, relacionada à prática, na qual professores **comentam sobre como é/foi produzir vídeos com os alunos. Sendo assim**, convidei pesquisadores de quatro países para analisar como essa realidade é feita

em outras localidades. Não foram realizadas as traduções, portanto, leitor, pode reclamar. No próximo volume talvez sejam apresentadas as versões em Português, mas a ideia é justamente privilegiar essa troca, também linguística, e fazer um exercício mental (não reclame; mais adiante você vai entender). Tente ler, pelo menos. Você vai se surpreender com o que o seu cérebro vai conseguir.

Convidamos o pesquisador Valentin Gómez Oliver, presidente do Observatorio Europeo de Televisión Infantil para realizar o outro prefácio.

Prezado leitor, este livro consiste em uma maneira de você ter contato com algumas teorias e, ao mesmo tempo, conhecer alguns professores e saber como eles estão realizando vídeo na sala de aula.

Já vez o seu vídeo? Quer tentar? Tente...

Abraços,

Josias Pereira

Professor do curso de Cinema da Universidade Federal de Pelotas
Coordenador do Festival de vídeo Estudantil de Pelotas e Rio Grande

Los videos que son como ventanas sobre el mundo

Valentin Gomes I Olivier¹

(dedicado a los estudiantes y profesores que realizan sus trabajos para el Festival de Video)

La gran importancia de la realización de videos por parte de jóvenes alumnos, no sólo en la escuela sino en general (escuelas de cine, escuelas de video, asociaciones de vecinos, de familias y muchas otras iniciativas de la sociedad civil), queda reflejada por la calidad de los productos realizados y, fundamentalmente, por la visión que “sobre”, “del” y “en” el mundo aportan estas nuevas generaciones de seres humanos.

La colaboración intergeneracional, entre los adultos (profesores, pedagogos, comunicadores, cineastas, dramaturgos, músicos, etc) y los jóvenes (estudiantes, inquietos, curiosos, con grandes habilidades técnicas, sedientos por realizar sus experimentos y experiencias) son otro de los grandes logros de cara a la transmisión del conocimiento, que enmarca y sostiene la realización de productos audiovisuales, y al mismo tiempo fomenta la cohesión social desde el punto de vista pedagógico.

Sólo dos comentarios a la vista de las implicaciones que se establecen entre los realizadores audiovisuales y los propios productos confeccionados.

En primer lugar la relación que se establece entre los realizadores y los productos que ellos realizan. Puede dicha relación, ante todo, teniendo en cuenta la gran cantidad de dificultades técnicas- incluso con la evolución y revolución de las nuevas tecnologías- fomentar la creación por parte de los “creadores” de una serie de metodologías de gran utilidad de cara a su fortalecimiento en los saberes y disciplinas tecnológicas que nos rodean. También puede acrecentar la posibilidad de desenmascarar y aprender a resolver, desde dentro, el gran problema de la relación entre la “ficción” y la “realidad que se agazapan detrás de las “pantallas”, tal como el mercado y la sociedad del consumo nos lo presenta. A su vez este conocimiento de los estereotipos, de los lugares comunes que nos presentan las pantallas, normalmente, pueden ayudar a desarrollar un sentido crítico y analítico en los jóvenes realizadores en cuanto al desarrollo de sus “nuevas epistemologías”, que no son otras que las realizaciones que nos “cuentan” y nos presentan.

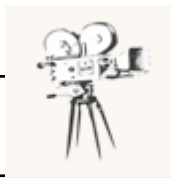
En segundo lugar la relación, no siempre valorada, que se establece

1 Presidente del Observatorio Europeo de Televisión Infantil

entre los propios productos audiovisuales y sus creadores, en cuanto “receptores” críticos de su propio trabajo. Esta es una parcela muy importante en la teoría del conocimiento, ya que implica la necesidad por parte de los creadores de tener que elaborar, a la vista de los resultados realizados y como consecuencia de su trabajo de autocrítica y de análisis crítico de lo que van confeccionando, una serie de hipótesis y estudios sobre las “ficciones”, sobre lo que implica escoger según qué argumentos y no otros. En definitiva todas las teorías sobre la “narratividad” en las pantallas. Lo que nos lleva, como antes, a la necesidad ante la vista de los trabajos ya realizados, de fomentar y fortalecer una mirada atenta por parte de los jóvenes realizadores en cuanto a lo que significa “ficción” y “realidad”, tras su paso por el cedazo de la cámara, la sonorización, la edición, la actuación de los “protagonistas”, en definitiva: de la dramatización de la vida social, reducida al formato “pantalla”.

Como colofón, o podríamos decir como corolario de esta relación dialéctica entre los “alumnos” y los “profesores”- que inevitablemente se establece a la hora de poner en práctica una serie de conocimientos, prácticos y teóricos, para la realización de unos productos audiovisuales- que ambos mundos, ambos imaginarios, se ven sometidos, por el desarrollo que están desarrollando las “prácticas narrativas audiovisuales”, a un aprendizaje constante. Aprender de nuevo, y constantemente, todos: los alumnos de los maestros y de sus propios errores; los maestros de los alumnos, sí también se aprende de los aspirantes a “sabios”; en definitiva aprender “todos y todas” de “todos y todas”; aprender con humildad y pasión del conocimiento, de la sabiduría y de las leyes eternas que nos hablan de la armonía posible, de un mundo mejor posible, de momento vislumbrado a través de una pantalla en un Festival de Video en un lugar del mundo con nombre y apellidos: el que aquí nos congrega.

Valentí Gómez i Oliver



Onde Procurar....

Texto /Autor	País	Pg
1 - Producción de um videoclip em ciências de la Educación Noemi Santiviere Papiol –	Espanha / Barcelona	09
2 - Cinema na Educação: Novos Desafios para Velhos Problemas Sônia Cristina Soares Dias Vermelho	Brasil / Paraná	19
3 - Bachillerato intercultural en Linea Giancarlo De Agostini	Equador / Quito	39
4 - La Scuola Di Cinema Dei Bambini Mario Garofalo	Itália / Milano	51
5 - El Vídeo, Una Herramienta Para la Ensenanza Rosalía Romero Tena	Espanha / Sevilla	71
6 - A Produção de Vídeo e as Multiplas Inteligências Josias Pereira	Brasil / RS/ Pelotas	99
7 - Aprendizado Colaborativo e Interdisciplinar Através da Pro- dução Audiovisual :Uma Realidade Pedagógica em Estudo Josias Pereira e Jorge Cezar	Brasil RS/ Pelotas /Campo Bom	119

Relato de Experiência de Professores

Texto / Autor	Estado	PG
8 - O Cinema na Escola Luiz Claudio	Rio de Janeiro	137
9 - Realizando Sonhos Claudio Garcia	Rio de Janeiro	145
10 - Produção de Vídeo nas Escolas do Municipio de Irani Jucemar Antonio Souza da Luz	Santa Catarina / Irani	153
11 - Educar através da produção de imagens Valmir Michelin	Rio Grande do Sul / Guaiba	163
12 - Videastas Escolares na EMEF Afonso Vizeu Caroline Garcez Ávila Márcia Knabah Neumann	Rio Grande do Sul / Pelotas	167
13 - Realizando um Sonho Giovan aJanhke	Rio Grande do sul/ Pelotas	173
14 - Como criar um festival de video Estudantil Josias Pereira	Rio Grande do sul/ Pelotas	181



Professora Noemi Santiviere Papiol – Barcelona / Espanha

Professora na Universitat Autònoma de Barcelona UAB. É secretaria da plataforma ciutadana, por uma escola inclusiva na Catalunya.

Realiza pesquisa sobre educação e tecnologia com o grupo de Interés de Carpetas de Aprendizaje en Educación Superior (GI-CAES) de la Unidad de Innovación Docente en la Educación Superior (IDES) de la Universitat Autònoma de Barcelona (UAB).

Este grupo realiza reflexão e investigação sobre as inovações docentes que são incorporados ao processo de ensino e aprendizagem na formação Universitária.

1- Introducción

La producción de vídeo puede ser un estudio por ella misma, de hecho es así en las facultades de comunicación y en estudios profesionales. Existe también la visión de la producción de vídeo como producto que requiere de un proceso más o menos largo. Y es ese proceso precisamente el que nos interesa en este artículo.

Mi carrera profesional se enmarca dentro de los grados de ciencias de la educación, los futuros maestros, educadores sociales y pedagogos del país. Tradicionalmente, y con el plan de estudios anterior al proceso de Bolonia que se ha generado en los países de la comunidad económica europea, se impartía una asignatura de Comunicación y audiovisuales en educación. Esta materia permitía enseñar a los estudiantes todo el proceso que permite realizar una producción de vídeo exitosa, satisfactoria para los autores-estudiantes.

Cuando planificamos la enseñanza tenemos en cuenta aquellos factores que deseamos queden patentes en las unidades didácticas por considerarlos necesarios para adquirir las competencias profesionales y los objetivos concretos de la materia.

En el desarrollo de la programación de la materia tuvimos en cuenta las acciones que debían ser aprendidas por los estudiantes, y que les ayudarían en su futuro profesional:

- Trabajar en equipo colaborativamente.
- Alfabetizarse en el lenguaje audiovisual.
- Ver las imágenes. Oír el audio.
- Analizar las imágenes. Escuchar el audio.
- Crear guiones literarios.
- Elaborar guiones técnicos.
- Grabar las imágenes que han sido planificadas.
- Montar el vídeo con ayuda de editores.
- Presentar la producción a todos los compañeros.

2- TRABAJAR EM EQUIPO.

Al abordar un lenguaje nuevo para todos los estudiantes como es el audiovisual, el trabajar em pequenos grupos de cuatro personas era para nosotros la estrategia más adecuada que nos daba ventajas esenciales:

- Se trabaja con menos tensión al compartir los trabajos que pueden resultar más complejos.
- Se comparte la responsabilidad al buscar soluciones desde diferentes puntos de vista.
- Es más gratificante por se parte del grupo, sobretudo cuando se presenta el resultado de la creación.
- Las decisiones que se toman con la participación de todo el equipo tienen mayor aceptación que las decisiones tomadas por um solo estudiante.
- Se dispone de más información ya que es más que la suma de cada estudiante. Es el resultado del diálogo y la confrontación de ideas.
- El trabajo en grupo permite distintos puntos de vista a la hora de tomar una decisión. Esto enriquece el trabajo y minimiza las frustraciones.
- Podemos intercambiar opiniones respetando las ideas de los demás.
- Logra una mayor cohesión del grupo que les permitirá trabajar en otras materias.

3- Alfabetizarse en el lenguaje audiovisual.

El primer día de clase y después de una breve presentación de la materia les animo porque van a pasar de ser analfabetos audiovisuales a personas con criterio en audiovisual. Se sorprenden mucho, algunos incluso se ofenden, pero quizás es lo que se pretende. Todo aquello que decimos y que puede producir una controversia hay que justificarlo, no sólo con las

teorías de la comunicación y sus códigos, si no con experiencias que ellos y ellas sientan próximos a su contexto natural.

Es tan sencillo que les duele comprobar cómo ciertamente consumen horas y horas de material audiovisual pero que muchas veces no ven, no miran, no escuchan; y siempre no saben crear.

¿ Cuántas veces visionamos las vacaciones que hemos grabado con nuestra cámara? ¿ Nos hemos preguntado por qué? Un objetivo es disfrutar de la producción que realicemos en pequeño grupo, tantas veces como deseemos.

Muestro la carpeta de los estudiantes (fig.1). Todos llevan la misma carpeta, la han visto diariamente. Y a la vez les escribo una frase en la pizarra: “ Mi padre pasea al perro como si fuera mi hermano pequeño”. Les hago três preguntas, las mismas para cada elemento de los lenguajes: el verbal y el audiovisuak.

- Hablemos de sintaxis. ¿ Quién es el sujeto?
- Hablemos de morfología. ¿Cuál es el número?
- Hablemos de semântica. ¿ Emplea recursos estilísticos?

Ya sabeis el resultado. Todos mis estudiantes están capacitados para comprender y escribir en lenguaje verbal, pero ninguno de ellos, salvo rarísimas excepciones, están capacitados para analizar y escribir en lenguaje audiovisual.

Ahora todo es más sencillo. Ahora cada día será un gran aprendizaje. No hay nadamás satisfactorio que el reconocimiento del próprio aprendizaje. A partir de este momento su curiosidad irá en aumento y su motivación se mantendrá todo el año.

4- VER LAS IMÁGENES. OIR EL AUDIO.

El ojo humano es capaz de percibir las imágenes, no tanto por sus colores, sino por su intensidad de luz. Los conos perciben los colores, y sólo-disponemos de 6 millones. Los bastones son los que se encargan de captar la luz, y disponemos de 130 millones. (1) Con ello, hay que ser conscientes que de la imagen aquello que más destaca en nuestro ojo son las luces, no

tanto los colores. Con poca luz no hay apenas color. Percibir esta realidad sorprende a la mayoría de estudiantes y nos permite realizar actividades motivadoras y que aportan un aprendizaje significativo para ellos.

Las clases transcurren viendo imágenes estáticas que nos permiten describir aquello que percibimos entrando en una dinámica de gran grupo al inicio, y grupos pequeños posteriormente. Se potencia el diálogo, el escuchar y aportar al grupo nuestros conocimientos.

Una vez ya vemos, entramos en la imagen en movimiento con el audio. Saber escuchar, no sólo oír, es fundamental para el aprendizaje audiovisual. Los diferentes tipos de géneros sonoros, con el silencio incluido, han de conocerse, no sólo para ser interpretados, sino para poder ser empleados en nuestras producciones posteriores. La música asíncrona, la documental y la incidental, deben emplearse para dar coherencia y comprensión a la producción de vídeos que vayamos a realizar.

Una de las actividades más exitosas son las bandas musicales de películas que fueron grandes éxitos en pantalla. Al ser conocidas facilita la reflexión de las funciones que desempeñan en la producción cinematográfica.

5- CREAR GUIONES LITERARIOS

Nuestros estudiantes han adquirido conocimientos significativos en la lectura de las imágenes y los sonidos. Están deseosos de realizar su primer videoclip. Es necesario que entiendan, que al igual que un escritor, deben disponer de recursos para favorecer y permitir una producción exitosa.

Para realizar la producción se forman equipos de 5 personas de una forma libre, puesto que los estudiantes ya se conocen como miembros de un equipo de trabajo.

Se recalcan unos puntos que deben ser expuestos al grupo clase antes de crear el guión literario que permite avanzar en la creación de su videoclip:

- Realizar una primera fase de “brainstorming” que les permita abrir nuevos horizontes temáticos.
- Ser conscientes de la temática. Si ellos son expertos mejor. En caso de no serlo deben recurrir a un colaborador externo que les facilite la información.

- Definir los objetivos del videoclip y las motivaciones que cautivarán al receptor.

A partir de esta exposición y recibiendo un “feed-back” del grupo, iniciarán la creación del guión literario. Este guión debe decirnos qué quieren decir en el videoclip. Es el guión para ellos más sencillo puesto que en sus estudios han dedicado muchas horas a describir contenidos. En el caso del videoclip deben pensar siempre que el contenido que describan debe ser visto y oído por el receptor. En muchas ocasiones pecan de ser ambiciosos y abarcar demasiados contenidos para un videoclip de no más de 10 minutos de duración.

6- ELABORAR GUIONES TÉCNICOS.

Entrar en el como lo quieren decir es el paso más dificultoso donde algunos grupos requieren de una ayuda para que vayan implementando la información que ha de ser el apoyo en la grabación y luego el montaje del video clip.

Somos conscientes que en muchas ocasiones se emplea el “storyboard” pero consideramos que en estudiantes amateurs la tabla facilita la comprensión del trabajo.

Mostramos un ejemplo de tabla que se ha empleado en el curso 2008-09 (fig. 2). Las columnas que permiten realizar el guión técnico nos revelan la información que visualizaremos en el videoclip:

- Núm. De secuencia
- Los aspectos visuales
- El plano
- La imagen
- La música o efectos
- Observaciones que consideren de interés. En muchas ocasiones es recordar el material que necesitarán .
- La duración en segundos del plano . Es una estimulación que probablemente deberemos modificar. Es un proceso de aprendizaje, no se les pide un acerto total.

7-GRABAR LAS IMÁGENES QUE HAN SIDO PLANIFICADAS.

La grabación de las imágenes se realiza rápidamente. Conocen los escenarios, el vestuario y todos los accesorios. La cámara sólo debe leer el guión técnico y seguir cada una de las líneas de la tabla, economizando esfuerzos empleando la lógica del cineasta.

Repiten las tomas que consideran que pueden ser dudosas, y de esta manera, aprenden a planificar el montaje. Ya ven las imágenes sin necesidad de rebobinar la cinta. Ya sienten seguridad en la creación. Ya disfrutan con su creación.

8-MONTAR EL VÍDEO CON AYUDA DE EDITORES.

La edición se convierte en una explosión de alegrías y, algunas ocasiones, de decepciones. Ha habido grupos que han debido repetir la grabación por desmagnetización de las imágenes o por realizar la grabación en baja calidad.

Para la edición empleamos ordenadores Apple con el programa Imove. Les resulta agradable y fácil de manejar y comprender. Las frases que se explican para la edición y el montaje del videoclip son lógicas:

- Digitalización o captura de las imágenes.
- Cortes e montaje de las imágenes.
- Títulos que requiera el vídeo.
- Transiciones que sean necesarias, considerando las normas de educación al inicio y al final del videoclip, las disoluciones por cambios bruscos de plano y las necesarias para el cambio de secuencia.
- Trabajo en el audio: música, voz en off, efectos especiales.
- Montaje de la película en formato de alta calidad y de calidad media si desean subir el videoclip a Youtube o similares.

9-PRESENTAR LA PRODUCCIÓN A TODOS LOS COMPAÑEROS.

El trabajo final es la presentación del videoclip al grupo clase. Es un día especial u así es vivido por todos los estudiantes. He de reconocer que hay obras de mejor calidad que otras, pero ellas son fruto de la reflexión y los aprendizajes adquiridos.

Años después de la realización del videoclip, los estudiantes siguen

animándome a seguir realizando este trabajo, ya que para ellos sigue siendo un videoclip que visualizan y recuerdan con gran esfuerzo pero satisfacción.

Cada estudiante debe enviarme un diario de la evaluación del trabajo considerando diferentes apartados:

- Como miembro del grupo. Sus aportaciones y/o sus carencias.
- Aprendizajes que han sido significativos.
- Diferencias entre el antes y después.
- Mejoras que pueden llevarse a cabo en años posteriores.
- Uso en su carrera profesional de la realización del videoclip.

El resultado del diario es evidentemente cualitativo. La satisfacción por el trabajo realizado es tan elevada que año tras año sigo realizando la producción de un videoclip para todos los grupos de estudiantes que importen la formación básica compartida.

10- CONCLUSIONES Y PRESENTE

Nuestra sociedad se comunica con diversos lenguajes. Es tan comunicativo el lenguaje verbal como el no verbal. La escuela tiene una doble misión: enseñar en valores y enseñar conocimiento. No debemos despreciar el lenguaje audiovisual por considerar que se aprende de forma autodidacta. No existe ningún lenguaje autodidacta, todo lenguaje puede ser enseñado de una forma pedagógica formando a ciudadanos críticos del mundo.

Introducir el lenguaje audiovisual en los planes anteriores a Bologna fue relativamente sencillo. Ahora el reto ha sido aún mayor. Los nuevos planes de estudio no contemplan los distintos lenguajes como tales, sino que se encajan en una asignatura denominada comunicación e interacción educativa. Se considera básica y compartida por todos los grados que pertenecen a las ciencias de la educación. Introducir aquí el lenguaje audiovisual ha sido complejo y se han perdido contenidos, y por tanto, competencias, que nosotros en este artículo hemos considerado básicos.

Esperamos que una revisión de los planes mejore la distribución de los lenguajes como un elemento esencial para la comunicación. Los

maestros deben alfabetizarse en lenguaje audiovisual si pretendemos que posteriormente lo empleen como un recurso más del aula.

FIGURAS:

(fig 1)



(fig 2)

Seq	Aspectes visuals	Pla	Imatge	Música /efectes	Observacions	Durada en segons
1	Es veu un llibre en blanc i una mà que està escrivint en aquest llibre.	1	PP (mostra a mà escrivint: dilluns 7 de març de 2011). La composició és centrada amb línees horitzontals. Angularitat picada. Imatge simètrica.	Podré tornar enrere. Sopa de Cabra.	Es veu el diari, la mà i el bolígraf. Efecte de càmera difuminat (per representar record). La mà que apareix és AVI.	2,5 segons
		2	PPP (s'arriba a aquesta imatge a través d'un travelling vertical: es mostra la mà de més aprop). La composició segueix sent centrada i horitzontal amb una angularitat picada. La imatge és simètrica.	Podré tornar enrere. Sopa de Cabra	Es veu una piga a la mà del protagonista.	2 segons

BIBLIOGRAFIA: Arthur C. Guyton, John E. Hall: Fisiología médica, 2001 (ISBN 978-88-7959-210-9)



Sônia Cristina Soares Dias Vermelho - Brasil - UFRJ

Possui graduação em Informática pela Universidade Positivo (1993), graduação em Design pela Facnopar (2010), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade (Educação e Ciências Sociais) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), pós-doutorado pela Universidade do Porto/INESC-Porto (2013), pós-doutoranda na Universidade de Brasília (2013).

Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Comunicação, Mídia Educação, Métodos e Técnicas de pesquisa. Já atuou com produção audiovisual para a educação. Realiza pesquisas principalmente nos seguintes temas: Redes Sociais Digitais, Educação e Saúde, Processos sociais e Tecnologia da Informação e Comunicação, Pesquisa Social com metodologia de pesquisa interdisciplinar, Tecnologia e Promoção da Saúde e Interface Humano-Computador

Cinema na Educação: novos desafios para velhos problemas

O espectáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. (Guy Debord)

Penso que ao tratar dessa temática como pesquisadora, não é possível fugir das palavras de Debord, as quais nos instigam a procurar entender como se dão as relações sociais na sociedade atual e as possibilidades de formação do sujeito. Como herdeira do pensamento crítico penso ser fundamental não somente identificar o fenômeno, mas procurar destrinchar suas relações e sua dinâmica. Com este propósito colocamo-nos numa investigação em torno de uma experiência de produção de cinema por jovens e adolescentes de escolas públicas no município de Curitiba-Pr. Nesta pesquisa tínhamos como objetivo investigar as possibilidades deste vir a se tornar uma ação voltada para a educação para as mídias.

Nesse contexto, o projeto Oficinema, desenvolvido pela Fundação Cultural de Curitiba em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba, levou a experiência da produção cinematográfica de curtas-metragens aos alunos de 7ª e 8ª séries do ensino fundamental, é uma experiência singular na educação paranaense. Ao propormos esta pesquisa, tínhamos clareza de que uma análise do desenvolvimento da experiência nas escolas nos traria parâmetros para pensarmos uma proposta curricular para o ensino fundamental de Educação para as Mídias.

1. Histórico do OFICINEMA

O projeto Oficinema desenvolvido em escolas públicas de Curitiba, tinha como proposta “ensinar cinema” nas escolas, foi idealizado pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC), particularmente por alguns funcionários que atuavam com produção cinematográfica. Na época, em 2000, a proposta foi feita para a Secretaria Municipal de Educação (SME), à qual incorporou-a como atividade extracurricular ofertada somente para as escolas em tempo integral e para as 7ª e 8ª séries. Mesmo reduzindo o público ao qual seria ofertada, no primeiro ano houveram mais de 500 alunos inscritos, segundo informações da FCC. Mesmo sem infra-estrutura de produção e dotação orçamentária suficiente para o desenvolvimento do projeto, as atividades ocorreram e ao final do ano haviam seis curtas-metragens produzidos pelos alunos.

Nos anos seguintes, 2001 a 2004, a SME passou a destinar recursos para garantir a produção dos curtas-metragens com a contratação de uma produtora para realizar a captação e edição do material. No ano de 2004, a

PUCPR entrou na parceria com o objetivo de realizar uma pesquisa sobre o projeto, buscando identificar o potencial e as melhorias necessárias para a continuidade da proposta. Os objetivos da pesquisa eram: a) Analisar a produção dos por meio de um enfoque multidisciplinar que aborde os diversos componentes sociais, culturais, psicológicos e comunicacionais das produções; b) Elaborar a memória do projeto por meio do registro documental e audiovisual; c) Analisar as implicações desse projeto na relação que os sujeitos estabelecem com os meios audiovisuais antes e após a experiência de participação no projeto OFICINEMA; d) Elaborar proposta curricular de Educação para as Mídias para o ensino fundamental da rede pública municipal. Neste artigo vamos nos deter em expor os dados relacionado à análise do projeto enquanto proposta de educação para as mídias.

Em entrevista com um dos mentores do projeto, ficou claro que enquanto proposta educacional esperava-se que os alunos pudessem adquirir o domínio da linguagem audiovisual, não só do ponto de vista técnico, mas também estético. Conforme o entrevistado:

A proposta do Oficinema era que o filme não tivesse a ruptura estética por maus enquadramentos ou por tomadas péssimas, para que você conseguisse subtrair do filme a sua essência de conteúdo, essência do conteúdo da história, do personagem. Para que você possa fazer isso você precisa, eliminar essas deficiências técnicas, você oferece todo o suporte técnico para o aluno deixar fluir o seu desenvolvimento na produção cinematográfica especificamente. Não na instrumentalização.

Em termos cronológicos o projeto funcionava da seguinte forma: no início de cada ano letivo, cada escola participante escolhia um(a) professor(a) que coordenava as atividades. A SME e FCC faziam uma reunião com esses professores responsáveis pela organização das atividades, definindo, por exemplo, o número máximo de alunos por escola, dias e horário das atividades. As mesmas eram organizadas dentro de uma proposta linear e conteudista, as quais começavam com “aulas” preparatórias sobre 1. Histórico do Cinema, 2. Gêneros cinematográficos, 3. Arte de criar e contar histórias, 4. Roteirização, 5. Decupagem e 6. Produção Executiva. Ao longo desses “aulões” os alunos iam se apropriando do conhecimento necessário para as atividades práticas, bem como iam formando os grupos, de no máximo seis, para irem pensando na história, no gênero, no roteiro que iriam propor.

Essas “aulas” aconteciam duas vezes por semana, no período da tarde, reunindo os alunos num local único; ao final de cada aula levavam para casa uma tarefa: a proposta de história, depois a primeira versão do roteiro, em

seguida a decupagem e assim por diante. A idéia era que, após as aulas, eles seriam capazes de desenvolver a atividade proposta de forma autônoma. Ao final das seis aulas, cada equipe teria seu roteiro decupado e uma primeira versão da produção executiva. Terminada essa primeira fase, era feita a seleção de alguns roteiros, os quais iriam ser produzidos. A seleção, nos últimos anos do projeto, era realizada pelo pessoal da FCC e da SME segundo alguns critérios estabelecidos.

No momento da produção dos curtas-metragens, as equipes faziam, normalmente com o auxílio da professora, toda a produção executiva, desde buscar as locações, produção de cenário, figurino etc. Essas atividades eram realizadas nas escolas, onde dispunham de telefone e computadores. Finalizada a produção, era agendado com a produtora os dias e horários para captação e edição das imagens.

Durante o processo de captação, o profissional da FCC responsável por toda primeira etapa (“aulões”) acompanhava as equipes, sugerindo tomadas, ensaiando com os atores, considerando que esta fase era a parte prática do projeto.

No momento da edição, com o roteiro em mãos, este profissional acompanhava a edição. Um aspecto característico do projeto era que os alunos, ao se inscreverem sabiam que não haveria possibilidade deles atuarem como atores, estes deveriam ser convidados. Todo o trabalho do grupo era de elaboração e produção, e não interpretação. Esta proposta foi feita para desvincular a experiência cotidiana de vislumbrar o produto final exibido (filme) e o seu processo de produção. Desde o início percebeu-se a necessidade de colocar esse impeditivo para neutralizar aqueles interesses exclusivos de jovens que queriam “aparecer” na tela. Portanto, a atuação era realizada por outras pessoas, inclusive acontecendo várias vezes do próprio pessoal (professores, técnicos) serem os atores das histórias dos alunos.

Após a produção dos filmes, estes eram exibidos num dos cinemas da FCC, como evento aberto ao público, os quais sempre tiveram grande participação da comunidade, das escolas envolvidas e demais convidados. De uma forma geral, o projeto se desenvolveu nestes moldes durante cinco anos.

2. Alguns dados do projeto

A seguir apresentaremos alguns dados coletados em relação às escolas que participaram do projeto ao longo dos anos de 2000 a 2004. Das escolas levantamos os seguintes dados: - Identificação das escolas participantes; -

Caracterização destas escolas; - Localização; - Identificação do participante, equipe de alunos e professores; - Levantamento quantitativo dos alunos atendidos pelo projeto, independente de terem ou não produzido os curtas-metragens.

Tabela

Quantidade de filmes, de alunos e de escolas, no período de 2000-2004.

Ano	Qtde filmes	Nº Alunos Ingressantes	Nº Alunos Concluintes	Nº Escolas
2000	06	Sem dados	Sem dados	06
2001	10	854	80	07
2002	10	736	Sem dados	10
2003	06	435	24	06
2004	06	235	24	06
Total	38	2260	128	-

Pelos dados da Tabela 1 podemos perceber que existiu em todos os anos um índice de desistência bastante grande; o que motivou essas desistências foi uma das primeiras indagações que fizemos em relação ao processo. O que pudemos perceber ao longo do ano de 2004, período em que a equipe de pesquisadores da PUCPR acompanhou o projeto, foi que, à medida que o projeto ia criando os mecanismos de seleção, como por exemplo, as escolhas de alguns roteiros, os não contemplados desistiam de participar das fases seguintes. Também observamos que os aulões não motivavam os alunos; na platéia onde eram realizados, a maioria dos jovens ficavam entrando e saindo da sala, reproduzindo o comportamento que tinham nas aulas. Afinal o que eles tinham eram aulas mesmo. Isso também foi relatado e discutido com a equipe diretiva do projeto.

Na tabela 2 apresentamos os dados referentes às produções por escolas que participaram do projeto nos anos de 2000 a 2004. Tabela Distribuição dos filmes por escola e por ano.

Escola	2000	2001	2002	2003	2004	Total
Erasmus Piloto	1	1	1	1	1	5
CAIC Cândido Portinari	1	2	1	1	1	6
Albert Schweitzer	1					1
Herley Mehl	1	1	1			3
Papa João XXIII	1	1	1	1	1	5
Maria C.Tesseroli	1	1	1	1		4
São Miguel		2	2	1	1	6
Cel. Durival Brito		1	1	1	1	4
CAIC Bairro Novo		1	1	1	1	4
Julia Al Di Lenna			1			1
TOTAL	6	10	10	6	6	38

Pelas tabelas acima, podemos perceber que algumas escolas tomaram o projeto como atividade extra-curriculares permanente. Esta participação maior ou menor da escola deveu-se, segundo informações coletadas com as professoras que acompanhavam o projeto e pela observação, em grande medida da professora escolhida como coordenadora na escola. Em algumas delas a mesma professora foi a coordenadora durante os cinco anos do projeto. Em outras situações, foi a direção que deu todo apoio e incentivo aos alunos e professores para que o projeto se concretizasse. E em outras, a permanência foi esporádica e pontual. Conforme observado, as escolas com participação mais sistemática foi porque a pessoa responsável se interessava pela proposta, não tanto pelo seu caráter educacional e formador, mas pela inovação, pela dinâmica mais intensa das produções, gravações, edições etc o que era muito distinto das atividades cotidianas das aulas regulares e mesmo dos cursos extracurriculares de música, dança. Apesar dos aulões iniciais, depois era o fascínio pelo mundo do cinema, com sua aura e sua magia em proporções menores que conquistava professores e alunos. O problema não é vir à tona esse fascínio pelo cinema, consideramos problemático que nesses anos os professores envolvidos no projeto terem se contentado com o fascínio, não aprofundando a relação com o meio.

2. Dados de perfil dos alunos de 2004

Neste ano em que a PUCPR pesquisou, traçamos um perfil dos alunos sobre alguns aspectos: idade, sexo, práticas de lazer, de acesso às mídias e de uso das mídias.

Em relação à distribuição dos alunos nas escolas, na Tabela 3 apresentamos os dados dos 134 alunos que responderam ao questionário.

Tabela - Distribuição dos alunos por escola no ano de 2004.

Escola	Qt. cit.	Freq.
Cel. Durival de Brito	28	20,9%
São Miguel	23	17,2%
CAIC Bairro Novo	9	6,7%
Erasmus Pilotto	9	6,7%
CAIC Cândido Portinari	34	25,4%
Papa João XXIII	31	23,1%
TOTAL	134	100%

Desses que responderam, perto de 70% eram desistentes do projeto. Uma das questões no instrumento era, caso tivesse desistido, qual o motivo. Obtivemos respostas, que nos indicaram aspectos interessantes de análise. Abaixo reproduzimos algumas dessas respostas sobre os motivos de

desistência agrupando-as por natureza da desistência.

MOTIVO PESSOAL/FAMILIAR

53 : Vou parar com o projeto pois vou começar a trabalhar.

126 : Tenho que cuidar da minha sobrinha

129 : Cuido de meu sobrinho

96 : Estou fazendo cursinho para o CEFET.

123 : Farei curso de mecânica no SENAI no período da tarde

134 : Estou fazendo curso

MOTIVO EDUCACIONAL

94 : Os horários

95 : Não gostei e parei

98 : Por bagunça a escola me tirou do projeto

108 : Parei para copiar matéria atrasada.

110 : Estava atrapalhando a aula

119: Não gosto muito de assistir as palestras, mesmo sabendo que é importante

124 : Meu grupo está indeciso em ficar no projeto

É possível perceber que alguns desistiram por razões particulares, independente da estrutura das atividades. Mas outros indicaram que a estrutura do projeto, não os incentivou a permanecerem. O que nos pareceu mais delicado foi a escola utilizar o projeto como mecanismo de punição, sendo que o mesmo se propunha a ser um projeto de inclusão. As respostas, portanto, nos deram indicativos da real motivação das desistências. Para uma leitura mais acurada, seria necessário recuperar dados dos anos anteriores, o que infelizmente não foi possível.

Ainda sobre o perfil, quanto a idade, a média foi de 13 anos (13,98 para os meninos e 13,77 para as meninas), sendo 66,4% eram de meninas e 33,6% de meninos. É interessante relacionar com os motivos de desistência, percebendo que ainda numa idade prematura, esses adolescentes já são

obrigados a assumir responsabilidades relacionadas ao gênero: meninas para cuidar de sobrinhos, irmãos; meninos com atividades remuneradas para levar recursos financeiros para suas casas. As meninas foram as que mais desistiram do projeto.

Em relação a este grupo. Aplicamos um instrumento desenvolvido por Vermelho (2002) em que traça um perfil quanto aos hábitos de lazer.

Três aspectos ressaltamos no grupo analisado: acesso aos recursos tecnológicos, consumo desses recursos e grupo e padrão relacional.

Tabela 4

Distribuição quanto ao acesso a TV, vídeo, DVD, cinema, leitura e jogos eletrônicos.

Sexo	a-acesso TV	a-acesso a vídeo	a-acesso DVD	a-acesso cinema	a-acesso leitura	a-acesso a jogos
Fem (89)	Sim 88;98,9% Não 1; 1,1%	Sim 67;75,3% Não 21;23,6 %	Não 55; 61,8 % Sim 33; 37,1 %	Sim 78; 87,6% Não 11; 12,4%	Sim 75; 84,3 Não 13; 14,6%	Sim 76; 85,4 % Não 13; 14,6%
Masc (45)	Sim (41;91%) Não (2;4,4 %)	Sim (25; 55,6 %) Não (19; 42,2%)	Não (25; 55,6%) Sim (19; 42,2 %)	Sim 38; 84,4% Não 7; 15,6 %	Sim 32; 71,1 % Não 13; 28,9%	Sim 40; 88,9% Não 4; 8,9%
ENSEM- BLE (134)	Sim - 129 Não - 3	Sim - 92 Não - 40	Não - 80 Sim - 52	Sim - 116 Não -18	Sim - 107 Não - 26	Sim - 116 Não - 17

Sexo	a-frequencia assiste TV	a- frequencia assiste video/DVD	a- frequencia cinema	a- frequencia leitura	a- frequencia jogos
Fem (89)	Todo dia (71; 79,8%) Pouca frequencia (9 ; 10,1%) Muita frequência (7; 7,9%)	Raramente (27; 30,3%) Pouca frequencia (18; 20,2%) Quase nunca (16; 18,0%)	Muita frequencia (33; 37,1%) Pouca frequencia (19; 21,3%) Raramente (15; 16,9%)	Raramente (27;30,3%) Pouca frequencia 18; 20,2%) Muita frequencia (14; 15,7%)	Raramente (26; 29,2%) Todo dia (16; 18,0%) Pouca frequencia (13; 14,6)
Masc (45)	Todo dia (37; 82,2%) Muita frequência (4; 8,9%) Raramente (1; 2,2%)	Raramente (17; 37,8%) Pouca frequencia (8; 17,8%) Quase nunca (5; 11,1%)	Muita frequencia (13; 28,9%) Pouca frequencia (13; 28,9%) Raramente (8; 17,8%)	Raramente (14; 31,1%) Pouca frequencia (6; 13,3%) Muita frequencia (5; 11,1%)	Muita frequência (11; 24,4%) Todo dia (10; 22,2%) Pouca frequência (9;20,0%)
ENSEMBLE(134)	Todo dia (108) Muita frequencia (11) Pouca frequencia (9)	Raramente (44) Pouca frequencia (26) Quase nunca (21)	Muita frequencia (46) Pouca frequencia (32) Raramente (26)	Raramente (41) Pouca frequencia (24) Muita frequencia (19)	Raramente (31) Todo dia (26) Pouca frequencia (22)

Tabela 5 - Distribuição quanto a frequência de consumo de TV, vídeo/DVD, cinema, leitura e jogos

sexo	A-Horas Lazer	a-grupo social	a-relacionamento	a-classificação relacionamento
Fem(89)	As vezes sozinho e as vezes com amigo (59; 66,3%) Sempre com amigos (29; 32,6%)	Escola (46; 51,7) Bairro ou vizinho (33; 37,1%) Parentes (17; 19,11%)	Sim (51; 57,3%) Não (38;42,7%)	Bastante (26; 29,2%) Excepcionalmente (11; 12,4%) Razoavelmente (6; 6,7%)
Masc(45)	As vezes sozinho e as vezes com amigo (30; 66,7%) Sempre com amigos (12; 26,7%) Sempre sozinho 3;6%	Escola (21; 46,7%) Bairro ou vizinho (12; 26,7%) Parentes (12; 26,7%)	Não (28;62,2%) Sim (17; 37,8%)	Razoavelmente (5; 11,1%) Excepcionalmente (4; 8,9%) Bastante (2;4,4%)
Ensemble(134)	As vezes sozinho e as vezes com amigo (89) Sempre com amigos (41) Sempre sozinho (3)	Escola (67) Bairro ou vizinho (45) Parentes (29)	Sim(68) Não(66)	Bastante(28) Excepcionalmente(15) Razoavelmente(11)

Tabela 6 - Distribuição quanto a grupo e padrão relacional

Escola	a-frequencia assiste TV	a-frequencia assiste vídeo/ DVD	a-frequencia cinema	a-frequencia leitura	a-frequencia jogos
Durval (28)	Todo dia (24; 85,7%) Muita frequência (2; 7,1%) Pouca frequência (1; 3,6%)	Raramente (7; 25,0%) Pouca frequência (6; 21,4%) Quase nunca (5; 17,9)	Pouca frequência (8; 28,6%) Muita frequência (7; 25,0%) Raramente (5; 17,9%)	Todo dia (6; 21,4%) Pouca frequência (6; 21,4%) Raramente (6; 21,4%)	Todo dia (6; 21,4%) Muita frequência (6; 21,4%) Pouca frequência (6; 21,4%)
São Miguel (23)	Todo dia (20; 87,0%) Muita frequência (2; 8,7%) Pouca frequência (1; 4,3%)	Raramente (10; 43,5%) Quase nunca (7; 30,4%) Pouca frequência (2; 8,7%)	Raramente (7; 30,4%) Muita frequência (6; 26,1%) Pouca frequência (4; 17,4%)	Raramente (9; 39,1%) Muita frequência (6; 26,1%) Pouca frequência (4; 17,4%)	Pouca frequência (5; 21,7%) Quase nunca (5; 21,7%) Muita frequência (3,13,0%)
Bairro Novo (9)	Todo dia (6; 66,7%) Muita frequência (1; 11,1%)	Raramente (4; 44,4%) Pouca frequência (1; 11,1%)	Muita frequência (4; 44,4%) Raramente (1; 11,1%) Quase nunca (1; 11,1%)	Muita frequência (3; 33,3%) Raramente (2; 22,2%) Pouca frequência (1; 11,1%)	Muita frequência (2; 22,2%) Raramente (2; 22,2%) Todo dia (1; 11,1%)
Erasmus Pilotto (9)	Todo dia (6; 66,7%) Muita frequência (1; 11,1%) Pouca frequência (1; 11,1%)	Muita frequência (2; 22,2%) Raramente (2; 22,2%) Pouca frequência (1; 11,1%)	Muita frequência (2; 22,2%) Pouca frequência (2; 22,2%) Raramente (2; 22,2%)	Pouca frequência (3; 33,3%) Muita frequência (2; 22,2%) Raramente (2; 22,2%)	Raramente (3; 33,3%) Todo dia (2; 22,2%) Muita frequência (1; 11,1%)
Candido Portinari (34)	Todo dia (24; 70,6%) Muita frequência (5; 14,7%) Pouca frequência (3; 8,8%)	Pouca frequência (11; 32,4%) Raramente (9; 26,5%) Quase nunca (3; 8,8%)	Muita frequência (13; 38,2%) Pouca frequência (7; 20,6%) Raramente (6; 17,6%)	Raramente (9; 26,5%) Todo dia (4; 11,8%) Muita frequência (4; 11,8%)	Raramente (11; 32,4%) Todo dia (7; 20,6%) Pouca frequência (6; 17,6%)
Papa XXIII (31)	Todo dia (28; 90,3%) Muita frequência (2; 6,5%) Pouca frequência (1; 3,2%)	Raramente (12; 38,7%) Pouca frequência (5; 16,1%) Quase nunca (5; 16,1%)	Muita frequência (14; 45,2%) Pouca frequência (11; 35,5%) Toda semana (2; 6,5%)	Raramente (13; 41,9%) Pouca frequência (6; 19,4%) Quase nunca (4; 12,9%)	Raramente (10; 32,3%) Todo dia (8,25,8%) Muita frequência (5; 16,1%)
ENSEMBLE (134)	Todo dia (108) Muita frequência (11) Pouca frequência (9)	Raramente (44) Pouca frequência (26) Quase nunca (21)	Muita frequência (46) Pouca frequência (32) Raramente (23)	Raramente (41) Pouca frequência (24) Muita frequência (19)	Raramente (31) Todo dia (26) Muita frequência (22)

Tabela 7 - Distribuição quanto ao consumo de TV, vídeo/DVD, cinema, leitura e jogos

Podemos indicar alguns aspectos de perfil do grupo: exceto o DVD, o grupo tinha amplo acesso aos recursos tecnológicos, sendo que a TV, como indicam os dados das agências do Ministério das Comunicações, o

acesso é de mais de 90%. Quanto ao consumo desses recursos, houveram algumas distinções entre os meninos e as meninas: os meninos consomem os jogos eletrônicos com mais frequência que as meninas. Aspecto que não discutiremos neste artigo, mas que é interessante como dado de pesquisa.

Mas é importante analisar o padrão de consumo dos meios. A Televisão foi apontada como de consumo diário, por outro lado, o vídeo/DVD, a leitura e o cinema com muito pouca frequência de consumo. O cinema é compreensível, pois além do custo, há necessidade de deslocamento para acessar uma sala de cinema, mas o vídeo e a leitura são aspectos preocupantes, em particular quanto a prática de leitura, mais de 50% o faz com muito pouca frequência.

Podemos, com isso, identificar um perfil do grupo em que predomina uma prática muito fortemente centrada na televisão, não indicando que seja pela falta de acesso, mas por uma questão de opção. Também em relação ao cinema, seja seu consumo realizado nas salas de cinema ou nos DVD's, nos questionamos quanto ao interesse desses jovens pelo projeto, uma vez que se tratava de produção audiovisual (filmes) e esse produto não ser habitualmente consumido pelos jovens. A questão era: foi pela experiência que esses jovens têm com a TV? Pelo fascínio que o cinema provoca? Ou pela mera curiosidade acerca do universo do audiovisual? Ou era uma forma, como outra qualquer, de “passar” o tempo escolar obrigatório? Questões que são importantes serem respondidas, pois podem nos orientar na proposição de projetos de educação audiovisual para o público juvenil.

Outro aspecto relacionado ao consumo diz respeito à leitura. O baixo consumo desse meio nos alertou para uma questão já pontada por Barbero & Rey em relação ao distanciamento da escola e jovens. Segundo os autores, um dos aspectos que interferem no distanciamento entre escola/família e jovens diz respeito ao universo cultural em que esses sujeitos circulam. Historicamente as escolas se organizaram em torno do texto impresso como forma de “ligar” o jovem ao conhecimento e, conseqüentemente, aos seus professores. Instaurou-se, com isso, um regime de saber baseado na comunicação do texto impresso. Este paradigma de comunicação adotado pela escola, aliado ao fato da idade ser o como critério de ascensão dentro do sistema educacional, permitiu o estabelecimento de uma dupla correspondência:

(...) entre a linearidade do texto escrito e o desenvolvimento escolar – o avanço intelectual caminha[ndo] paralelo com o progresso na leitura. (...) E é este modelo mecânico e unidirecional ao qual responde a leitura passiva, que a escola fomenta, prolongando a relação do fiel com a sagrada escritura, que a Igreja havia instaurado tempos atrás. (Barbero & Rey, 2001, p. 57)

Este modelo paradigmático escolar acabou por promover duas situações: a) causou um distanciamento geracional, pois atualmente a sociedade não mais pode ser compreendida por meio dos impressos, mas ainda temos uma estrutura de escola baseada neles e os alunos com uma experiência cultural em que os vários meios de comunicação e informação se inter cruzam e eles aprendem desde muito cedo a “lerem” seus conteúdos, antes mesmo dos livros. E a segunda situação é que b) esse modelo fortaleceu uma relação de profunda desconfiança em torno das imagens, pois sua incontrolável polissemia apresenta desafios à escola para entender e discernir os papéis que ambos os meios devem cumprir no processo de formação e socialização das novas gerações. O curto-circuito entre essas duas instâncias – escola e mídia – tem feito com que a escola perca espaço e importância no processo formativo (Barbero & Rey, 2001).

A dificuldade de aproximação entre escola e mídia tem trazido consequências para o processo todo, no qual todos perdem. Com os dados desse grupo quanto ao consumo, reforçou ainda mais nossas preocupações em relação ao choque geracional, bem como, ao papel que o projeto estava cumprindo para os jovens e as escolas. O que queriam a escola: controlar as imagens? O que queriam os jovens: se libertar dos livros?

Contudo, o projeto em si propunha um rompimento com essa dicotomia. Em termos conseguiu isso, pois nas primeiras edições as escolas escolhiam o roteiro que iria representá-la na seleção final dos filmes, na competição para eleger o melhor filme. Esse fato trouxe um resultado interessante e não esperado. As produções das escolas refletiam em certa medida a realidade com a qual ela lidava. Conforme avaliação da coordenação do Oficinema, o fato da escola escolher o roteiro que iria representá-la, transformou o processo numa maneira delas expressarem suas problemáticas para fora dos seus muros. Assim relatou o coordenador do projeto:

O que eu percebo claramente é isso: que as escolas que absorveram o Oficinema não o fizeram devido ao fulano ou devido aos filmes, mas o absorveram pelos conteúdos dos filmes. Eles conseguem se enxergar [nos filmes]! Nem eles sabem disso, mas eles se enxergam ali e, por isso, eles gostam tanto do Oficinema.

O fato da escolha do roteiro ser de responsabilidade da escola, segundo critérios que a mesma definia, mostrou-se um aspecto muito positivo, pois, segundo a coordenação:

(...) isso foi uma coisa fantástica do projeto, inclusive eu briguei para que isso se mantivesse, porque já havia no segundo ano, um grande potencial do projeto de você conseguir entender melhor a escola e as comunidades

escolares através dos filmes, então umas das coisas que brigava é que não houvesse nenhum critério por parte da Cinemateca ou Secretaria de Educação para a seleção dos filmes, a escola que escolhesse o filme que quisesse para representá-la.

Sem a interferência externa, a proposta possibilitava que as temáticas tivessem relação com a realidade dessas escolas e comunidades, o que era muito positivo em nossa avaliação em se tratando de um projeto social e de educação para as mídias. Mas, por outro lado, tem um outro fator a analisar: de alguma forma, houve interferência dos professores na elaboração dos roteiros das equipes nas escolas: o quanto, de que forma, como foram essas negociações entre alunos e professores, são aspectos que não conseguimos entender. Com isso, um processo que a princípio deveria ser de educação audiovisual para os jovens, tornou-se, em termos, porta-voz da fala dos adultos-professores acerca dos dilemas que eles viviam coletivamente no espaço da escola e seu entorno.

O que foi observado foi que, escolas com problemas relacionado à drogas, os filmes traziam essas questões; outras com um forte trabalho com a produção do conhecimento, produziram documentários; e assim por diante. Sobre uma situação bem localizada, relatou o coordenador:

Você vai para o Erasmio Piloto e verá aquele fascínio pela literatura e pelo misticismo. A literatura é onde eles querem chegar. O misticismo é uma síntese da comunidade. Nessa região da cidade é como um "Triângulo da Bermudas". É uma espécie de centro de concentração cósmica e metafísica. Não é a toa que no bairro Bacacheri onde existiu uma "estância", hoje há o Centro de Estudos Espírita, a Ordem Rosa Cruz, a Seicho-No-Ie, as primeiras igrejas protestantes de Curitiba. Então ali existe um centro energético. E isso se reflete nas pessoas e se reflete também nos filmes.

E, de uma escola numa região mais central:

Você vê na Escola Papa João XXIII uma clara e nítida problematização da família e do indivíduo. Por que é uma região da cidade melhor aquilataada financeiramente, onde o problema não é a droga, não é a violência física ou social, mas a violência humana. O aluno está com problemas na família, o indivíduo é mais violentado na família, onde ele é ignorado, é desprezado. Quando ele não tem isso superado ele é altamente violentado, naquilo que deveria ser o seio maior da sociedade. Com isso, eles se vêem nestes filmes.

A partir destes relatos, é importante considerar que a experiência não só possibilitou, ainda que com inúmeros problemas, a esse coletivo - jovens e professores - uma experiência de "falar" de seus problemas usando uma linguagem com forte apelo emocional e estético.

Se por um lado, podemos perceber uma relação harmoniosa das escolas com o Projeto, o mesmo não pode ser encontrado na relação que tiveram com a Secretaria de Educação, pois, conforme pudemos vivenciar no ano de 2004 e pelos relatos de anos anteriores, de uma maneira ou de outra, questões de ordem conjuntural e política interferiram na dinâmica do projeto, colocando-o inclusive, em determinados momentos, sob o risco de prejuízos irreversíveis.

O primeiro ano do projeto coincidiu com o processo de reeleição do prefeito na época. Por questões, as quais não conseguimos identificar, houve uma suspensão do projeto por dois meses. Isto gerou uma insegurança muito grande por parte das pessoas diretamente envolvidas com as atividades e, com os alunos, um alto índice de desistência. Dos doze filmes que deveriam ter sido produzidos, somente sete foram para a fase final de produção e finalização. No final daquele ano após a eleição, na cerimônia de encerramento, com as autoridades e convidados presentes, a situação era outra. Contudo avaliou o coordenador:

A Secretaria só usou o projeto pra fazer marketing. Chamou a Tizuka Yamazaki para assistir os filmes no dia do lançamento do projeto educacional Oficinema.

Ao final das apresentações, Tizuka Yamazaki fez a seguinte declaração:

(...) há algumas décadas que eu não choro no cinema, e eu chorei e esse filme "A rosa" é uma das coisas mais bonitas e líricas que eu vi na minha vida.

Por conta desta declaração pública, com a participação da imprensa, a postura da Secretaria mudou radicalmente e na sua segunda edição, a Secretaria de Educação se prontificou a dar toda a estrutura que o Oficinema necessitava.

Para além desta questão de marketing, um outro aspecto que deve ser ressaltado acerca das ingerências da SME no projeto, diz respeito a estrutura metodológica. Apesar de ter sido identificado pela coordenação e pela equipe de pesquisadores que o formato dos "aulões" não era o mais indicado para o projeto, não foi possível uma alteração por exigência da SME. Segundo ele:

(...) em 2003 em que nós retomamos com uma forma mais sintética, pude fazer aquilo que eu imaginava, de ter uma proposta mais prática. Entretanto recebi a seguinte orientação: "Não, tem que ter aula." (...) recordo desta reunião aonde foi dito que deveria ter aula, pois deveria ser seguido o processo ao trabalhar com os alunos, pois as escolas não iriam aceitar. Tinha que ter acompanhamento, professor responsável, ou seja, toda a estrutura

Isto, numa certa medida, mostrou um certo descompasso entre aquilo que é pensado e vivido no interior das escolas e aquilo que é estabelecido como política pública pelo órgão gestor. O formato fechado dos aulões e assessoramentos pressupunha uma linearidade de ação entre os sujeitos, não contava com a dinâmica da produção audiovisual que não é linear. Mas por meio dos aulões, a SME podia atender a um número maior de alunos, ainda que houvesse um alto índice de desistência. Segundo relato da coordenação, após os aulões os alunos precisavam de assessoramento para a elaboração dos roteiros, e as coisas aconteciam assim:

(...) então foi praticamente sem nenhum tipo de auxílio, foi assim: faça assim, assim e assado e faça! Foi assim o tipo de assessoria que a gente pode dar para eles, mas na verdade isso pouco importou, porque os roteiros depois foram todos eles jogados no lixo [depois da seleção].

Foi muito mais no improviso, na intuição e seguindo orientações dos professores que também muito pouco sabiam, que as equipes elaboraram suas propostas. Pode ser que isso tenha contribuído para as desistências ou não, mas para além disso, o mais delicado do processo foi a SME tentar resolver o problema da desistência e da motivação instaurando um “game show”, de competição mesmo entre os grupos e depois, até mesmo entre as escolas. Do ponto de vista relacional, acabou por reproduzir a dinâmica social de competitividade instituída pela sociedade, pelo mercado de trabalho. Questões como: “só os melhores chegam lá!”, “ só há lugar para os vitoriosos!” e assim por diante foi reproduzido na dinâmica do projeto.

Com isso, acabou por contribuir ainda mais para o aumento da angústia gerada pela sociedade, os quais, em praticamente todas as dimensões da vida o sujeito sente-se sob ameaça quanto a sua subsistência: sempre tem que disputar para garantir seu lugar na sociedade. O elemento “motivador” para manutenção do aluno no projeto, consideramos que foi muito negativo pois acabou por reforçar este traço da/na sociedade, extremamente prejudicial para todos nós, de manter todos em constante competição.

Quanto à questão do alcance quantitativo do projeto, avaliou a coordenação:

(...) se você vem perguntar pra mim com quantos trabalhou, foram os 30 últimos alunos os que realmente receberam o que o Oficinema poderiam oferecer para eles. Não os 3000 que participaram daquelas mega-aulas, nós tivemos uma repercussão fantástica, toda televisão ia lá, gravava, mas de efetivo não tinha nada, de concreto não tinha nada naqueles mega-eventos.

Entre o qualitativo e o quantitativo, esse tipo de iniciativa encontra uma série de questões. De um lado, os órgãos governamentais é instado a atender

centenas, às vezes milhares de alunos, em que a qualidade do trabalho nem sempre é o centro, mas para eles o que conta são os números, a repercussão na mídia e os relatórios finais. Do lado dos executores, dos educadores, o que importa são os resultados destes investimentos públicos nas pessoas, na comunidade. Este é um problema o qual dificilmente projetos dessa natureza estejam imunes e, no jogo do quantitativo versus qualitativo, o que efetivamente conta são os profissionais que ainda guardam um idealismo, pois são as microações que efetivamente fazem a diferença, que promovem as transformações sociais, e muitas vezes sob um custo pessoal muito grande. Este projeto reflete muito profundamente esta situação:

A preocupação com o projeto, em minha [do coordenador] opinião, é que era muito personalista, pois tudo estava na minha cabeça, tudo eu sabia e tudo eu fazia. Se de uma certa maneira me trazia um certo conforto profissional, porque daí estava garantido um trabalho que eu gostava que é o Oficinema, acredito que no ano de 2002, que foi o ano da ruptura, eu sofri um impacto muito grande, uma perda muito grande de motivação de continuar o Oficinema. E aí me senti sozinho, aquilo que para mim era um conforto, a garantia que eu teria espaço na Cinemateca, tornou-se de um dia para o outro um grande peso na minha carreira profissional, até porque eu passei a me perguntar se eu era só capaz disso mesmo.

Mas apesar dos percalços vividos, o projeto, enquanto projeto social de cinema na escola, estava imbuído de uma perspectiva educacional inovadora e cumpriu um papel importante na história daquelas escolas, daquelas pessoas.

Infelizmente, o projeto foi encerrado nas escolas no final de 2004 pela SME e foi assumido como projeto de pesquisa e extensão pela PUCPR. Funcionou mais dois anos - 2005 e 2006-, com jovens indicados pela Fundação Cultural, cresceu, tornou-se parceiro do Canal Futura, do Instituto RPC. Mas, novamente sofreu a pressão das instituições educacionais formais e foi desativado. Passou finalmente, para uma ONG - Casa da Videira - que manteve a parceria com o Canal Futura. Ganhou em estrutura, mas perdeu em termos de conteúdo e liberdade de ação. A partir de então, nem todas as temáticas eram aceitas, mas somente aquelas de interesse e chancela do Canal Futura e, em 2010, foi definitivamente desativado.

Ao todo foram 10 anos de experiência, com formatos, experiências, situações diferentes, mas em todos os momentos o que valeu a pena foi ler e escutar os meninos e meninas afirmarem coisas tais como: "Aprendi a trabalhar em grupo, a conviver melhor com as pessoas", "Conhecer novos amigos e dar muitas risadas no decorrer do trabalho", "Dividir tarefas, trabalhar em grupo, organizar-se para trabalhos, ser de certa forma responsável

por algo, além de noções técnicas sobre filmagens e produções de vídeos”, “Ter mais idéias, participar melhor nos debates”, “Trabalhando sempre em grupo e ouvindo mais as pessoas, discutindo idéias de forma democrática e esforçando-se sempre para dar o melhor que eu posso oferecer, isso é claro junto com os colegas e responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho.”. Essa noção e experiência coletiva desses jovens nesses anos todos, a experiência de cooperação de alcançar uma obra por mérito de todos, numa sociedade cada vez mais individualista, talvez seja uma das melhores e maiores contribuições que um projeto de cinema na educação possa trazer para uma sociedade tão saturada de imagens.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. 1985. Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos. 2ª ed. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

AGEL Henri. 1982. Estética do Cinema. Tradução: Armando Ribeiro Pinto. São Paulo: Cultrix.

ANDREW, J. Dudley. 1978. Las principales teorías cinematográficas. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. (Colección Punto y Línea).

ARNHEIM, Rudolf. 1989. A arte do cinema. Lisboa, PT: Edições 70. (Coleção Arte 7 Comunicação).

AUMONT, Jacques et al.. 1995. A estética do filme. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus.

AUMONT, Jacques. 2001. A imagem. 6ª ed. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio Santoro. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

BARBARO, Umberto. 1965. Elementos da estética cinematográfica. Tradução: Fátima de Souza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BARBERO, Jesús Martin & REY, Gérman. 2001. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. Tradução: Jacob Gorender. São Paulo: SENAC São Paulo.

BARBERO, Jesús Martin. 2001. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª ed. Tradução: Ronald Polito. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

BARDIN, Laurence. 1995. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.

BARTUCCI, Giovanna (org.). 2000. Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação. Rio de Janeiro: Imago.

CANEVACCI, Massimo. 1990. Antropologia do cinema: do mito a indústria cultural. 2ª ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense.

CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia Von. (orgs). 1999. A criança e a violência na mídia. Tradução: Maria Elizabeth Santo Matar, Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortex; Brasília: UNESCO.

CARLSSON, Ulla & FEILITZEN, Cecilia Von. (orgs). 2002. A criança e a mídia: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortex; Brasília: DF:UNESCO.

CRITICOS, Costas. 1998. Media Eduaction & critical citizenship in South África. In: Anais do I Congresso Internacional de Educação e Comunicação. Texto disponível na internet: [http:// www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/congress_textos.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/congress_textos.html) (15 mai. 2001)

DEBORD, Guy. 1997. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

DEMO, Pedro. 1995. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas.

FIELD, Syd. 1995. Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico. Tradução: Álvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. 2001. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura. In: Reunião Anual da ANPED, 24, 2001, Caxambu. Anais do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação – GT16. Caxambu, MG, 2001. p. 97-115.

FRANCASTEL, Pierre. 1987. Imagem, visão e imaginação. São Paulo: Livraria Martins Fontes. (Coleção Arte e Comunicação).

FREIRE, Ângela B. 2003. A juventude e os processos de formação cultural. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

FREUD, Sigmund. 1997. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago.

GRAVIZ, Ana. 1998. Media Education as a discipline. In: Anais do I Congresso Internacional de Educação e Comunicação. Texto disponível na internet: http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/congress_textos.html, em 15 mai. 2001.

<http://www.acaoeducativa.org.br>; 15/06/05, 17h30 – Ação Educativa - Cinema e vídeo brasileiro nas escolas.

HUYGUE, René. 1986. O poder da imagem. São Paulo: Livraria Martins Fontes. (Coleção Arte & Comunicação).

KELLNER, Douglas. 2001. A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC.

MARCUSE, Herbert. 1967. A arte na sociedade unidimensional. In: LIMA, Luiz Costa. 2000. Teoria da Cultura de Massa. São Paulo: Paz e Terra.



Giancarlo De Agostini - Quito - Ecuador

Ph.D. en Educación, Universidade Internacional do Atlântico, Miami, Florida. Pós-Graduação Avançados em Ciências da Informação, País de Gales, Reino Unido. Certificación en e-Facilitação Dynaminf, na Austrália. PDCDE Universidade de Wisconsin, Madison, Wisconsin (Educação a Distância Certificado Profissional).

Estudios Doctorales Completos en Andragogía, Universidad Simón Rodríguez, Caracas. BSEE (Ingeniería Electrónica) y MSICS (Mestrado en Ciencias de la Información y Computação) Ambos en el Georgia Institute of Technology (Ga. Tech.), Atlanta, Georgia.

Presidente Honorario Fundación UVIA. Diretor Tecnológico IVC. En la Actualidad se desempeña Como Docente-Investigador del Instituto de Altos Estudios Nacionales - IAEN.

BACHILLERATO INTERCULTURAL EN LÍNEA

Tecnologías aplicadas a la educación

ANTECEDENTES

La educación y la cultura constituyen elementos fundamentales para lograr un mayor desarrollo de nuestros países en todos los sentidos: humano, social, económico, productivo y tecnológico. Investigaciones educativas internacionales han demostrado que *“cada año extra de educación básica fortalece las destrezas y habilidades de la persona, lo que a su vez incrementa su productividad y capacidad para generar ingresos...”*¹ (Ecuador, como otros Estados Iberoamericanos y del Caribe, es uno de los países signatarios de las Declaraciones Mundiales de Educación para Todos (Jomtien 1990, Dakar 2000).

En este contexto, el avance de las Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) está abriendo nuevas posibilidades a la educación para todos, incluso en geografías inhóspitas y alejadas, como también plantea nuevos retos y problemas pedagógicos, que necesitan de soluciones metodológicas y tecnológicas innovadoras como el adecuado uso de herramientas WEB 2 y VIDEO. Sin embargo, el perfil de los programas de estudios en línea tienden a ser elitistas y dirigidos al nivel universitario y de postgrado exclusivamente y no de colegio, con costos extremadamente altos para la mayoría de la población latinoamericana y caribeña.

Adicionalmente, el uso del Internet se orienta más a actividades de comunicación empresarial, informativa o personal que a usos educativos, y hay poco personal en instituciones docentes preparados y dedicados a una investigación y aplicación seria de las TIC para propósitos educativos. Esta situación repercute en una cada vez mayor brecha digital, particularmente para los grupos sociales desfavorecidos. Por ello, desarrollar programas académicos virtuales de calidad, basados en un modelo pedagógico sólido, con una amplia gama de herramientas TIC y a precios accesibles, es fundamental, especialmente aquellos dirigidos a sectores de escasos recursos económicos, academicamente vulnerables y con menor acceso a la tecnología por los costos, para la mayoría de la población.

Hasta ahora en el Ecuador no se han desarrollado masivamente programas de este tipo para el nivel de bachillerato (a excepción de fuvia.org), y los niveles universitarios adolecen de una metodología apropiada, mediada

1 Agencia Canadiense de Desarrollo Internacional (2002). Plan de Acción para la Educación Básica. Página 4.

por la tecnología informática, a través de Internet (e-Learning) con una apropiada y justificada utilización de recursos tecnológicos, que permitan el estudio autónomo, adaptable a los tiempos y lugares disponibles por los estudiantes, y que cuente con aplicaciones tecnológicas para la enseñanza, seguimiento personalizado, y medios de verificación, control y evaluación del aprendizaje desde una perspectiva pedagógica constructivista socio-crítica, o sea contextualizada en las comunidades.

Esta modalidad de estudios, además, dará la posibilidad de realizar estudios de bachillerato a aquellos sectores de poblaciones que han sido tradicionalmente desatendidos por el sistema educativo por razones de lejanía, trabajo, edad, discapacidad, imposibilidad económica, género, discriminación de cualquier índole, privación de la libertad y, en particular, de quienes han debido alejarse del medio educativo-cultural nacional debido a la migración.

JUSTIFICACIÓN

El informe del Banco Mundial sobre la pobreza en Latinoamérica hace mención de lo siguiente: *“Latinoamérica y el Caribe sufren las tasas más altas de repetición y abandono escolar en el mundo. La mitad (50%) de los niños que empiezan el primer año de educación nunca terminan el cuarto año. Cada año, el 29% de los estudiantes de primaria son repetidores y el 42% de los estudiantes de primer año de secundaria son también repetidores. Los bajos logros académicos son el factor más asociado con la probabilidad de pertenecer al 20% más pobre de la población.”*²

En el Ecuador y nuestra Región es de vital importancia desarrollar procesos de educación que lleguen a la población normalmente marginada del proceso educativo y que estos sean de calidad, que apunten al mejoramiento de las condiciones de vida de los sectores populares, tomando en cuenta que cada año extra de educación fortalece las experticias de las personas para una mejor incursión en el mercado laboral. Sin embargo, en nuestro país *“... entre el 60% y 70% de los estudiantes secundarios de la Sierra, Costa y Amazonía dejaron de estudiar por falta de dinero.”* Se estima *“... que el 62% de ésta población vive con menos de \$2 diarios”*³.

2 Banco Mundial, informe de pobreza en el mundo. (2004). www.bancomundial.org

3Diario HOY, Sección Blanco y Negro, Quito, Martes 20 de Septiembre de 2005

La segunda causa de deserción es la falta de interés: “... en las tres regiones del Ecuador se registró que entre el 18% y el 30% de los niños y adolescentes no entraron a estudiar porque no les interesaba aprender, ya que -a decir de ellas y ellos- la mayoría de los centros educativos no tienen metodologías pedagógicas motivadoras.”⁴. Si a ésta afirmación sumamos que “... el autoritarismo y el maltrato psicológico hacía los y las estudiantes son una constante en miles de nuestras escuelas rurales y urbanas”⁵ gratuitas o pagadas, nos resulta fácil comprender, la condición de pobreza intelectual del país y por ende otra razón para el flujo de ecuatorianos emigrantes a países con mejores ofertas de trabajo. Es imponente observar como en países como Corea que hace 30 años solo el 40% de su población llegaba la secundaria hoy en día lo logra un 100%⁶ graduándose el 90% y, el 75% ya realiza estudios de nivel de Licenciatura.

En detalle, en Ecuador⁷ los escolares comprendidos entre las edades de 6 a 12 años son aproximadamente 1,639.528 y únicamente el 66,8% completa sus estudios primarios, al revisar los datos estadísticos de la instrucción media, la cifra cambia sustancialmente dado que, de una población de 1.556,383 comprendida entre los 12 a los 18 años de edad solo el 22% completa la educación media. Quedando fuera del sistema educativo 1.213.978 ecuatorianos y ecuatorianas⁸. Estos datos alarmantes confirman lo dicho por el Banco Mundial, en relación a los niveles de pobreza en Latinoamérica y Ecuador.

La gran pregunta qué debemos hacernos y contestar seriamente con acciones y resultados es: ¿ qué estamos obligados a realizar para salir de este subdesarrollo educativo de falta de: compromiso, actitud de éxito, deseo de superación, motivación para mejorar constantemente, confianza en nuestras capacidades ?, deseando que los apremiantes procesos políticos que vive el Ecuador y las nuevas perspectivas en esta área sean un campo fértil para encaminar la educación y la cultura hacia la excelencia.

4 Idem.

5 ROJAS, H. (1999). Familia, calle y trabajo: tres ámbitos de socialización, en Voluntariado Internazionale per lo Sviluppo, Muchachos de la Calle. Meeting Internacional, Roma, 103-131. pp. 123-126

6 OECD (2011), Education at a Glance 2011: OECD Indicators, OECD Publishing. Charts: A1.1, A1.2. <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2011-en>

7 <http://www.chicosdelacalle.org.ec/escuela.html>

8 <http://www.educacion.gov.ec/pages/index.php>

OBJETIVOS GENERALES Y ESPECÍFICOS

Objetivo general:

Contribuir a la innovación y al mejoramiento de la educación del país a través de un programa de Educación Básica y Bachillerato (seis últimos años de secundaria) por modalidad en línea, que utilice las Nuevas Tecnologías de Información y Comunicación (TIC) incluyendo el uso del Video, como base de una propuesta académica de calidad, especialmente dirigido a personas de escasos recursos, vulnerables y en riesgo pedagógico.

Objetivos específicos:

- Establecer un sistema educativo en línea (plataforma de e-Learning) para desarrollar un programa curricular de Ciclo Básico y Diversificado, modalidad en línea, basado en el Programa de Reforma Curricular del Ecuador desarrollado por la UASB⁹.
- Diseñar una propuesta macro y micro-curricular del Bachillerato para Ciclos Básico y Diversificado en línea, con cuatro opciones de titulación en las especialidades de: Bachillerato Único en Ciencias, Bachillerato Técnico con Especialidad en Informática, Bachillerato en Promoción Cultural y Social y Bachillerato en Turismo Cultural y Desarrollo Sustentable.
- Llevar adelante el proceso pedagógico con uso de las TIC y adicionalmente el Video, y observar si hubo diferencias positivas en la aplicación de este último.
- Proporcionar la posibilidad de que jóvenes trabajadores, minorías, líderes comunitarios, de género o sociales, emigrantes y personas de escasos recursos en general, que no han completado el ciclo básico y el bachillerato, continúen estudiando y terminen estos niveles de estudios a través de un programa virtual en línea.

AVANCE DE LA COBERTURA

Estudiantes Atendidos en 2004	Estudiantes Atendidos Actualmente: 2011
25 personas de: (8 localidades)	1700 personas de: (40 localidades)
Quito, Cotacachi, Tena, Guayaquil.	Quito, Cuenca, Guayaquil, Otavalo, Ibarra, Cotacachi, Tena, Orellana y Pompeya, Centros de detención de jóvenes infractores.

Tabla I

⁹ UASB: Universidad Andina Simón Bolívar, Quito, Ecuador

En el 2004 cuando inició el Proyecto atendíamos a 25 estudiantes (Tabla I) de las ciudades en mención; actualmente atendemos a 1700 estudiantes todos becados, lo cual significa que hemos tenido una tasa promedio de crecimiento anual de 100 %. Así también la cobertura geográfica se ha quintuplicado.

PROGRAMAS DE SECUNDARIA¹⁰

Educación Básica: Dirigida a personas que desean terminar sus estudios de Educación Básica para mejorar sus destrezas y conocimientos aplicados a sus prácticas laborales.

Bachillerato Único en Ciencias: Dirigido a capacitar en el dominio de las Ciencias Sociales y Exactas, disciplinas de formación humana, artística, científica y una amplia cultura general.

Bachillerato Técnico en Informática: Formar a personas que estén capacitadas para trabajar competitivamente en actividades propias o relacionadas a la Informática.

Bachillerato en Gestión Cultural y Social: Destinado a personas que puedan trabajar competitivamente, para su beneficio y el de sus localidades, en proyectos de desarrollo cultural y social, desde su concepción hasta su ejecución y evaluación.

Bachillerato en Turismo Cultural y Desarrollo Sustentable: Dirigido a personas que desarrollen sus destrezas en el diseño, ejecución y evaluación de proyectos de desarrollo comunitario en el ámbito del Turismo Rural, con un claro enfoque participativo, ecológicamente sustentable.

SERVICIOS ADICIONALES EDUCATIVOS Y SOCIALES

Gobierno Estudiantil

Gobiernos Estudiantiles Locales, ubicados en las diferentes ciudades, coordinan las actividades extracurriculares como la representación del Colegio en las diferentes festividades y actividades de sus localidades. Éstos conforman una Coordinadora Nacional de Estudiantes, que establece acciones entre todos los estudiantes, profesores y autoridades del Colegio.

Departamento de Orientación y Bienestar Estudiantil (en desarrollo)

Por la condición de vulnerabilidad y la demanda explícita de los estudiantes, se ha diseñado un Departamento de Orientación y Bienestar Estudiantil

¹⁰ Terminada la Secundaria todos los estudiantes podrían ingresar a la Universidad.

en línea, a ser atendido por profesionales en psicología, quienes ayudan a los estudiantes en sus diferentes problemas y técnicas de aprendizaje. La oficina del DOBE se ubicará en el edificio principal del colegio.

Biblioteca Virtual

Por la necesidad de profundizar en contenidos y responder a las expectativas de varios estudiantes, además de disponer de Internet y bibliotecas digitales, se ha diseñado un prototipo de Biblioteca Virtual, abierto a los estudiantes y al público en general.

Profesores Virtuales

Son los facilitadores “*en línea*” de cada asignatura; las profesoras y profesores que diariamente ingresan a las aulas para trabajar con el material publicado por los alumnos, compuestas por 25 alumnos virtuales, para apoyarlos en sus actividades académicas, ya planificadas, diseñadas y adecuadamente dosificadas en el espacio en línea o aula virtual.

Mentores Virtuales

Profesionales voluntarios que fortalecen el seguimiento académico, emocional y comunicacional entre profesores y estudiantes. Sus escenarios de actuación pueden ser una plataforma socio-educativa diseñada para tal fin o las aulas virtuales, en los edificios de las especializaciones con apoyo en línea.

Tutores Presenciales

Asisten a los estudiantes en el adecuado uso del computador; controlan el horario de asistencia a los Infocentros, difunden y promocionan a nivel local el Colegio, visitan a los estudiantes en sus casas cuando es necesario. Sus escenarios de acción, están en las localidades en las que se encuentran los infocentros y cuando sea necesario su apoyo por el perfil de los alumnos.

Diseño 3 Dimensiones para el Ingreso al Colegio

Campus Virtual en 3 dimensiones que facilita a los estudiantes y visitantes la navegación sencilla por el Colegio y los servicios educativos que éste brinda.

PRINCIPALES IMPACTOS

Deseamos resaltar al menos cuatro factores de impacto que nos parecen los más importantes:

Motivacional

Con materiales preparados por profesores de excelencia en sus conocimientos, diseños realizados por expertos multimediales, docentes formados especialmente en línea y tecnólogos especializados en la dosificación y levantamiento de contenidos en un sistema gestor de cursos en línea, se generan contenidos altamente motivadores, adicionalmente al aprendizaje de uso de los computadores, implícito con el uso diario de la plataforma informática para el estudio.

Ambiental

El impacto ambiental, en términos de utilización de recursos naturales renovables y no renovables, es nulo debido a que el Sistema de Educación Virtual en-Línea por Internet no utiliza elementos que generen desperdicios o desechos. Todo el proceso académico, es decir, los recursos de estudio utilizados como guías, libros, y demás material bibliográfico y hemerográfico esta en la Plataforma o Aula Virtual por Internet, evitando el uso de papel y la generación innecesaria de desechos.

Tecnológico

Después de una breve capacitación a los estudiantes, previa al inicio de clases, en el uso del computador, de un procesador de palabras, un navegador, del correo electrónico y una introducción a la Plataforma educativa del Colegio Virtual Iberoamericano, el alumno se encuentra en capacidad para iniciar sus estudios virtualmente; posteriormente con la práctica van descubriendo las bondades de todos los recursos que se introducen gradualmente a sus aprendizajes, de esta forma y durante el lapso de sus estudios, aprenden y dominan los diferentes recursos de Internet y varias de las herramientas de uso del computador. En cualquier momento el estudiante tiene acceso a tutoriales específicos en la Plataforma educativa.

Aprendizaje

La evidencia de que el Programa ha tenido un impacto positivo en la vida de los estudiantes que atiende es doble: reinserción al sistema educativo de población en condiciones de pobreza y mejoramiento de los conocimientos.

El Programa en el año lectivo 2008-2009 reinsertó a 1.170 estudiantes en condiciones de extrema pobreza de todo el país al sistema educativo, esto significó incrementar la cobertura de atención en 3.2% en el país. Consideramos un éxito no solo haberlo reinsertado, pero además haber logrado la graduación de al menos el 56% de ellos y haber contribuido a reducir el rezago educativo y los bajos niveles de escolaridad en el nivel

medio.

Además, se evidenció que los estudiantes atendidos por el Programa corresponden a los segmentos de la población con mayores vulnerabilidades sociales, para concluir que el Programa ha logrado llegar a la población objetivo.

Aunque es difícil pronosticar la trayectoria que seguirán los alumnos evaluados, dada su pertenencia a sectores sociales con múltiples carencias en sus condiciones de vida, la reducción actual de factores de riesgo y el mejoramiento de destrezas básicas puede constituir una base para un mejor desempeño laboral en el futuro. Los datos siguientes ilustran al respecto:



Como se observa *antes* y *después* de la aplicación del Programa éste mejoró el nivel educativo y las destrezas de los estudiantes involucrados, para la evaluación de los logros académicos se aplicaron tres pruebas a todos los estudiantes, dichas pruebas tuvieron que ver con tres ámbitos de la formación: i) desarrollo de destrezas prácticas, ii) computación y, iii) Lenguaje y Ciencias Sociales.

Según los resultados de las pruebas practicadas al 31% de estudiantes del universo seleccionado, dos hallazgos se destacan por su importancia:

- a). El mejoramiento de los niveles de conocimiento de los estudiantes, entre el *inicio* y el *final* del año lectivo de nuestro programa *online*, es decir, los logros generados por el programa son evidentes y consistentes, toda vez que en todos los Cursos, en dos de las tres áreas de conocimiento evaluadas, y en todos los lugares en que se aplicaron las pruebas, el comportamiento es el

mismo, es decir, hay mejoría con respecto a la situación inicial.

- b). El nivel relativamente similar de rendimiento entre los participantes del Bachillerato FUVIA, y los estudiantes de la educación regular a nivel nacional; el análisis comparativo de los resultados de las pruebas FUVIA, con los resultados de las pruebas censales SER Ecuador 2008 aplicadas por el Ministerio de Educación, muestran un rendimiento académico Regular en ambos grupos de estudiantes, en las dos áreas comparadas: Lenguaje y Ciencias Sociales, en décimo año de educación básica y tercero de bachillerato. Estos resultados de impacto favorable a la atención de los estudiantes participantes del Bachillerato virtual (en línea) FUVIA son prometedores, en particular dado que algunas de las dimensiones que logró mejorar el Programa—como destrezas computacionales y de interacción social—son determinantes e importantes para los logros en la futura educación superior.

Adicionalmente a estos resultados, en general, los profesores de los cursos dictados agregando el recurso del VIDEO observaron una mejor calificación en dos asignaturas puestas a la prueba.

Experimentalmente, un grupo de profesores introdujo en dos materias, Matemáticas y Lenguaje, varios recursos en video obtenidos de *youtube*, insertando las direcciones electrónicas a las lecciones relativas al tema de estudio; los resultados de calificaciones finales sobre 20 puntos, evidenciaron un aumento de 3,0 y 4,7 puntos, respectivamente.

RESULTADOS OBTENIDOS

La Fundación UVIA.org desde su creación, ha contribuido a la disminución de la deserción escolar y la brecha digital en el Ecuador mediante su sistema de Educación en línea, desarrollado a través del colegio CVI.edu.ec, como un nuevo paradigma pedagógico, metodológico y tecnológico, en constante desarrollo.

Este proceso educativo se torna significativo al permitir que personas en situación de vulnerabilidad y riesgo pedagógico puedan continuar sus estudios de Educación Básica y Bachillerato de acuerdo a su disponibilidad de tiempo y recursos económicos; pues en el Colegio Virtual Iberoamericano se desarrolla un proceso educativo incluyente y de calidad acorde a las diversas condiciones culturales, sociales y económicas de los estudiantes, cimentado éste en el Constructivismo Socio-crítico, mediante



Filosofía Constructivista - Social de la Educación

En definitiva el *e-Learning* es todo un proceso de enseñanza-aprendizaje, centrado en el alumno y su entorno, con apoyo completo de recursos interactivos tecnológicos y material multimedia de primera calidad, todo ofrecido *en línea*.

Las nuevas TIC junto al uso del Video, dentro de la educación a distancia en línea, deben ser percibidas como grandes fortalezas que, utilizadas al servicio de la educación virtual, llegan para ampliar y diversificar las ofertas educativas ya existentes o nuevas, en respuesta a las demandas de la sociedad ecuatoriana, regional y mundial, teniendo en consideración programas novedosos en diseño, formación a los docentes en nuevas TIC y en metodologías actualizadas.



Mario Garofalo- Milano - Itália

Mario Garofalo Licenciatura em Fiosofia, Estética do Cinema 1999 trabalha como diretor e cineasta desde 1997, criando e produzindo filme, documentário, comerciais, institucional e vídeo; especialista na produção de cinema e filme de vídeo, televisão e novas mídias. Com seu mais recente filme, Ainom, dirigido com Lorenzo Valla Ceva, ganhou, entre outros prêmios, o Oscar de Melhor Diretor chinês das Relações Exteriores Galo de Ouro e Cem Flores China Film Academy Awards Internacionais 2011.

Professor de cinema para o A044 classe competição (Discurso aos Film and Television) nas escolas públicas superiores do Milan, como o ITSOS Albe Steiner, Instituto Dudovich, IPSIA Monza.

LA SCUOLA DI CINEMA DEI BAMBINI

Esperienze di didattica del cinema per l'infanzia in Italia

Mi sono accorto negli anni, attraverso lo studio e l'esperienza di lavoro di regista¹², ma già come semplice spettatore della nostra società, che, nella comunicazione, il linguaggio audiovisivo sta sostituendo, o meglio inglobando, il linguaggio della parola, scritta e orale. Di questo passaggio, sono attori e spettatori inconsapevoli i nostri bambini. Nella scuola elementare e media italiana, si impara a scrivere e a leggere il linguaggio della parola, ma si trascura il linguaggio dell'immagine e del suono. I programmi della scuola pubblica non considerano abbastanza il fatto che le bambine e i bambini vivono immersi in un mondo cinematografico, televisivo, multimediale, e che attraverso di esso spesso già si esprimono, fotografando e realizzando piccoli video con cellulari e macchine fotografiche.

Per questi motivi e per la mia passione per l'insegnamento, ho deciso di dare vita nel 2009 alla "Scuola di cinema dei bambini"¹³, nell'intento

12 Mario Garofalo (Italia 1974) è regista e creative-producer, esperto nella realizzazione di film e video per cinema, televisione e new media. Con il suo ultimo film, *Ainom*, diretto insieme a Lorenzo Ceva Valla, ha vinto, tra i vari Premi, l'Oscar cinese per la Miglior Regia straniera al Golden Rooster & hundred flowers China International Film Academy Awards 2011.

All'attività di regista affianca quella di docente di cinema per la classe di concorso A044 (Linguaggio per Cinematografia e Televisione) in scuole statali superiori di Milano quali l'Itsos Albe Steiner, Istituto Dudovich, Ipsia Monza.

E' inoltre ideatore e coordinatore della Scuola di Cinema dei Bambini, un'iniziativa didattica che cura progetti di realizzazione audiovisiva per bambini tra i 3 e i 14 anni, presso Associazioni culturali e Scuole pubbliche quali Civica Scuola Media Manzoni Milano, Scuola Media statale di Calci Giunta Pisano (Pi).

Siti web di riferimento: www.mariogarofalo.com, www.apropositodifilm.com

13 Il linguaggio audiovisivo è alla base della comunicazione della società contemporanea: è importante imparare a conoscerlo fin dall'infanzia, proprio come si impara a leggere e a scrivere. Il principio ispiratore dei corsi della Scuola di Cinema dei Bambini è "apprendere agendo". Obiettivo dei corsi è imparare a guardare il cinema diventando spettatori consapevoli e produrre un piccolo film che affronti temi importanti per la formazione dei bambini, quali: identità e differenza, cittadinanza e costituzione, intercultura e integrazione, emozioni e sensazioni, genitori e figli, bambino e bambina, uomo e natura, memoria e storia, cinema e teatro, cinema e musica... e altri ancora.

Fasi del Corso (con riferimento di massima alle ore necessarie):

1) Saper guardare il Cinema (4 ore)

Attraverso la visione di pezzi di film e cartoni animati, il corso si apre con una breve riflessione sulla natura del cinema e sul ruolo che ha il linguaggio audiovisivo nella società contemporanea. Elementi del linguaggio cinematografico: la storia, i personaggi, le

di alfabetizzare al linguaggio audiovisivo i bambini e le bambine di età compresa tra i 3 e i 14 anni (Scuola materna - Scuola elementare - Scuola media), e poter così realizzare insieme a loro “piccoli grandi” film.

Ciò che segue è il diario della mia attività di creatore e curatore della Scuola di Cinema dei Bambini, Scuola che ha prodotto, in tre anni di lavoro, tredici brevi film. Per leggere il mio testo è necessario conoscere i film, visionabili su youtube al canale Magarof, al titolo Scuola di Cinema dei Bambini 1,2,3... fino al 13.

Il lavoro svolto dalla Scuola, si è caratterizzato come laboratorio di realizzazione audiovisiva e allo stesso tempo come ricerca di un metodo che possa coniugare necessità pedagogiche, tecniche ed economiche, in un territorio didattico, come quello del cinema per i bambini, che è ancora abbastanza vergine di esperienze e di testi di riferimento.

Premetto che la mia Scuola è itinerante, consiste cioè in corsi che si svolgono presso Scuole, Associazioni e Enti interessati, ogni volta differenti, in varie località italiane. I corsi, normalmente, sono intensivi (lavoro concentrato in pochi incontri).

Il primo Corso della Scuola si è svolto nell'autunno 2009, a Milano, una città abbastanza attenta alle novità didattiche e culturali rivolte all'infanzia. Per prima cosa ho identificato un programma scolastico di base, realizzabile emozioni; l'inquadratura, la luce, i colori, la scenografia, l'illuminazione, il sonoro, la musica, gli effetti speciali, il montaggio.

2) Scriviamo la sceneggiatura (6 ore)

Il corso approfondisce il ruolo della sceneggiatura, il primo passo per la realizzazione del video: dall'idea al soggetto, il personaggio, le ambientazioni e i costumi. Suddivisione della classe in piccoli gruppi, ognuno dei quali sviluppa un'idea di “racconto per immagini” da trasformare in video. L'idea narrativa può essere originale o partire da una storia esistente (per esempio da testi di: Gianni Rodari, Andersen, Fratelli Grimm...). Il genere di film potrà essere una piccola fiction, un documentario, un videoclip...

3) Ciak si gira: il set (12 ore)

Preparata la sceneggiatura, il corso si propone di realizzare a partire da essa un piccolo film. Gli allievi, secondo le proprie attitudini e inclinazioni, seguono i diversi processi creativi e organizzativi ricoprendo un ruolo preciso all'interno della troupe, ma anche partecipando come attori. Il corto realizzato nasce interamente dalla loro ispirazione, con la supervisione dell'insegnante-regista.

4) Il montaggio (30 ore)

Realizzate le riprese del film, è arrivato il momento per gli allievi di montarlo e di accompagnarlo con la musica giusta. Si catalogano, si scelgono e si combinano le immagini secondo un preciso percorso espressivo. Si carica il filmato montato sul web (facebook.com e youtube.com) e si masterizza su Dvd, per poi visionarlo tutti insieme in proiezione.

in circa 50 ore di corso, diviso in quattro fasi: alfabetizzazione, scrittura filmica, riprese e montaggio.

Appoggiandomi all'Associazione "Studio d'Arte del Lauro" di Cristina Sissa, ho raccolto le prime iscrizioni, con un piccolo costo a carico delle famiglie¹⁴.

Ho lavorato con una quindicina di alunni, con mezzi tecnici leggeri, ma professionali (una macchina da presa HD, una postazione mobile Final Cut Pro, un monitor). I bambini avevano un'età compresa tra i 6 e i 12 anni¹⁵.

Nelle prime ore di lezione, ho cercato di avvicinarmi e appassionare gli alunni, attraverso la visione e il commento di brani di film del regista giapponese Hayao Miyazaki¹⁶ (Conan il ragazzo del futuro, Ponyo sulla scogliera). Le sue storie e i suoi personaggi piacciono molto ai bambini e i disegni animati sono perfetti per spiegare loro cos'è un Piano o un Campo, come si usano le luci, dove si svolgono le vicende (ambientazioni), come si vestono i personaggi (i costumi). La risposta è stata molto positiva, tutti hanno inteso ciò che dicevo e commentato a modo loro le varie sequenze.

Il problema, didatticamente parlando, è arrivato dopo, nel momento in cui siamo passati all'ideazione narrativa del film che volevamo realizzare. In una prima fase, ho lasciato ai bambini piena libertà di immaginare la storia e i personaggi, pensando poi di raccogliere le idee e procedere verso la sceneggiatura. Senza un tema, senza un filo narrativo, tuttavia, le proposte erano molto diverse e di difficile realizzazione. C'era chi proponeva film con mostri che invadono la terra, chi saghe di principesse che combattono contro draghi e tanto altro, materiale adatto a serie fantasy da proporre agli Studios di Hollywood¹⁷.

Alcune ore del corso sono trascorse per me nel timore di non riuscire a convogliare le proposte verso una sceneggiatura realizzabile. Poi ho cambiato rotta e ho scelto di mettere degli argini alla fantasia dei bambini,

14 La prima questione didattica economica che mi sono posto è: quanto deve costare un corso e chi deve finanziarlo? Le famiglie? Gli enti pubblici? Gli sponsor privati?

15 Questione didattica: gli alunni del corso possono avere età tanto diverse tra loro?

16 Hayao Miyazaki (1941) è un fumettista, animatore, sceneggiatore, regista e produttore giapponese di anime di fama internazionale, grazie anche all'Oscar ottenuto per il film La città incantata nel 2003 ed al Leone d'Oro alla carriera ricevuto alla Mostra Internazionale d'Arte Cinematografica di Venezia nel 2005. Fondatore dello Studio Ghibli insieme al suo collega e mentore Isao Takahata, è il padre del regista Gorō Miyazaki.

17 Questione didattica: l'idea narrativa deve nascere dagli alunni o deve essere suggerita dal docente?

dando loro un semplice spunto: ho chiesto loro se credevano ai fantasmi e se, nella loro vita, ne avevano mai visto o conosciuto uno. Ho pensato a questa proposta, notando che lo spazio dell'Associazione in cui lavoravamo era un vecchio garage ristrutturato, vicino a un giardino e a una cantina, immerso in un'atmosfera misteriosa. Che luogo meglio di questo poteva adattarsi a una storia di fantasmi?¹⁸

A partire dal racconto di una bambina, abbiamo elaborato un soggetto di finzione e un piccolo copione diviso in scene (con dialoghi di riferimento, poi definiti meglio sul set), che ha dato vita al primo film della scuola:

LA PAURA GIOCA A NASCONDINO

Link youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=btk0hPwFC4k>

Un gruppo di bambini gioca a nascondino. Una bambina si nasconde in cantina e vede un fantasma. Spaventata, corre a raccontarlo agli amici. Gli amici all'inizio la prendono in giro, ma poi si devono ricredere perché la bimba sembra avere ragione...o forse no?

A livello narrativo, nel film si mescolano elementi di emozione (la paura), di gioco (il nascondino), di comunicazione e esclusione nel gruppo (la bambina che ha visto il fantasma non viene creduta), di verità e finzione (il fantasma è solo un lenzuolo oppure no?).

Per la realizzazione tecnica, i bambini si sono divisi liberamente in registi (insieme a me, dietro la macchina da presa) e attori, che hanno recitato e scelto i costumi. Questa divisione ha creato col passare delle ore di corso qualche gelosia: chi era regista voleva fare l'attore e viceversa¹⁹.

In montaggio abbiamo selezionato e combinato insieme il materiale migliore delle riprese, usando musiche thriller di repertorio. E' stato difficile per i bambini gestire le fasi più tecniche della postproduzione, che ho dovuto supervisionare e finalizzare io²⁰.

Infine, last but not least, dopo la proiezione pubblica del film, ci siamo

18 Considerazione didattica: in vista della realizzazione del film, conviene sempre sfruttare al meglio il luogo in cui il corso si svolge e i mezzi che gli enti, che ospitano la scuola, hanno a disposizione.

19 Questione didattica: come suddividere il lavoro dei bambini? E' giusto dividerli in ruoli nella troupe o far fare a tutti un po' di tutto? Come capire in fretta le loro inclinazioni?

20 Questione didattica: quanto delle fasi tecniche di realizzazione e di montaggio riescono a imparare a gestire i bambini in prima persona? Molto dipende naturalmente dal numero delle ore del corso, dal numero degli allievi, dai mezzi tecnici a disposizione e via dicendo.

divertiti a caricarlo su youtube e a promuoverlo sulla rete, creando la pagina facebook della Scuola.

<http://www.facebook.com/pages/Scuola-di-Cinema-dei-Bambini/166672321667?ref=h>

Già dopo qualche giorno, contavamo il numero degli spettatori. Ho capito così, che i bambini, forse più di noi adulti, sono abituati a condividere i loro lavori sul web, mettendosi da subito in discussione - anche se virtuale - davanti agli altri, conosciuti e non.

Dopo il primo corso della Scuola, lo confesso, ero stanco: i bambini, si sa, richiedono grande energia fisica e psichica. Inoltre, troppe questioni di metodo si erano poste, che intuivo avessero bisogno di tempo per essere risolte. Comunque sia, la voglia di proseguire era molta.

E così, nel dicembre del 2009, ho accettato l'invito a realizzare il secondo corso della Scuola, questa volta all'Associazione "Il Barone Rampante" di Marcella Rembado, a Boggio Verezzi in Liguria, con bambini di età compresa tra i 6 e 9 anni.

Nelle prime ore di alfabetizzazione, dopo aver proiettato il primo film della Scuola, ho lavorato utilizzando il celebre film di Chaplin "Il Monello", che ha riscosso grande interesse (Charlot funziona sempre, ma dai bambini è sempre meno conosciuto, ahimé).

Al momento di scegliere l'idea per il film da realizzare insieme, non mi sono fatto trovare impreparato²¹ e ho letto e mostrato ai bambini un libro illustrato ("Il giorno che scambiai mio padre con due pesci rossi" di Gaiman Neil e McKean Dave²²), proponendo loro di ispirarsi ad esso, per realizzare un film. La storia è piaciuta, l'hanno "resa loro" e trasposta in sceneggiatura.

Così è nato il secondo film della Scuola:

IL GIORNO IN CUI SCAMBIAMMO NOSTRO PADRE PER UN PALLONE

21 La preparazione didattica che il docente deve sostenere per insegnare, sia a livello di contenuti che nei metodi, richiede tempo e deve essere aggiornata per ogni corso e in relazione ogni volta a classi nuove e contesti diversi. Una delle attività preparatorie più importanti è naturalmente quella della continua visione e lettura di testi, fumetti, film, teatro e altro per l'infanzia.

22 La trama della storia è questa: un giorno, un ragazzino, affascinato dai due pesciolini di un amico, si dimostra disposto a barattare qualsiasi cosa pur di ottenerli. La scelta cadrà incredibilmente sul padre e lo scambio avrà luogo. La sorellina del maldestro ragazzino storcerà il naso: "Quando la mamma torna a casa saranno guai". Infatti la madre vorrà inevitabilmente indietro il proprio marito ma l'operazione di recupero non sarà così semplice e presenterà non poche complicazioni.

Link youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=6xHJiM57rv4>

Un fratello e una sorella di cinque e sette anni cercano di giocare col padre, che legge sempre la Gazzetta dello Sport e non li degna di interesse. Arrabbiati, i figli, decidono di darlo via, scambiandolo con un pallone di un amico. Quando la madre se ne accorge, ordina loro di andarlo a cercare. I due fratelli vagano per il paese, fino a che non ritrovano il padre, abbandonato più volte da diversi bambini perché noioso e indifferente, il quale, finalmente, capisce di avere sbagliato e si mette a giocare affettuosamente con i figli e con gli amici dei figli.

Il tema psicologico del rapporto col padre si è rivelato assai vicino alle esperienze dei bambini, ma temevo che nel film la chiave surreale del “padre scambiato per un pallone” non reggesse. Non è andata così: i bambini sono riusciti a rendere credibile l'incredibile, con grande naturalezza. E' bastato saperli seguire: così è nato un film dall'impianto realistico, ma con una dimensione di assurdità giocosa, che lo rende davvero speciale.

Il lavoro di realizzazione tecnica si è svolto bene, secondo la modalità già seguita durante il primo corso, ovvero un gruppo di bambini registi (coordinati da me) ha diretto un gruppo di bambini attori, che hanno recitato e scelto i costumi. Questa volta però avevo diviso io i bambini nei diversi ruoli della troupe, secondo quella che mi è sembrata la loro inclinazione creativa. Non mi sono sbagliato e ho evitato inutili gelosie.

Il corso si è svolto in un'Associazione di un piccolo paese, cosa che ci ha aiutato a trovare locations varie e a muovere la troupe senza difficoltà²³. L'aiuto di Marcella Rembado, Presidente dell'Associazione che ospitava il corso, è stato molto prezioso.

Un solo problema si è presentato sul set: la bambina interprete protagonista, alla fine delle riprese, era esausta ed è scoppiata a piangere: aveva lavorato per troppe ore consecutivamente²⁴.

Nel gruppo di bambini c'era anche un bambino portatore di handicap, per la precisione sordomuto, ma si è adattato benissimo al lavoro di gruppo e, nonostante qualche difficoltà, ha partecipato alla realizzazione e recitato

23 Considerazione didattica: è meglio lavorare con Associazioni, Scuole o Enti che hanno grandi spazi a disposizione o sono situate in paese o nei pressi della natura. Questo aiuta molto i bambini e il docente nel lavoro di realizzazione.

24 Questione didattica: quante ore di seguito riescono a lavorare i bambini? Come dividere al meglio le ore di lavorazione sul set?

nel film²⁵.

Il montaggio si è svolto sotto la mia supervisione e ha divertito tutti moltissimo. Appuntamento di fine corso: la proiezione pubblica e il caricamento del film su youtube, col consueto conteggio degli spettatori della rete.

Nel gennaio del 2010, Daniela Bastianoni, professoressa e autrice radiofonica di Radio Popolare, mi ha proposto di lavorare con una Terza Media (età media: 13 anni) della Civica Scuola Manzoni di Milano, per realizzare un corso di cinema su un tema di educazione civica preciso, prendendo spunto dal libro “Sei Stato tu? La Costituzione attraverso le domande dei bambini” di Gherardo Colombo e Anna Sarfatti²⁶.

Dopo le prime ore di alfabetizzazione realizzate studiando il film di John Landis “Un lupo mannaro americano a Londra” (film che ben si adatta ai gusti di ragazzi preadolescenti), abbiamo letto insieme il libro di Colombo e Sarfatti. Si è rivelata un’operazione faticosa, perché il testo, anche se piacevole, è complesso e merita un approfondimento a sé, al di là del corso di cinema. Complicato è stato anche decidere come trasporlo in video²⁷.

Il film che abbiamo realizzato si intitola:

SEI STATO TU?

Link youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=6LtFVbPfFao>

E’ un documentario intervista a ragazzi e a ragazze di quattordici anni, che pongono domande e si danno risposte su temi quali: giustizia e ingiustizia, autorità e democrazia, diritti e doveri, donne e uomini, immigrazione e

25 Questione didattica: qual’è il modo giusto per far partecipare ai corsi anche bambini portatori di handicap fisici o psichici? Il linguaggio audiovisivo può aiutarli a esprimere loro stessi, forse meglio di altri linguaggi?

26 Nel libro, i principi della Costituzione sono spiegati ai ragazzi con semplicità da uno stimato ex magistrato e da un’attivissima scrittrice e insegnante. Si parte direttamente dalle domande dei ragazzi, per affrontare concetti fondamentali (cittadinanza, uguaglianza, diritti e doveri, parità tra uomini e donne, diritti delle persone disabili) e per spiegare come è organizzato lo Stato italiano (gli statuti regionali, come nascono le leggi, cosa fa il Presidente della Repubblica, come si forma il Governo, chi sono i magistrati). Ad ognuno di questi temi è dedicato un capitolo articolato in domande e risposte. Il testo completo della Costituzione è riportato in fondo al libro, affinché possa essere consultato per eventuali approfondimenti o per scoprire parole inusuali o particolarmente difficili.

27 Questione didattica: quali testi sono più adatti a essere trasposti dai bambini in film, documentario o finzione che sia?

molto altro.

La riflessione che ne esce non è certamente organica, ma è piena di interessanti spunti per discussioni anche in ambito adulto.

Dal punto di vista prettamente cinematografico, il video si limita a una scelta creativa delle ambientazioni in cui si svolgono le interviste (luoghi atipici dell'edificio scolastico Manzoni) e ad un uso giocoso del trucco e dei costumi. Le inquadrature, scelte con gli alunni, sono semplici. Più lungo invece è stato il lavoro di montaggio, per il quale abbiamo dovuto selezionare le interviste giuste in mezzo a tanto materiale. Le musiche proposte dagli allievi rendono il documentario ritmato e fruibile.

Dopo la proiezione, il corso si è chiuso con il consueto caricamento del film su youtube e la promozione su Facebook.

Con il senno di poi, mi sono accorto che il problema più serio di questo terzo corso è stato che gli allievi erano troppo numerosi e non molto motivati (il corso di cinema gli era stato imposto dalla Scuola) e che da solo ho fatto difficoltà a gestire il lavoro²⁸.

Per il quarto film, nella primavera del 2010, mi sono spostato alla Scuola Media di Calci "Giunta Pisano", in un paese vicino a Pisa, in Toscana. Bello – ho pensato – questa Scuola mi porta a viaggiare e a conoscere comunità di bambini di luoghi e culture diverse.

Questa volta ho lavorato con due Prime Medie (età media dei bambini: 11 anni) e ho avuto l'assistenza di due brave insegnanti, Rita Luciani e Cinzia Luci, le quali mi hanno vitato a trasporre in film una famosa favola di Gianni Rodari²⁹, Il giovane gambero³⁰. Che bella proposta – ho pensato. In Italia

28 Questione didattica: qual'è il numero perfetto di alunni per un corso di realizzazione cinematografica? E inoltre, può l'insegnante di cinema da solo gestire la classe del corso? O ha sempre bisogno di un assistente?

29 Gianni Rodari (Italia 1920-1980) è stato uno scrittore, pedagoga e giornalista italiano, specializzato in testi per bambini e ragazzi e tradotto in moltissime lingue. Vincitore del prestigioso Premio Hans Christian Andersen (edizione 1970), fu uno tra i maggiori interpreti del tema "fantastico" nonché, grazie alla Grammatica della fantasia, sua opera principale, uno fra i principali teorici dell'arte di inventare storie.

30 La trama de Il giovane gambero è questa. Un giovane gambero pensò: "Perché nella mia famiglia tutti camminano all'indietro? Voglio imparare a camminare in avanti, come le rane, e mi caschi la coda se non ci riesco". Cominciò ad esercitarsi di nascosto, tra i sassi del ruscello natio, e i primi giorni l'impresa gli costava molta fatica...

Il giovane gambero rifiuta di rispettare la tradizione che lo condanna a camminare all'indietro. L'autore non sa se riuscirà nel suo proposito; comunque la sua interpretazione è originale e ottimistica: se tutti fossero obbedienti ai costumi del passato non esisterebbe progresso.

abbiamo tanti meravigliosi scrittori per bambini, dai quali si possono trarre tante belle idee per il Cinema dei Bambini.

Dopo le ore di alfabetizzazione audiovisiva, abbiamo letto in classe a voce alta la favola “Il Giovane gambero”; abbiamo riflettuto sul suo senso più profondo e su suggerimento dei bambini, abbiamo trasformato il gambero che cammina in avanti, contro il parere della famiglia, in una bambina che decide di camminare a piedi nudi, contro il parere di tutti. L’idea, che si è rivelata buona, ci ha permesso di costruire una sceneggiatura credibile e avvincente. I temi della diversità e dell’accettazione, della ribellione, della solitudine, del bullismo, così importanti da approfondire in ambito scolastico, sono espressi nel film in modo poetico e mai retorico.

A PIEDI NUDI

Link youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=KybtEWyl6lU>

Un giorno una bambina vede un gruppo di bulli che prende in giro e ruba le scarpe a una sua amica straniera. Impressionata dalla scena, si toglie le sue scarpe e le presta all’amica. Da allora decide di camminare sempre a piedi nudi, destando stupore e irritazione a scuola, a casa, in famiglia, per strada... nonostante sia criticata e presa in giro ovunque vada, la bambina prosegue per la sua strada, imperterrita e coraggiosa (ma forse anche un po’ matta...).

Dopo aver scritto la sceneggiatura, i bambini (in numero di 35: tanti! ma stavolta ero aiutato dalle due insegnanti), hanno fatto un casting tra loro, per scegliere la bambina protagonista.

Ho assistito ai provini, cercando di indirizzare la scelta, ma senza rivelarmi.

La bambina scelta ha recitato in modo eccezionale e si è prestata a dure condizioni di lavoro, camminando la maggior del tempo del set a piedi nudi.

Anche per gli altri ruoli, la scelta è ben riuscita: i bulli sono azzecatissimi, la bambina cinese a cui rubano le scarpe non è da meno. Le insegnanti recitano la parte di se stesse. Per la parte della madre, i bambini hanno convinto a recitare la mamma di una delle alunne, che si è dimostrata perfettamente all’altezza, così per la signora anziana che compare nel finale, che è la nonna di uno dei bambini. Ho capito che quando si tratta di fare un film, le famiglie dei bambini sono normalmente molto disponibili a

La fiaba finisce con questa frase: «Andrà lontano? Farà fortuna? Raddrizzerà tutte le cose storte di questo mondo? Noi non lo sappiamo, perché egli sta ancora marciando con il coraggio e la decisione del primo giorno. Possiamo solo augurargli, di tutto cuore: - Buon viaggio!» (Gianni Rodari, Il giovane gambero, da “Favole al telefono”).

recitare, offrire locations, costumi e perfino luci.

Anche la lavorazione tecnica (con la divisione in due gruppi: registi e attori), dalle riprese al montaggio, alla scelta delle musiche (canzoni dei Beatles), si è svolta nel miglior modo possibile.

Il cortometraggio, proiettato pubblicamente e caricato poi su youtube, ha avuto un successo internazionale, con più di 30.000 spettatori in due anni.

Unico neo del lavoro: ancora troppi bambini. Anche se aiutato da due brave insegnanti, ho avuto difficoltà a coinvolgerli tutti in prima persona, nella scrittura, nella realizzazione tecnica, nella recitazione. Qualcuno ci è rimasto male: avrebbe voluto partecipare di più al lavoro. Ho capito che il numero perfetto di alunni per un Corso di realizzazione cinematografica è tra gli 8 e i 15.

Per il quinto corso della Scuola di Cinema dei Bambini, nel maggio del 2010, sono tornato a Milano, invitato dall'Associazione "NonsoloMerenda", Associazione gestita da efficienti mamme, che organizzano il tempo libero dei bambini della Scuola Materna e Elementare del quartiere di San Siro.

Dopo le consuete ora di alfabetizzazione, ho proposto ai bambini (età 6-8 anni) di leggere insieme una favola di Gianni Rodari, "A sbagliare le storie"³¹, una storia intelligente e ironica, che prende in giro la favola di Cappuccetto Rosso e allude alla complicità affettuosa tra nonni e nipotini.

La storia ha divertito molto i bambini, che hanno deciso di trasformarla

31 La trama di "A sbagliare le storie" è, in sintesi, questa:

- C'era una volta una bambina che si chiamava Cappuccetto Giallo.

- No, Rosso!

- Ah, Sì, Cappuccetto Rosso. La sua mamma la chiamò e le disse: Senti, Cappuccetto Verde...

- Ma no, Rosso!

- Ah, Sì, Rosso. Vai dalla zia Diomira a portarle questa buccia di patata.

- No: vai dalla nonna a portarle questa focaccia.

- Va bene. La bambina andò nel bosco e incontrò una giraffa.

- Che confusione! Incontrò un lupo, non una giraffa.

- E il lupo le domandò: «Quanto fa sei per otto?» – Niente affatto. Il lupo le chiese: «Dove vai?»

- Hai ragione. E Cappuccetto Nero rispose... – Era Cappuccetto Rosso, rosso, rosso!

- Sì, e rispose: «Vado al mercato a comperare la salsa di pomodoro».

- Neanche per sogno: «Vado dalla nonna che è malata, ma non so più la strada».

- Giusto. E il cavallo disse... – Quale cavallo? Era un lupo.

- Sicuro. E disse così: «Prendi il tram numero settantacinque, scendi in piazza del Duomo, gira a destra, troverai tre scalini e un soldo per terra, lascia stare i tre scalini, raccatta il soldo e comprati una gomma da masticare».

- Nonno, tu non sai proprio raccontare le storie, le sbagli tutte. Però la gomma da masticare me la comperi lo stesso.

- Va bene: eccoti il soldo.

E il nonno tornò a leggere il suo giornale.

in film: abbiamo scritto insieme la sceneggiatura, riadattando molte scene della fiaba e trasformando il nonno in papà. Poi, dopo il casting, abbiamo realizzato i costumi (i vestiti colorati di Cappuccetto e le maschere degli animali che la bambina incontra) insieme a una gentile educatrice dell'Associazione, Marina Tagliabue, e allestito le scenografie nella Sala dell'Associazione e nel Parco condominiale adiacente.

Così è nato il quinto film della Scuola:

IL BABBO SBAGLIA STORIE

Link youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=wXiXHYCNfpk>

Un babbo, in voce over, racconta a sua figlia la storia di Cappuccetto Rosso, che vediamo rappresentata in immagini, ma continua a sbagliarla, apposta. La bambina si arrabbia, lo corregge, ma si diverte a stare con il suo spiritoso papà, a cui vuole tanto bene.

I bambini hanno recitato nella “rappresentazione visiva” della storia, tutti tranne la bambina protagonista, che ha invece letto la voce over e compare nel finale col padre, che la prende in giro affettuosamente. A turno i bambini mi hanno aiutato a trovare le inquadrature e a registrare le voci, per poi combinare le scene migliori in montaggio (l’uso della voce over che unisce le diverse scene li ha molto incuriositi) e promuovere il film sul web.

Il lavoro si è svolto bene. Unico problema: un bambino si è arrabbiato nel momento in cui, su mio consiglio, ha dovuto ripetere la scena numerose volte fino a recitarla al meglio. Un problema simile si era posto durante la realizzazione del secondo film della Scuola “Il giorno in cui scambiammo il nostro papà per un pallone”, nel momento in cui la bambina protagonista era scoppiata a piangere a fine set, esausta.

Entrambe le volte ho cercato di spiegare ai bambini che su un set si fanno tante prove e i ciak si ripetono tante volte, perché il film venga bene, ma solo i più grandi capiscono il senso di ciò che dico.

Mi si è posta quindi una questione di fondo (che già mi ronzava in testa dal primo corso in avanti): quanto il docente deve coordinare la regia (insieme ai bambini) perché il film sia realizzato al meglio e quanto invece deve lasciare liberi i bambini di creare, sbagliare, sperimentare? Esiste una via di mezzo che permette di portare a termine un lavoro godibile per uno spettatore qualsiasi?

Certo è che il sistema tradizionale di realizzazione di un film - troupe, cast, set e una sola macchina da presa - toglie libertà creativa e responsabilità

agli alunni a favore del docente. In mancanza di tempo e di soldi per il corso, il docente carica su di sé, infatti, buona parte del lavoro, che invece dovrebbero curare gli allievi, in prima persona.

Per il sesto corso, nel settembre del 2010, ho cercato perciò di cambiare un po' il mio metodo di insegnamento.

Nuovamente presso l'Associazione "Il Barone Rampante" di Marcella Rembado, che mi ha proposto di svolgere tre corsi per realizzare tre film, in tre sessioni diverse, ho lavorato con una classe composta da bambini di varie età, tra cui due ragazzini della Scuola Media e due bimbe della Scuola Materna di 3 anni.

Ho deciso di lavorare sulle emozioni (la paura, la felicità e il dolore), senza preparare coi bambini un copione vero e proprio, ma scrivendo, su indicazione di ognuno di loro, un elenco di immagini e suoni, ad esse collegati. Poi ho lasciato i bambini liberi di creare i loro piccoli film, realizzando da soli le riprese, ognuno le sue, utilizzando i mezzi che avevano a disposizione: cellulari, macchine fotografiche, videocamere. Aiutati un po' da me durante il corso, un po' dai genitori a casa, i bambini hanno realizzato molte riprese che hanno poi commentato, uno alla volta, davanti alla mia macchina da presa, a mò di intervista, riflettendo liberamente sul tema delle emozioni e sulle immagini da loro registrate.

In montaggio abbiamo poi associato le loro riprese alle loro parole e ne è nato un piccolo film, dal titolo:

LA VITA SECONDO NOI

Link su youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=bRQdIF1k918>

Un documentario sulle emozioni: la paura, la felicità, il dolore; una riflessione "filosofica" sul mondo e sulla vita di un gruppo di bambini tra i 3 e i 12 anni.

Il lavoro che ha portato alla realizzazione di questo film, mi ha soddisfatto molto, perché si è rivelato più partecipativo dei precedenti. Non mi sono preoccupato del fatto che la tecnica cinematografica sia ogni tanto difettosa, perché ho capito, con questa modalità didattica, di essere più vicino ai miei piccoli allievi, più sensibili di me nel catturare la realtà con mezzi leggeri: cellulari e macchine fotografiche sono la nuova frontiera della comunicazione audiovisiva.

Certo è, che questo sistema, funziona per il genere documentario; più difficile è usarlo per realizzare un film di finzione.

Per il settimo corso, a luglio del 2011, volevo coniugare il desiderio di girare con gli alunni un cortometraggio di finzione (e non documentario), tratto ancora una volta da una favola di Rodari “La strada che non andava in nessun posto”³², con l'intenzione di coinvolgere ogni allievo, con la sua libertà di espressione, nella realizzazione tecnica: ho così proposto loro di fare un film per metà con riprese dal vero e per metà con disegni.

E' nato così:

LA STRADA CHE NON ANDAVA IN NESSUN POSTO

Link su youtube: https://www.youtube.com/watch?v=BEmOHw_O2Ng

Un gruppo di bambini gioca a nascondino nei vicoli di un vecchio borgo. Una bambina si nasconde dietro un muro e scopre che da lì parte una misteriosa strada che non si sa dove porti. Gli amici le sconsigliano di percorrerla, dicendo che non porta in nessun posto, ma lei, curiosa e testarda, decide, da sola, di andare a vedere. Scopre così un mondo fatato, con un bosco e un castello abitato da una simpatica principessa, dal quale torna piena di doni per gli amici e una bella torta per festeggiare...

“La strada che non andava in nessun posto” è uno dei lavori più belli della Scuola, capace di affrontare il tema della diversità, del coraggio, della curiosità della conoscenza, dell'anticonformismo, con stile molto creativo: ogni bambino ha interpretato un personaggio e disegnato qualcosa del cartone animato. Dopo aver scritto la sceneggiatura, ispirandosi all'omonima fiaba di Gianni Rodari, i bambini hanno fatto un casting, scegliendo i vari attori e la bambina protagonista. Poi, tutti insieme, abbiamo trovato l'ambientazione per il film in un vecchio borgo di campagna. Solo allora i bambini hanno disegnato l'ambientazione e i personaggi, cercando di creare una corrispondenza verosimile tra gli attori, le locations reali e i loro disegni.

Nelle riprese, abbiamo curato i raccordi tra le parti reali e le parti disegnate

³² La trama della fiaba è questa: all'uscita di un paese in cui vive il piccolo Martino, si dividono tre strade: quella di destra va verso il mare, quella di sinistra porta in città, mentre la terza non va in nessun posto. Martino, però, è un bambino curioso e vorrebbe sapere fin dove arriva quella strada che non va in nessun posto. Cosa può esserci alla fine? Tutti gli ripetono la stessa cosa: quella strada non va in nessun posto, nessuno l'ha mai costruita, è sempre stata lì. E se non va in nessun posto, allora è inutile percorrerla. Ma il piccolo Martino non riesce ad accettare queste risposte e continua a pensare che se mai nessuno ha provato a percorrere quella strada, come si può essere certi che non vada da nessuna parte? Così, a causa della sua ostinazione, gli abitanti del paese cominciano a chiamarlo Martino Testadura, ma a Martino non importa ciò che la gente pensa di lui: cresciuto abbastanza per poter partire solo, decide di incamminarsi per quella strada che mai nessuno prima di lui ha osato percorrere. Cosa troverà alla fine? Una grande sorpresa lo attende...

e infine, col montaggio, abbiamo unito armonicamente il risultato dei vari procedimenti di realizzazione, anche grazie alla voce over recitata da una bambina (che racconta la storia) e da una musica d'atmosfera in stile fiabesco.

La classe, composta di bambini di età compresa tra i 6 e gli 11 anni, ha lavorato in modo meraviglioso.

La trilogia dei film realizzati presso l'Associazione "Il Barone Rampante", si è conclusa grazie a un nuovo corso, a settembre 2011, e alla produzione di un film tratto dalla fiaba di Andersen "Il soldatino di stagno"³³.

IL SOLDATINO E LA BALLERINA

Link su youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=YqxNexNC7Rs>

Due bambine e un bambino giocano con vari giocattoli, tra cui un cowboy, un soldatino senza una gamba e una ballerina di carta. I tre giocattoli sono in realtà animati e parlano tra loro. Il soldatino corteggia la ballerina, ma, appena rimane solo con lei, una brutta marionetta lo soffia via fuori dalla finestra. Disperato, il soldatino resta per strada sotto la pioggia; poi viene recuperato da dei bambini che lo fanno navigare su una barchetta in una fontana del parco. Dalla fontana il soldatino finisce in un fiume e lì viene mangiato da un pesce, poi pescato dalla famiglia dei bambini conosciuti a inizio storia. Così il soldatino torna dal suo amico cowboy e dalla sua amata ballerina. Purtroppo però i bambini si mettono a litigare e per dispetto buttano il soldatino e la ballerina nel caminetto, dove bruciano l'uno vicino all'altra, finalmente insieme.

³³ Per chi non la ricordasse, questa è la trama della fiaba Il soldatino di stagno di Andersen: due bambini, fratello e sorella, ricevono in dono un castello di carta, con figurine di carta, tra cui una ballerina con un lustrino dorato sul petto e un gruppo di 25 soldatini di stagno. A uno dei soldatini manca un pezzo di gamba perché è stato fuso dopo gli altri, con lo stagno avanzato. Ogni notte, quando i bambini sono addormentati, i loro giocattoli prendono vita. Il soldatino senza una gamba si innamora della ballerina di carta. Fra i giocattoli c'è un troll a forma di diavolo, geloso del soldatino di stagno, che lancia una maledizione sulla coppia condannandola a non essere mai felice. Il giorno dopo, infatti, il soldatino cade fortuitamente dal davanzale della finestra. Trovato in terra da due bambini, viene messo su una barchetta di carta e spinto in mare; la barca stessa poi affonda e il soldatino viene mangiato da un pesce. Per tutto il tempo, il soldatino resta coraggiosamente sull'attenti, col chepì dritto in testa. Miracolosamente, il pesce viene pescato e finisce proprio nella cucina della casa da cui proviene il soldatino; recuperato dal cuoco, torna fra i giocattoli e dalla sua amata ballerina. La crudeltà del troll però non è sconfitta; il soldatino finisce questa volta nel fuoco, e inizia a sciogliersi. Nella stanza dei bambini, però, viveva una buona fata. Impietosita dalla sventura del soldatino, la fata ordina che il soldatino sia salvato e viva per sempre felice. Allora, un vento delicato fa volare nel fuoco anche la ballerina. Il giorno successivo, dei due non rimane che un cuoricino di stagno e un lustrino annerito dal fuoco. Era ciò che rimaneva di un grande amore.

La sfida tecnica degli alunni (di età compresa tra i 4 e i 10 anni) è stata questa volta a livello “profilmico”, ovvero a livello di ciò che si svolge davanti alla macchina da presa: già in sceneggiatura, ma poi soprattutto in ripresa, i bambini dovevano rendere credibile il passaggio da momenti in cui sulla scena i giocattoli sono giocattoli, a momenti in cui i giocattoli sono attori in carne e ossa e si relazionano ai personaggi bambini (giganti in confronto ai giocattoli). Ho lasciato alla classe il compito di risolvere la questione, seguendo il modello del film “Una notte al Museo”³⁴ (che è servito per il corso nella fase di alfabetizzazione), dove gli oggetti del museo, per esempio i soldatini, si animano e interagiscono con personaggi molto più grandi di loro. I bambini si sono divertiti molto a trovare i giocattoli, in particolare il soldatino, la ballerina e il cow boy e a interpretarli/incarnarli scegliendo costumi e oggetti di scena a loro simili.

Il film non è perfetto tecnicamente, ma ha delle scene belle e momenti divertenti, e il significato della storia di Andersen è restituito in modo autentico: i protagonisti, oppressi, si riscattano solo dopo la morte, in virtù della loro bontà e del loro amore.

Per il nono film, sono tornato a Milano, nell'autunno del 2011, alla Civica Scuola Media Manzoni, con una classe seconda (età media 12 anni).

Il soggetto del film proposto alla classe, assai numerosa, è stato nuovamente quello delle emozioni: la paura, la gioia, la rabbia, la vergogna, il dolore, la libertà, il senso del dovere, che i ragazzi vivono nella loro vita, dentro e fuori dalla scuola.

Secondo il metodo adottato per il sesto film della Scuola, “La vita secondo noi”, ogni alunno, dopo aver scritto un breve trattamento, ha realizzato le sue personali riprese collegate alle emozioni, in forma di reportages o di piccola fiction, a scuola, a casa, in famiglia, per strada, nei luoghi di divertimento e dove svolge attività sportive. Tutti insieme, dopo aver studiato insieme le inquadrature, la luce e le domande da porre, abbiamo poi girato le interviste a ogni alunno, uno per volta, sul tema delle emozioni. Si è creato un cortocircuito comunicativo molto interessante e profondo, in cui i ragazzi e le ragazze hanno espresso idee e sentimenti molto intimi, sia attraverso le immagini e i suoni, che con le parole di commento. Ho avuto la conferma che realizzare film, in particolare di carattere personale e psicologico, secondo un metodo che rispetta la sensibilità degli allievi,

³⁴ Nel film Una notte al Museo, una commedia americana diretta da Shawn Levy, con Ben Stiller e Robin Williams, Larry Daley è un maldestro guardiano del Museo di Storia Naturale di New York che, senza volere, evoca un'antica maledizione per cui il museo si anima improvvisamente causando una serie di disastri...

aiuta i bambini a liberare un'energia molto positiva nei confronti di sé stessi e del mondo in cui vivono.

In montaggio abbiamo selezionato e combinato il materiale più convincente e scelto musiche che piacevano ai ragazzi, una delle quali, del cantante Zucchero, ha dato il titolo al documentario:

EMOZIONI, OVVERO DA RAGAZZINO NE SAPEVO DI PIU'

Link youtube di riferimento:

<https://www.youtube.com/watch?v=yTD8iLETuLk&feature=relmfu>

Nel decimo e undicesimo film, realizzati alla Scuola Media di Calci "Giunta Pisano" durante la primavera del 2012, ho approfondito con gli alunni il rapporto tra immagini e musica, lavorando in una prima media (età media 11 anni) a stretto contatto con l'insegnante Rita Luciani e il musicista Alessandro Lanini. Ne sono nati due videoclip, uno a partire da un brano classico e uno a partire da un brano moderno. Per il primo video, classico, che ha per titolo:

CON MOZART ALLA CERTOSA DI CALCI

Link youtube <https://www.youtube.com/watch?v=7s38kYlkF0k>

i ragazzi hanno scelto la suggestiva location dell'antica Certosa di Calci, che possedeva l'atmosfera giusta per realizzare il loro concerto di flauti della sinfonia di Mozart n° 40 in SI minore, K 550. Abbiamo realizzato le riprese degli spazi (vuoti) più importanti della Certosa e poi il concerto dei ragazzi nell'antico refettorio. Si è aggiunto così, al lavoro sul rapporto tra immagini e musica, anche quello sul rapporto tra immagini e architettura.

Il montaggio del videoclip è stato realizzato a partire dalla musica registrata alla Certosa.

Nel videoclip moderno:

CANTANDO A TE DI JOVANOTTI

Link su youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=IFQfutpHDb0>

i ragazzi hanno suonato e cantato la celebre canzone italiana "A Te" di Jovanotti in un'aula della loro Scuola, allestita apposta per il set, in modo essenziale e con scene e costumi colorati scelti dagli alunni. Abbiamo filmato l'esecuzione musicale della canzone, realizzata dalla classe intera, divisa in cantanti, chitarristi e coro; poi abbiamo realizzato, con alcuni dei ragazzi,

divisi a coppie, riprese sul tema dell'amore (in linea con la canzone), in giro per le strade del paese di Calci.

Per il dodicesimo film, realizzato contemporaneamente alla Scuola Media di Calci "Giunta Pisano", ma in un'altra Prima, ho collaborato con l'insegnante Cinzia Luci, che svolgeva un lavoro di carattere psico-pedagogico, Il Cerchio, sul tema della comunicazione tra alunni e insegnanti, famiglia e scuola. Con gli alunni abbiamo costruito un film-reportage sugli incontri di classe, incontri che si sono svolti in un'aula con i ragazzi seduti in cerchio.

E' nato così:

IL CERCHIO

Link su youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=-FgOv3sw8YQ>

Il film documenta una serie di discussioni tra i ragazzi e la professoressa sui pregi e i difetti di ognuno dei partecipanti, montandoli con riprese realizzate dagli alunni a casa, in famiglia, nei luoghi di divertimento, sui temi della felicità e della tristezza.

E' un lavoro complesso, che coniuga il genere reportage con filmati di carattere più poetico e psicologico. Ha un valore filmico in sé, ma può essere utilizzato anche come strumento didattico nelle Scuole Medie.

Il tredicesimo film è un piccolo gioiello, realizzato con bambini tra i 3 e i 6 anni della Scuola dell'Infanzia "Mater Domini" di Borgio Verezzi, presso Savona, nel maggio del 2012. La classe ha trasposto in film la celebre fiaba dei Fratelli Grimm Hansel e Gretel:

HANSEL E GRETEL

Link su youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=NkM76W65kJw>

Hänsel e Gretel, figli di un povero taglialegna che non riesce più a sfamare la famiglia, vengono condotti nel bosco e abbandonati. Vagando per la foresta, i fratellini trovano finalmente una radura, dove vedono una piccola casa. Si avvicinano e, con stupore, scoprono che la casetta è tutta fatta di dolci che loro, per la fame, si mettono a mangiare.

Mentre stanno sgranocchiando le pareti di marzapane, dall'interno della casa spunta una vecchietta. Molto affabile, questa si offre di ospitare i due fratelli. I bambini, non sapendo dove andare, accettano grati la sua ospitalità. Ma ben presto Gretel e il fratello si rendono conto di non essere più liberi, bensì prigionieri di una strega: il maschietto viene messo all'ingrasso,

dentro a una gabbia, così da metter su un po' di carne perché è destinato a diventare il pasto della strega, ben decisa a mangiarselo quanto prima. Gretel - che, dovendo fare le pulizie, è libera di girare per la casa - riesce con un trucco a spingere la strega dentro il forno, bruciandola. Libera Hänsel e così, i due bambini, impadronitisi dei beni della strega, tornano a casa dal padre, ormai ricchi e senza problemi economici per il futuro.

Dopo aver letto e discusso la fiaba, i bambini hanno raccontato la loro versione della storia davanti alla macchina da presa (la loro voce serve da filo conduttore del filmato) per poi interpretare, tutti, a turno, i vari personaggi, indossandone le maschere: in questo modo nessuno è rimasto escluso dalla lavorazione.

I bambini e le bambine si sono dimostrati bravissimi, sia nel racconto che nella recitazione, e bravissima la maestra Giorgia Fusca, che ha aiutato i bambini nella creazione dei costumi e delle scene. Un bambino per volta mi ha anche aiutato a scegliere le inquadrature giuste per ogni scena. Insomma, creativamente e didatticamente, il lavoro è stato un vero successo!

La scena finale, da sfondo per i titoli di coda, è meravigliosa: i bambini, felici, divorano cioccolatini e le caramelle della casa - scenografata - della strega.

Concludendo, posso dire che in questi primi tre anni di vita della Scuola di Cinema dei Bambini, mi sono posto molte questioni didattiche, a cui in parte ho risposto grazie all'esperienza dei corsi, la sperimentazione di diversi metodi e la realizzazione dei film: allo spettatore va il giudizio solo della punta dell'iceberg del lavoro, ovvero dei film veri e propri. Del resto dell'iceberg, sottostante, ho provato a parlare in questo articolo.

Il metodo didattico della Scuola è ancora in fieri, ma in parte, credo, lo rimarrà sempre; non sarà mai infatti troppo rigido, perché, lavorando coi bambini, ogni incontro e ogni corso è e deve restare, a mio avviso, una sorpresa, sia per loro che per me.

Posso comunque notare, che in ogni classe in cui ho svolto i miei corsi, ho incontrato una parte di bambini che risponde creativamente meglio a livello di ideazione narrativa, recitazione, creazione delle scene e dei costumi (il cosiddetto "profilmico"), e un'altra più incline a gestire la realizzazione sul piano più strettamente "filmico" (inquadrature, luci, tecniche di riprese e montaggio, mix musicale).

Dopo qualche ora di corso, mi accorgo ormai facilmente di chi ha più disposizione per l'uno o per l'altro ambito realizzativo, e cerco di stimolarlo in tal senso.



ROSALÍA ROMERO TENA - Sevilla - España

Doutora em Pedagogia pela Universidade de Sevilla/Espanha (1999). Realiza pesquisas em âmbito escolar sobre a integração com novas tecnologias desde 1999. Ao longo de sua carreira como pesquisadora e professora, escreveu mais de 20 livros e publicou diversos artigos em revistas e na internet.

Atuou como orientadora em diversas teses e dissertações, participando também em mais de 40 projetos de investigação financiados. Expos seus trabalhos sobre mídia e educação em mais de 60 congressos. Faz parte como membro do reconhecido “Grupo Investigación Didáctica (GID): Análisis tecnológico y cualitativo” Andaluz de Investigación (HUM 03900 desde 1991. Atualmente trabalha como professora pesquisadora titular da Universidade de Sevilla/ Espanha.

1. EL VIDEO, UNA HERRAMIENTA PARA LA ENSEÑANZA.

Si bien es cierto, que estamos en un momento histórico en el que el gran movimiento tecnológico-educativo traslada todas sus energías a descubrir lo que “la red” aporta al proceso de enseñanza-aprendizaje. No quita, ESTO, que muchos docentes sigan investigando y trabajando en sus aulas con tecnologías con más tradición en la educación como radio, Tv, cine, video, etc... El vídeo, en los últimos años, es uno de los medios que se ha introducido con más fuerza en la sociedad, en general, y en la escuela, en particular. Pues permite desligarse de otros medios de comunicación como por ejemplo, la televisión, para realizar productos más acabados.

Posiblemente ha sido uno de los medios que conjuntamente con los proyectores de diapositivas y retroproyector, ha adquirido una presencia rápida en nuestras aulas, sobretudo por su principal ventaja: la posibilidad de una presentación flexible y un feedback inmediato. En este capítulo nos centraremos en los aspectos didácticos del video y su inclusión en el proceso de enseñanza-aprendizaje, es conveniente, por tanto, comenzar con un breve resumen sobre sus ventajas e inconvenientes como herramienta de aprendizaje en el aula.

Ventajas	Inconvenientes
- El programa puede observarse un número indefinido de veces. - la posibilidad de introducir a través de él mensajes de otras fuentes como la televisiva y cinematográfica. - Pueden utilizarse diferentes tipos de materiales con adaptaciones específicas. - La disminución progresiva del coste de los equipos. - La posibilidad de utilizarse en diferentes niveles educativos. - La facilidad de manejo que están adquiriendo los equipos tanto en los reproductores como en los grabadores. La diversidad de funciones para las que puede ser utilizado en la enseñanza. - Permite el aprendizaje del lenguaje de la imagen. - Favorece un uso activo por parte del estudiante. - Puede fácilmente ser incorporado en un conjunto de materiales multimedia y en la red.	- Su producción por parte de los profesores y los alumnos, requiere de una formación específica, en lo que respecta al técnico, al dominio de su lenguaje, y a su diseño. - Su producción requiere poseer una mínima dotación instrumental. - Puede favorecer la pasividad en el estudiante. - La existencia de diferentes formatos y sistemas.

Cuadro nº 1. Ventajas e inconvenientes para la utilización del vídeo en la enseñanza

A las ventajas expuestas hemos de añadir las que nos traen la nueva generación de vídeo digital que se podrían resumir en: calidad en las grabaciones, la facilidad para permitir la edición de vídeo en los ordenadores, y la adaptación de los mensajes a las características de los receptores y a las necesidades docentes.

Conocidas sus cualidades y justificada su inclusión como herramienta útil y provechosa para complementar, apoyar, investigar, etc... una materia, el siguiente aspecto que debemos exponer y desarrollar es cuáles son las formas más idóneas de utilizar el video teniendo en cuenta las distintas variables contextuales del aula puestas en juego.

2. FORMAS DE UTILIZAR EL VÍDEO EN LA ENSEÑANZA

A lo largo de estos años los docentes han ido buscando diferentes formas de utilizar el video en sus aulas, cada forma suele estar ligada a la función que ejerce este medio en el proceso de enseñanza-aprendizaje. De ahí, que quizás lo que primero convendría ver es, según diferentes autores, cuáles son las funciones que se le asignan al video en la enseñanza. En el cuadro nº 2, se ofrece una visión de las propuestas que realizan diferentes autores sobre las mismas.

FORMAS DE UTILIZAR EL VÍDEO EN LA EDUCACIÓN	
AUTOR	FUNCIONES
Manuel Cebrián de la Serna ("El vídeo educativo" - 1987).	-Instrumento de producción y creatividad. -Instrumento de análisis de la realidad circundante. -Recurso para investigación, experimentación y seguimiento de procesos de laboratorio. -Difusión de la información. -Soporte de almacenamiento o banco de producciones audiovisuales. -Recurso para el análisis crítico de producciones audiovisuales y de circulación de la información. -Medio de enseñanza al servicio de las disciplinas curriculares.
Joan Ferrés i Prats ("Vídeo y educación" - 1988).	-Informativa. -Motivadora.

	-Expresiva. -Evaluativa. -Investigadora. -Lúdica. -Metalingüística
Francisco Martínez Sánchez ("Producción de vídeo y televisión con fines educativos y culturales" – 1992).	-Didáctica. -Formación y perfeccionamiento del profesorado. -Recurso de expresión estética y de comunicación. -Instrumento de investigación.
M. Angeles Nadal y Victoria Pérez ("Los medios audiovisuales al servicio del centro educativo" – 1991).	-Presentar los temas. -Motivar. -Transmitir información. -Suscitar debates. -Permitir la visualización de formas, estructuras y procesos. -Promover actividades. -Hacer recapitulaciones. -Instrumento de evaluación.
Jesús Salinas Ibáñez ("Diseño, producción y evaluación de vídeos didácticos" – 1992).	-Medio para la enseñanza (medio de presentación de información por el profesor, medio para la educación audiovisual, e instrumento para los alumnos elaboren sus propios mensajes). -Para la formación del profesorado. -Y como contenido didáctico.
Molina ("El vídeo: uso pedagógico y profesional en la escuela" – 1990).	-Funciones referidas a los alumnos: obtención de información, comprensión y aprendizaje de códigos, técnicas y recursos audiovisuales, informaciones sobre cultura icónica, construir la propia identidad,... -Funciones referidas con los equipos directivos: preparación de las clases, obtención de información cultural y psicopedagógica, cultura icónica, investigación,... -Funciones referidas con los padres: obtención de información psicopedagógica, comprensión y sensibilización métodos, técnicas y recursos pedagógicos, análisis de actitudes y valores,...

Cuadro nº 2. Funciones que el vídeo puede desempeñar en la enseñanza según diferentes autores.

Nosotros (Cabero y otros, 1989 y 2000) en una serie de trabajos llevados a cabo indicamos que podría ser utilizado de diferentes formas: -Transmisor de información. -Instrumento motivador. -Instrumento de conocimiento por parte de los estudiantes. -Instrumento de evaluación. -Para la formación y el perfeccionamiento del profesorado en estrategias didácticas y metodológicas. -Para la formación y el perfeccionamiento del profesorado en contenidos de su área curricular. -Herramienta de investigación psicodidáctica. -Para la investigación de procesos desarrollados en laboratorio. -Como instrumento de comunicación y alfabetización icónica de los estudiantes. Como medio de expresión de los estudiantes. Como instrumento para el análisis de los medios.

No vamos a desarrollar todas y cada una de las anteriormente señaladas pero sí que nos detendremos en aquellas que creemos que serán de más utilidad para los profesores de niveles no universitarios.

2.1.- El vídeo como transmisor de información

Ya señalamos que “El uso más generalizado (a veces exclusivo) del vídeo en el aula consiste en el visionado de vídeogramas didácticos. Aunque no sea la formula más creativa haya que dedicarle atención preferente por el hecho de ser la más generalizada “ (Cano, 1989: 67)

Es, por tanto, la utilización del vídeo como transmisor de la información y de contenidos que deben de aprender y conocer los estudiantes, la forma más empleada en la enseñanza, y posiblemente algunas veces sea la única. En líneas generales supone el manejo por parte del profesor desde vídeos didácticos expresamente realizados para la presentación de unos contenidos curriculares, hasta el uso de programas emitidos por televisión. Es decir, desde aquellos que están diseñados, producidos, experimentados y evaluados para ser insertado dentro del proceso de enseñanza-aprendizaje, hasta los documentales que están diseñados y producidos para el público en general, y que son adaptados por el profesor para sus estudiantes.

De esta forma, como docentes, dos son las preguntas que nos podríamos hacer en esta forma de utilización: ¿cómo deben utilizarse? y ¿cómo pueden diseñarse? en el caso de sentirnos con los conocimientos básicos tanto técnicos como didácticos elaborar nuestros propios materiales.

Por lo que respecta a la primera de las preguntas (cómo deben utilizarse) deberemos tener en cuenta una serie de aspectos para responderla:

- a) Puede ser utilizado en diferentes momentos del proceso de enseñanza. Al principio, para motivar, en medio del acto didáctico, como un elemento significativo tomado como base de la lección, o al final de la misma para aclarar conceptos, realizar una síntesis o efectuar una acción evaluativa.
- b) Deben de buscarse estrategias de utilización que proporcionen una acción colectiva y no individual sobre el material; es decir, procurar con su utilización la participación activa del estudiante sobre el documento.

Para su utilización es necesario y básico que el profesor realice una serie de actividades, tanto al principio, como durante o posteriormente a su utilización en la enseñanza. En el cuadro nº 3, presentamos una síntesis de las mismas.

Antes del visionado	Durante el visionado	Después del visionado
* La utilización del vídeo debe de comenzar con la toma de contacto privada del profesor con el programa y con sus materiales de acompañamiento. En ella realizará una valoración general del programa, teniendo en cuenta los objetivos que persigue con su utilización y las características de sus receptores. Es el momento de realizarse las preguntas que hemos indicado anteriormente. Esta evaluación le llevará a la toma de decisiones respecto a las adaptaciones necesarias que debe de efectuar sobre el material, y la forma concreta en la cual lo incorporará en la enseñanza con sus alumnos. * También se deberán de planificar las actividades de extensión que los alumnos realizarán una vez visionado el documento. * Garantizarse del funcionamiento técnico de los equipos. * Puede ser también interesante preparar una serie de preguntas a las cuales posteriormente el alumno deberá de contestar una vez observado el programa.	* Frente a un modelo lineal de utilización, caracterizado por su presentación por el profesor, la observación continuada del documento y la formulación de preguntas sobre las dudas que ha generado; proponemos un modelo estructurado donde se puedan utilizar todas las posibilidades instrumentales (pausa, avance rápido hacia adelante, cámara lenta...) y de intervención didáctica (formulación de preguntas, traslación de una pregunta formulada por un alumno a otro, revisionado de las partes más significativas...) que considere oportunas. * En la presentación del documento se deberá de explicar a los alumnos los motivos por los que se observa el vídeo y los objetivos que se persiguen, comentar los términos que puedan aparecer que no sean de dominio de los alumnos, así como también llamarle la atención sobre las partes más significativas y que le deben de prestar especial atención. * Es importante que el profesor observe las reacciones de los alumnos durante el visionado del documento.	* La utilización del documento debe de finalizar con la realización de una serie de actividades. Actividades que por una parte vayan encaminada a la identificación de errores adquiridos durante la observación y al análisis de la calidad y cantidad de la información identificada, y por otra, a la profundización en la misma. * Las actividades que el profesor puede hacer con sus alumnos son diversas y van desde las destinadas a complementar la información recibida, las destinadas a la realización de de diferentes trabajos para la profundización en la información presentada, entrevistas a especialistas, debates en grupo, identificación de errores, realizar diferentes actividades (experimentos, maquetas, dibujos, relatos, ...), elaboración de una ficha videográfica, buscar ejemplos en su contexto real, describir los diferentes personajes aparecidos, realizar esquemas y dibujos, explicar el contenido del programa con sus propios términos, la realización de murales, la realización de un resumen de los contenidos presentados, la identificación y exposición de los conceptos claves, hasta la creación de un nuevo guión del programa.

Cuadro nº 3. Acciones a realizar durante el visionado del vídeo.

No debemos olvidar que el comportamiento que tengamos durante el visionado, condicionará claramente la actitud e interés que los alumnos muestren hacia los contenidos presentados por el vídeo, así como la actividad cognitiva que desarrollen durante la observación. Comportamientos como la ausencia de clase, la realización de otras actividades o el mantenimiento de charlas con compañeros, repercutirán negativamente en la interacción

cognitiva y actitudinal que los alumnos realicen con el programa. Al mismo tiempo, contemplar a la hora de las pruebas de evaluación aspectos que en su momento hayan sido presentados a través de este medio.

Y finalmente, es importante detenernos unos instantes en pensar en algunas de las preguntas que tendremos que realizarnos a la hora de seleccionar el video más conveniente, y entre ellas algunas que nos pueden ser de utilidad son las siguientes:

- 1 ¿Los contenidos son coherentes desde un punto de vista científico?
- 2 ¿Está actualizado?
- 3 ¿Están claramente expresados los objetivos que se persiguen?
- 4 ¿Se adapta a las características de mis alumnos?
- 5 ¿El vocabulario es comprensible o necesito realizar algunas adaptaciones?
- 6 ¿Es técnicamente atractivo?
- 7 ¿Su tiempo es adecuado a las características de mis alumnos?
- 8 ¿Propicia la realización de actividades posteriores?...

Por otra parte no debemos de olvidarnos de los comentarios que realiza Ferrés (1988, 80), cuando afirma: “El programa didáctico ideal cumple, además de las exigencias didácticas, las exigencias del lenguaje audiovisual; es decir, no sólo transmite informaciones del tipo cognoscitivo, sino también sensaciones, emociones, experiencias...”

Respecto a la segunda de las preguntas (cómo pueden diseñarse), diferentes investigaciones y estudios (Cabero, 2000; Cebrián y Ríos, 2000) nos aportan una serie de aspectos que deben de poseer este medio para que faciliten el aprendizaje y que sintetizamos en el cuadro nº 4.

1 * La redundancia de la información, conseguida tanto por la presentación de la información fundamental por diferentes sistemas simbólicos, como por la simple repetición de la misma en diferentes partes del programa, es un elemento que facilita el recuerdo y la comprensión de la información.

2 * Existencia de un alto nivel de estructuración, tanto en el desarrollo del programa como en el encadenamiento de las ideas presentadas en el mismo.

3 * Aunque no existen estudios concluyentes que nos permitan contestar a la pregunta ¿cuál es el tiempo idóneo que debe de durar un vídeo didáctico?, el tiempo medio general adecuado puede situarse entre 5-10 minutos como mínimo para alumnos de primaria, y de 20-25 para estudiantes de secundaria y universitaria.

4 * Aunque un vídeo didáctico transmisor de información, no es un vídeo de entretenimiento, no

podemos olvidar a la hora de diseñarlo las posibilidades narrativas de los lenguajes audiovisuales. No deben de perderse de vista las posibilidades plásticas y emotivas de este lenguaje.

1 * La utilización de un breve resumen al final del vídeo con los aspectos más significativos comentados en el programa, es un elemento que ayuda a recordar la información fundamental.

2 * Los elementos simbólicos utilizados no deben dificultar la observación y comprensión de los fenómenos y objetos. Lo técnico debe de supeditarse a lo didáctico.

3 * Los gráficos pueden ser un elemento que ayude a ilustrar los conceptos más importantes, así a como a redundar sobre los mismos para facilitar la comprensión y el seguimiento de la información.

4 * Todas las experiencias educativas no deben de residir en el vídeo.

5 * La dificultad de la información debe de ser progresiva, evitando en todo momento saltos innecesarios, que dificulten la comprensión y el seguimiento del programa por los receptores, aspecto que sin lugar a dudas llevará a una desconexión del receptor con el programa. Esta progresión debe ser adecuada a las características psicoevolutivas de los receptores.

6 * La utilización de organizadores previos, es decir de fragmentos de información que cumplan la función de ayudar a los receptores a relacionar la nueva información que se les presentará con la que ellos ya poseen, al principio de los programas puede ser importante para facilitar el aprendizaje significativo de los contenidos presentados.

7 * Pensar que los elementos sonoros no son meramente elementos de acompañamiento, sino que cumplen una clara función expresiva, facilitando la comprensión de la información y llamando la atención al receptor.

8 * Deben de combinarse los relatos narrativos y enunciativos, con los de ficción y de realismo.

9 * Y no debe perderse el punto de vista que lo audiovisual posee una carga emocional que puede ser útil para el aprendizaje.

Cuadro nº 4. Principios a contemplar en el diseño de vídeos didácticos.

Realizado este resumen que subraya los elementos a tener en cuenta a la hora de plantearnos su diseño continuaremos con otra forma de utilización.

2.2.- El vídeo como instrumento motivador

El segundo uso que los profesores hacen del vídeo, es sin lugar dudas el de instrumento motivador de sus estudiantes. En un estudio que realizamos cuando le preguntamos a los profesores de primaria y secundaria que nos informaran respecto a los usos que realizaban del vídeo en la enseñanza, esta era una de las opciones más utilizadas. (Cabero y otros, 1999).

Frente al diseño utilizado en los otros como transmisores de información, en este caso más que una secuenciación lineal y altamente estructurada deben de utilizarse planteamientos más abiertos y flexibles, que faciliten la elaboración de resultados finales y la formulación de interrogantes específicos por los estudiantes.

Tal utilización no sólo se debe centrar únicamente en materiales producidos bien comercialmente o por el profesor, sino también incorporando directamente la cámara en clase. En este sentido Fandos (1994), nos habla de diferentes propuestas lúdicas en las cuales puede ser introducido en vídeo el educación primaria:

El videoacertijo: individualmente o por grupos, se graban objetos, cuerpos, etc, que sean difíciles de reconocer desde muy cerca. Buscando en su introducción que los alumnos acierten el objeto grabado.

El videoenigma: semejante al anterior, pero en la grabación se va abriendo progresivamente el zoom hasta se descubra el objeto completo.

Relatos en cadeneta: el alumno o el profesor delante de la cámara empieza a contar un relato, que dura un tiempo fijado con anterioridad, a éste le sigue otro alumno que debe de continuar la historia. Posteriormente se observa el material.

Videoanimación: Prepara la cámara para que grabe cada cierto tiempo, realizando los alumnos delante de la misma una serie de acciones que posteriormente serán observadas de forma conjunta en clase.

Utilizaciones del vídeo como las indicadas, sirven no sólo para motivar y animar a los alumnos en clase, sino también, para crear una

dinámica participativa, y perfeccionar determinadas habilidades expresivas y perceptivas. Sin olvidarnos que al mismo tiempo aprenden a dominar nuevas herramientas de comunicación, aspecto al que se le da bastante importancia en los nuevos planes de estudio no universitario.

2.3.- El vídeo como instrumento de conocimiento

Los avances que está sufriendo la tecnología vídeo hacia su facilidad manejo, sus características técnicas y potencialidades que permiten captar la información con aceptables niveles de calidad en los vídeos de formatos domésticos, la reducción de su tamaño, la inmediatez con que pueden ser observados los mensajes registrados, y su moderado costo, tanto en el hardware como el software, hacen que pueda ser un instrumento idóneo para que los alumnos lo utilicen para analizar el mundo que les rodea y expresarse a través de él. Y conseguir de esta forma que los alumnos no sean meramente receptores pasivos de información.

En comparación con las producciones realizadas por los profesionales del medio, las producciones realizadas por los profesores y los alumnos poseen una serie de ventajas como son: su carácter motivador, la fuerte contextualización de los mensajes producidos, la realización del trabajo desde una perspectiva colaborativa ya que deben de diferenciarse y repartirse roles específicos (guionista, cámara, locutor, guionista...), el aprendizaje de la tecnología, la alfabetización en el lenguaje de la imagen, el desarrollo de destrezas escritas ya que los alumnos se esfuerzan por concretar la información a las exigencias que demanda el medio y su concreción en un guión, y la mejora del clima y ambiente de clase y el cambio en las relaciones profesor-alumno.

La concepción del vídeo como instrumento de conocimiento vendrá de asumirlo como un elemento de trabajo del grupo-clase y a través del cual se persigue que el alumno deje de ser sólo un receptor de códigos verboicónicos para convertirse en emisor de mensajes didácticos. Por tanto el vídeo se contempla aquí como medio de obtención de información mediante la grabación de experiencias, situaciones, conductas, dramatizaciones,...

Esta utilización exige el trabajo, entre alumno-alumnos y alumnos-profesor, ya que su uso no se refiere a grabaciones indiscriminadas, sino totalmente planificadas necesitando por tanto de un diseño, de la búsqueda de información, la guionización, la videograbación,...; en resumen, un volumen de actividades que deben de ser repartidas y asumidas por el

grupo de alumnos, por el grupo clase de alumnos, o por grupos de alumnos y profesores.

El valor educativo de su utilización radica no en las cualidades de los productos que sean capaces de realizar los alumnos, sino en los procesos que se sigan para elaborarlos. Es decir, es una actividad procesual, que exige el trabajo colaborativo entre estudiantes, la admisión responsable entre estudiantes y la admisión responsable entre ellos de las diferentes tareas que deben de abordar para propiciar la elaboración del trabajo conjunto. Nuestra experiencia es que antes de su incorporación se les debe de explicar a los estudiantes los diferentes roles que son necesarios y cuáles son las funciones de cada uno de ellos: director, guionista, cámara...; para que entre ellos se organicen en función de sus habilidades y capacidades.

Como es lógico suponer su utilización implica dos cuestiones básicas: el dominio del lenguaje expresivo y narrativo del medio por parte de profesores y alumnos, y la existencia de una mínima dotación técnica. Temas en los que no entraremos puesto que el objetivo de nuestro capítulo es exponer los aspectos didácticos y pedagógicos del video y no los técnicos relacionados con diseño (guionización) la producción y postproducción del mismo.

Aunque sí podemos finalizar señalando algunas conclusiones respecto a sus posibilidades y limitaciones tras realizar diferentes estudios e investigaciones sobre la utilización del vídeo como instrumento de conocimiento como:

- 1.- La necesidad de una formación técnica y didáctica del profesorado.
- 2.- La necesidad de una justificación metodológica previa por parte del profesor, a la implantación del medio en el aula.
- 3.- Para que el vídeo pueda utilizarse como instrumento de conocimiento por parte de los estudiantes, es necesario partir de una metodología de indagación.
- 4.- Aumenta la investigación personal en los estudiantes: bibliográfica, de campo y de aplicación de los conocimientos adquiridos a su entorno cotidiano y habitual.
- 5.- La evaluación se convierte en un proceso formativo, más que en un producto sumativo.
- 6.- Mejora el ambiente y el clima de clase.
- 7.- Acercamiento de los estudiantes a los contextos naturales.
- 8.- Adquisición por los alumnos, tanto los contenidos conceptuales, como los referidos al manejo técnico de los equipos y a realización videográfica.
- 9.- Resulta difícil su utilización con grupos-clase de tamaño de los actuales.
- 10.- Esta estrategia de utilización didáctica del vídeo consume bastante tiempo, y de ello debe ser consciente

el profesor. 11.- Y produce una gran motivación en los alumnos, potenciando el desarrollo de actitudes positivas tanto hacia los contenidos trabajados como hacia el vídeo como instrumento de aprendizaje. (Cabero y Hernández, 1995).

2.4.- El vídeo como instrumento de evaluación.

La utilización del video como instrumentos de evaluación de los conocimientos y habilidades aprendidas y perfeccionadas por los estudiantes, tiene cierta tradición en determinadas áreas del conocimiento, por ejemplo la grabación en audio de ejercicios de pronunciación y conversaciones de los estudiantes en el aprendizaje de idiomas, o en educación física para detectar fallos en los juegos o posturas incorrectas, etc ... Lo bueno de esto es que el vídeo tiene para ofrecer un feed-back inmediato, consiste en utilizarlo para que el alumno observando sus propias ejecuciones, y con la ayuda del profesor y de sus compañeros, pueda analizar su comportamiento, corregir los errores cometidos y perfeccionar las habilidades.

Se podría utilizar el vídeo es como instrumento de evaluación, desde una doble perspectiva:

- 1 Diseño de situaciones específicas, tanto reales como simuladas, para evaluar los conocimientos, habilidades y destrezas de los alumnos.
- 2 Y para la autoconfrontación por parte del alumno de las actividades, ejecuciones o habilidades realizadas.

La primera consistiría en presentarle a los alumnos una serie de secuencias ("interpretar las fases seguidas en colocación de un motor", "identificación de los estilos artísticos de una serie de monumentos", "en una práctica de laboratorio identificar los fallos cometidos o los resultados alcanzados"...) para que aplicando los conocimientos adquiridos emitan un juicio de valor sobre su grado de acierto en la ejecución de la tarea, o para la localización de los errores cometidos.

Estos "videoclip evaluativos" pueden presentarse bajo diversas formas, simulación del comportamiento de un fenómeno, presentación en pantalla de diversos objetos para su discriminación, dramatización, descripción de fenómenos y su representación en gráficos para el análisis por el estudiante de la fiabilidad de la representación, presentación de acontecimientos para que los alumnos los expliquen y comenten...; es decir, a grandes rasgos podemos decir que consistiría en la suplantación por los

medios de situaciones reales a evaluar por los estudiantes.

Y en la segunda y apoyándonos en las posibilidades que el vídeo tiene para ofrecer un feed-back inmediato, consistiría en utilizarlo para que el alumno observando sus propias ejecuciones, y con la ayuda del profesor y de sus compañeros, puedan analizar su comportamiento, corregir los errores cometidos y perfeccionar las habilidades y actividades efectuadas. En este caso su utilización es muy significativa para diferentes disciplinas que irían desde la educación física, la expresión corporal, el lenguaje y los idiomas, sin olvidarnos de todas las encuadradas en la formación profesional y que implican la ejecución de actividades.

2.5.- Como instrumento de comunicación y alfabetización icónica de los estudiantes

Finalmente y, sin lugar a dudas, expondremos el video como expresión porque cada día va adquiriendo mayor trascendencia en nuestras escuelas, y en la formación de los alumnos (mundo de la imagen y de los medios de comunicación de masas). Las razones para justificar esta alfabetización icónica son diversas y entre ellas se encuentran:

El elevado índice de consumo de medios y la saturación de éstos en la sociedad contemporánea.

La importancia ideológica de los medios y su influencia como empresas de concienciación.

El aumento de la manipulación y fabricación de la información y su propagación por los medios.

La creciente importancia de la comunicación e información visuales de todas las áreas.

La importancia de educar a los alumnos para que hagan frente a las exigencias del futuro.

Además de éstas no podemos olvidarnos de una de las razones con más peso y es que el lenguaje audiovisual es el lenguaje de la cultura actual. Uno de los lenguajes de la sociedad del conocimiento. En los niveles obligatorios de la educación debe estar guiada por una serie de principios que no debemos de olvidar:

1 Estar dirigidas por la práctica: sémica, interpretativa y técnica; sin que ello deba entenderse como que la mera realización práctica sea suficiente.

2 Debe iniciarse con un aprendizaje perceptivo, que persiga como objetivo el perfeccionamiento visual para la identificación de mayor número de objeto y el de acostumbrar al alumno a una recepción activa

ante la información visual.

3 Aprender los elementos básicos del lenguaje visual y audiovisual, tanto en imagen fija como en movimiento (tipos de planos, movimientos de cámara, ángulos, composición de la imagen, significación de los diferentes tipos de sonidos...).

4 Una vez adquiridas las destrezas descriptivas y técnicas, deben desarrollarse otro tipo de destrezas, en concreto la interpretativa, con el objeto de que los alumnos sean capaces de identificar los mensajes encubiertos.

5 Y que toda la actividad debe estar dirigida por el principio y la idea de que los medios son representaciones de la realidad y nunca la realidad misma, y por lo tanto susceptibles de modificación y transformación consciente e inconsciente por las personas.

Para facilitar la consecución de estos principios y el aprendizaje sobre el mundo de la imagen y los medios de comunicación, el vídeo puede ser de gran ayuda, tanto por la posibilidad que tiene para presentar información para el aprendizaje e interpretación de determinados códigos y sistemas simbólicos, como para que el alumno construya sus propios mensajes, y en su construcción reflexionar sobre las posibilidades y significaciones que cada sistema simbólico posee, y las cargas expresivas y emotivas que connotan.

3. FORMAS DE TRABAJAR CON EL VÍDEO Y EJEMPLOS POR NIVELES.

A continuación ofreceremos tres ejemplos de aplicación didáctica del vídeo en los tres niveles educativos obligatorios del Sistema Educativo español.

3.1.- En EDUCACIÓN INFANTIL. ¿Cómo podemos trabajarlo?

FORMAS DE TRABAJAR	POSIBLES ACTIVIDADES
Función informativa	En el área de Conocimiento del Entorno, en su bloque de Conocimiento de la Naturaleza de 4 años de EI, visionaremos un video sobre los alimentos. Una vez que hemos trabajado todo lo relacionado con los alimentos: tipos de alimentos según la estación del año, la clasificación de los alimentos (vegetales, animales, lácteos,...), salado, dulce, amargo, etc, como apoyo a esa información veremos un video – documental sobre el origen de los diferentes tipos de alimentos. Una vez que los alumnos hayan visto el vídeo, trabajaremos por rincones. Mientras que los alumnos realizan las diferentes actividades propuestas en cada rincón relacionadas con los alimentos, nosotros nos dispondremos en el rincón del ordenador. Allí, ayudaremos a ese grupo a buscar información e imágenes de los diferentes tipos de alimentos vistos en el vídeo.
	En el área de Lenguajes: Comunicación y Representación, en el bloque de lenguaje artístico: musical de 5 años de Educ. Infantil, seleccionamos

Función motivadora	la UD “¡Mira quien baila!. Visionaremos el vídeo “Fantasía de Disney” (película de dibujos animados). NOTA: se desarrollada en la U.D ejemplo
Función expresiva	En el área de Lenguajes: Comunicación y Representación, en el bloque de lenguaje audiovisual y las tecnologías de la información y la comunicación y en el bloque de lenguaje verbal y el de lenguaje corporal, de 5 años. Visionaremos un spot publicitario de una conocida marca de cacao soluble, que se puede encontrar en el siguiente enlace: http://www.youtube.com/watch?v=upq0QmQ9NWM A partir de él, los alumnos tendrán que imitar las diferentes dramatizaciones que se hacen en el spot.
Función evaluativa	En el área de Conocimiento del Entorno en el bloque Vida en Sociedad y Cultura de 5 años, trabajaremos a través del visionado de un vídeo de ellos mismos su comportamiento en el aula en el tiempo de libre disposición. Un día cualquiera en el aula, en el tiempo del juego, en el que los niños tienen un comportamiento más espontáneo, grabaremos ese momento del día. Una vez que la profesora ha visionado el vídeo y ha sacado conclusiones para poder establecer diálogo con los niños y hacer hincapié en aquello que se quiere mejorar, pondremos el vídeo a los niños. Consiste en ver el vídeo con los niños y que ellos vean las actitudes y comportamientos que están bien y los que hacen mal.
Función investigador	No consideramos esta opción prioritaria en esta etapa.

U.D de ejemplo: “ MIRA QUIEN BAILA” (5 años)
La sesión que se presenta dentro de esta UD, consiste en llevar a cabo las danzas china, del hada del azúcar, árabe, de los mirlitones, la marcha y el vals de las flores de “El Cascanueces”, ballet del compositor ruso Tchaikovsky, basado en el cuento infantil de Hoffmann. El argumento basado en un cuento infantil hace que esta obra sea apropiada a esta edad. (se requerirá de varias sesiones para completar los diferentes objetivos).
Objetivos • Conocer la obra musical de El Cascanueces. • Conocer intuitivamente algunos aspectos que conforman un fragmento musical: instrumentación, esquemas rítmicos, ... • Realizar las diferentes danzas. • Observar las normas básicas del trabajo en grupo.

Contenidos

CONCEPTUAL -

- Audición, danza prosodia, acompañamiento, instrumental,...

PROCEDIMENTAL

- Escucha activa de obras musicales, El gesto, el movimiento, la pantomima, el guión,...
- Coordinación de gestos y movimientos propios y colectivos en las danzas realizadas.
- Elaboración del disfraz, el decorado, el atrezzo,...

ACTITUDINAL

- Atención e interés hacia la música.
- Actitud de participación y colaboración en las actividades de grupo.
- Participación en las actividades de danza sin tener en cuenta el sexo de nuestros compañeros y compañeras.
- Cuidado y mantenimiento de los instrumentos musicales, materiales e instalaciones.

Teniendo en cuenta la jornada escolar en Educación Infantil, comenzaremos en la asamblea con una caja mágica en el centro de los niños. Comenzaremos intrigando que contendrá esa caja, qué hace ahí,... Abrimos la caja mágica, y contiene un DVD de “Fantasía de Disney”. Les preguntaremos

- ¿por qué nos habrá visitado hoy la caja mágica?,
- ¿qué objeto pensáis que tendrá?,
- Podemos dar pistas para que ellos vayan adivinando,
- ...

Como actividad motivadora, visionaremos la película, haciendo hincapié en que deben prestar mucha atención en sus personajes y lo que hacen, porque

luego habrá que responder preguntas y realizar algunas actividades sobre lo que han visto.

Tras la película, se realizarán diferentes preguntas:

- ¿qué personajes aparecen?,
- ¿qué ocurre?,
- ¿que bailan?,
- ¿qué quería el Rey de los ratones hacer con el Cascanueces?,
- ¿cómo cobraron vida los muñecos?,

Una actividad afianzadora de después del vídeo puede ser la realización de un mural de clase sobre la escena que más nos haya gustado de la película. Cada alumno dibujar? a su personaje favorito en esa escena. En un papel continuo pegado en la pared del aula, iremos pegando todos los personajes y formando la escena.

La finalidad de esta actividad motivadora, es que los niños tomen consciencia de la historia de una manera más visual y lúdica, para posteriormente realizar la danza del Cascanueces.

3.2.- En EDUCACIÓN PRIMARIA. ¿Cómo podemos trabajarlo?

FORMAS DE TRABAJAR	POSIBLES ACTIVIDADES
Función informativa	En la materia de Conocimiento del Medio de 5º EP, seleccionamos la UD “Los seres vivos”. Visionamos un vídeo didáctico sobre los virus, como información adicional a la propia teoría de la UD. Una vez que hemos trabajado todo lo relacionado con el concepto de virus: definición, tipos, características,... Como sesión final, haremos un visionado sobre varios videos que nos ilustren gráficamente cómo son los virus, como se previenen, etc. Un ejemplo de vídeo se puede encontrar en la siguiente dirección: http://www.youtube.com/watch?v=iE-A7o9D0cM&feature=related Una vez que los alumnos hayan visto el vídeo, podrán completar un cuestionario sobre él. Como muestra sobre el enlace: LOS VIRUS Y LA HIGIENE 1. ¿Qué harías o que no harías para evitar la mayoría de los contagios que has podido ver en el vídeo? 2. ¿Es tan necesario respetar el espacio del otro como medida de higiene?

Función motivadora	En la materia de Educación para la Ciudadanía de 5º EP, trabajaremos dentro de una UD “Los derechos y deberes de los niños”. Visionaremos un pequeño cortometraje sobre los derechos de los niños, para concretar en hechos y palabras en qué consiste. Como ejemplo, dispondremos del siguiente vídeo: http://www.youtube.com/watch?v=x2LKHfP33QE&feature=related Antes de comenzar el tema, a través de un pequeño cortometraje, los alumnos percibirán cuáles son sus derechos a partir de una historia contada.
	Deberán anotar en sus cuadernos los derechos establecidos que creen que se cumplen, y cuáles creen que no se cumplen. A continuación, comprobarán en sus textos, si están en lo cierto o no. Por ello podremos establecer un debate, introduciendo también de este modo el concepto de deber, a través de su diferenciación en cuanto al concepto de ambos.
Función expresiva	En la materia de Lengua Castellana y Literatura de 2º, en la UD “Los medios de comunicación”. A través del visionado de varios anuncios de juguetería infantil, motivación para realizar su propio anuncio de juguetes, primero estableciendo una organización y luego exponerlo a los compañeros.
Función evaluativa	En la materia de Educación Física de 6º EP, seleccionamos la UD “Baloncesto”. A través de la grabación de los alumnos realizando los tiros a canasta, ellos realizan su autoevaluación. NOTA: Esta sesión se desarrollará en el ejemplo.
Función investigadora	En la semana cultural andaluza, de 5º de EP, dentro de las actividades programadas en esta semana, vamos a desarrollar una sesión de gastronomía andaluza. Los alumnos deberán buscar información en casa con sus padres, abuelos, tíos, vecinos, ... sobre recetas antiguas de Andalucía. Tendrán que escribir la receta, con sus ingredientes y todos los pasos a seguir. Una vez preparado la receta y los ingredientes, tendrán que grabarse realizando el plato que han elegido. Deben siempre estar acompañados de un mayor, por seguridad. El día de clase, cada alumno enseñará la elaboración de su plato a través de las imágenes grabadas.

UD “NOS INICIAMOS EN EL BALONCESTO” 6º PRIMARIA (12 años)

Esta sesión está dentro de una U.D. desarrollada dentro de los bloques de contenidos, ‘juegos y actividades deportivas’ y ‘habilidades motrices’ aunque también se han incluido algunos objetivos de los bloques de contenidos “el cuerpo: imagen y percepción” y “actividad física y salud”. Está orientada a los alumnos y alumnas del 3º Ciclo de Educación Primaria, sexto curso, aunque por sus características metodológicas y de aplicación puede ser puesta en práctica por otros ciclos con las convenientes rectificaciones y adaptaciones. Una vez realizada las clases teóricas sobre el tiro a canasta en baloncesto y tras haber realizado las prácticas establecidas, se realizará una autoevaluación por parte del alumnado de su propia práctica sobre tiro a canasta.

Objetivos

Iniciarse en la práctica del baloncesto

Conocer y aplicar la mecánica de tiro del baloncesto

Practicar el tiro a canasta

Contenidos

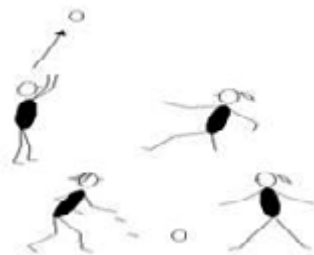
CONCEPTUAL -- Tiro a canasta. Control de balón: bote, dribling. Juego 1x0, 1x1, 2x0, 2x1, 2x2, 3x0, 3x1, 3x2, 3x3 y 5x5.

PROCEDIMENTAL - Mediante juegos de tipo, motor, desarrollaremos el tiro, pases, botes, regates. Aplicación de los contenidos anteriores, através del juego 1x0, 1x1, 2x0, 2x2, 3x0, 3x1, 3x2,3x3.

ACTITUDINAL - Se trabajan los valores (cooperación, respeto, tolerancia, justicia, empatía, amistad) constantemente mediante los juegos y contenidos anteriormente descritos.

1. Calentamiento

1.1. Los alumnos se ponen por parejas con un balón cada pareja. Van corriendo por la pista y haciéndose pases. Se les da la consigna de que deben usar la imaginación y la creatividad a la hora de pasar el balón. Cuando el profesor diga, todos deben ir hacia una canasta y tirar.

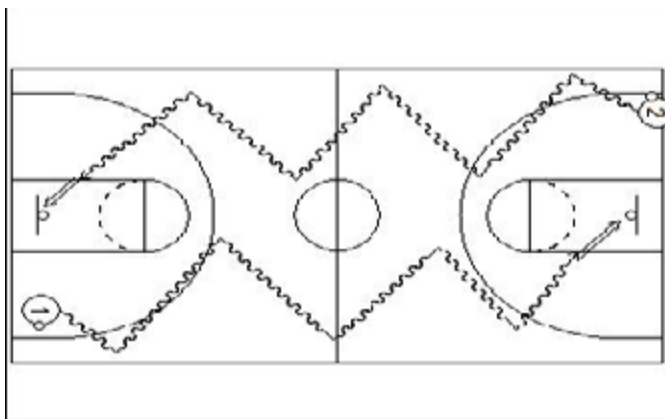


2. Parte principal

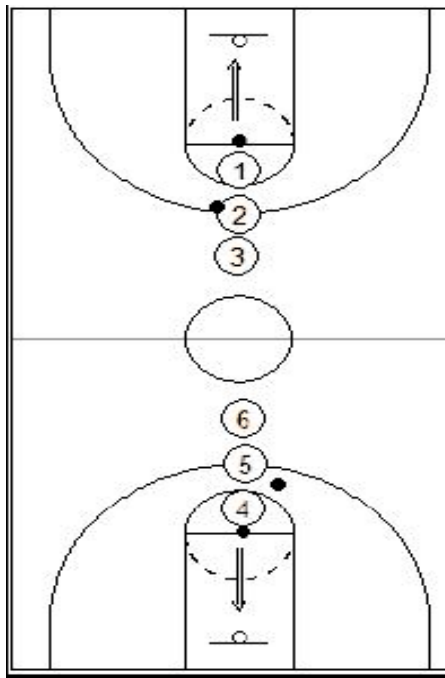
2.1. Bote de balón: Cada uno con un balón si los hubiera, si no, por parejas y cada pareja con un balón. Realizamos ejercicios de adaptación al balón: Hacemos que el balón pase de una mano a otra, sin que caiga al suelo. Lo hacemos por debajo de las piernas, haciendo ochos, sobre una pierna, alrededor de la cintura, alrededor del cuello, dibujamos espirales, etc. Explicación de cómo se bota el balón en baloncesto. Botamos el balón con la mano dominante, nos sentamos en el suelo, nos tumbamos, nos levantamos y hacemos lo mismo con la otra mano. Iniciamos el bote entre las piernas. Estáticos, colocamos una pierna adelante y otra más atrasada, con un solo bote el balón debe ir de una mano a otra.



2.2. Zigzag de habilidad: Hacemos 2 grupos que se colocaran en fila en el fondo de pista, al lado derecho de la canasta. El ejercicio consiste en ir botando en zig- zag hasta llegar a la otra canasta y tirar. Hacemos lo mismo pero para el otro lado.



2.3. KO: hacemos dos grupos con dos balones cada grupo. Los dos primeros tienen balón. El primero de la fila lanza el balón a canasta desde los tiros libres. Si mete la canasta se va al final de la fila, pero si falla, tiene que tirar hasta meter el balón porque si el segundo tira y encesta antes que el primero, este queda eliminado y se irá a la otra canasta.



3. Evaluación

Tras estas actividades, nos dispondremos a realizar la evaluación del tiro a canasta. Para ello se colocará una cámara de vídeo en el lateral del campo en línea con la zona de lanzamiento. De uno en uno, irán botando el balón de medio campo y una vez llegado a la línea de tiro de 2, lanzarán el balón.

Una vez hayan tirado todos los alumnos, nos dispondremos a visionar la evaluación.

Cada alumno tendrá una ficha con los ítems a evaluar. A partir del vídeo, tendrán que rellenar esos ítems y realizar su propia evaluación, teniendo en cuenta todo lo trabajado sobre el tiro a canasta.

Esta evaluación puede ser autoevaluación, por compañeros, etc.

3.3.- En EDUCACIÓN SECUNDARIA ¿Cómo podemos trabajarlo?

FORMAS DE TRABAJAR POSIBLES ACTIVIDADES

En la materia de Música de 2º ESO, seleccionamos el tema de los compositores clásicos. A través del visionado de unos documentales Función informativa de la vida de los compositores más importantes de una época concreta (barroco, clasicismo, ...). La manera en la que vamos a proporcionar la información sobre la biografía de diferentes autores va a ser a través de unos vídeos didácticos. La metodología a seguir en este caso sería; tras el visionado de un vídeo de un compositor concreto, los alumnos deberán de rellenar una ficha sobre él. Esta ficha podría ser del modo:

MOZART

- 1 Nombre completo.
- 2 País de nacimiento.
- 3 Fecha de nacimiento y de defunción.
- 4 Época de la historia en la que vivió.
- 5 Instrumentos que tocaba.
- 6 Obras más importantes.
- 7 Otros datos de interés.

--	--

F u n c i ó n motivadora	En la materia de Ciencias Sociales: Geografía e Historia de 1º ESO, en la UD de “Los movimientos de la Tierra”, visionaremos un vídeo sobre “Los desastres naturales”, como motivación del inicio del tema. Para comenzar esta unidad, veremos un vídeo sobre los desastres naturales que pueden ocasionar los terremotos, maremotos, tsunamis, etc. en nuestro planeta. Como ejemplo, pudiera ser: http://www.youtube.com/watch?v=uPmpIX13TWs Este documental despertará en los alumnos el interés por conocer el origen, las consecuencias, la formación, etc. de los terremotos. Como actividad complementaria, se dispondrán a realizar una búsqueda en internet sobre los terremotos más importantes de la historia. Realizarán una pequeña ficha informativa y la presentarán a sus compañeros.
Función expresiva	En la materia de Lengua Castellana y Literatura de 2º ESO, en la UD “Los medios de comunicación”. Elaborar un anuncio publicitario con un fin marcado y hacia un mercado cerrado. Hacer la grabación del mismo teniendo en cuenta unos parámetros. NOTA: este será el ejemplo que se desarrollará
F u n c i ó n evaluativa	En la materia de Inglés de 4º ESO, seleccionamos en cualquier UD un reading and speaking. A través de la grabación de los alumnos realizando el reading y su correspondiente speaking, podremos realizar una autoevaluación. En una UD sobre la cultura inglesa, realizamos de manera individual la lectura del texto. El profesor lo lee primero varias veces para que los alumnos tomen nota de la pronunciación y a continuación, se realizará la grabación por alumno del reading. A medida que cada uno se va escuc establecidos del tipo: -- Los materiales son adecuados, -- La utilización de las herramientas es la correcta, -- El tiempo empleado es poco o mucho, hando, irán haciendo su propia autoevaluación a través de una serie de ítems marcado por el profesor. Otra variante puede ser una conversation entre dos alumnos, para que ellos evalúen como interaccionan con los demás en la lengua inglesa.
F u n c i ó n investigadora	En la materia de Tecnología de 3º ESO, los alumnos tendrán que investigar sobre los sistemas de poleas. Deberán elaborar un guión sobre cómo se realiza un sistema de poleas simple (con un boceto del mismo) y los materiales y herramientas que se requieren. Una vez establecido el guión y comprado todos los materiales, se dispondrán a realizar el proyecto. Desde el primer momento deberán grabar todo el proceso de elaboración del proyecto. Como actividad final, cada alumno enseñará su proyecto y visionaremos su vídeo de elaboración. Cada alumno evaluará el proyecto a través de una serie de ítems establecidos del tipo: -- Los materiales son adecuados, -- La utilización de las herramientas es la correcta, -- El tiempo empleado es poco o mucho,

UD “ LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN” 2º ESO (14 años)

Esta sesión está dentro de una U.D. desarrollada dentro del bloque de contenidos de “Comunicación de masas”. Está orientada a los alumnos y alumnas del 2º Ciclo de Educación Secundaria, segundo curso, aunque por sus características metodológicas y de aplicación puede ser puesta en práctica por otros ciclos con las convenientes rectificaciones y adaptaciones.

Objetivos

Reconocer y analizar los elementos y características de los medios de sus mensajes.

Utilizar sus recursos expresivos, lingüísticos y no lingüísticos, en los intercambios comunicativos propios de la relación directa con otras personas

Comprender discursos orales y escritos, reconociendo sus diferentes finalidades y las situaciones de comunicación en que se producen.

Expresarse oralmente y por escrito con coherencia y corrección, de acuerdo con las diferentes finalidades y situaciones comunicativas y adoptando un estilo expresivo propio.

CONCEPTUAL	PROCEDIMENTAL	ACTITUDINAL
--- Los sistemas de comunicación mixtos y los medios de comunicación. Cómic, prensa, publicidad y medios audiovisuales. --- Interacciones entre los distintos sistemas y medios de comunicación.	--- Análisis y producción de las estructuras básicas de la comunicación oral. --- Producción de mensajes que utilicen los lenguajes verbales, no verbales y mixtos (prensa, publicidad, medios audiovisuales). --- Aprovechamiento de las posibilidades de las nuevas tecnologías para la producción, manipulación y tratamiento de la información.	--- Valoración de la responsabilidad individual, el espíritu de trabajo y el esfuerzo personal. --- Sensibilidad hacia el aspecto lúdico y creativo de la lengua oral y escrita. --- Valoración del papel social que desempeñan los sistemas de comunicación mixtos y los medios de comunicación.

Estudiar los géneros periodísticos prestando especial atención a los anuncios publicitarios y propagandísticos. Ver las principales diferencias entre ambos.

Como actividad previa a la grabación del anuncio, pondremos a los alumnos una serie de anuncios, desde el blanco y negro hasta la actualidad. Iremos comentando las diferencias que vamos encontrando con la actualidad: formato, mensaje, medios utilizados, Algunos ejemplos pueden ser:

- http://www.youtube.com/watch?v=8G5mYNJ1_dY
- <http://www.youtube.com/watch?v=uUoBvXt0PjM&feature=related>
- http://www.youtube.com/watch?v=_hO5Srp553w&feature=related

Una vez que hemos visto diferentes anuncios antiguos y actuales, y hemos sacados diferencias y conclusiones, los alumnos tendrán que elaborar un anuncio publicitario siguiendo los siguientes pasos:

1. Deberán crear por grupos (de cuatro personas como máximo) un producto que pudiera revolucionar el mercado y crearle un nombre apropiado. Tiene que ser un producto competitivo para poder lanzarlo en este tiempo de crisis.
2. El primer eslabón, una vez seleccionado el producto sería ver la funcionalidad de éste. Hay que tener en cuenta hacia qué colectivo social nos estamos dirigiendo (niños, padres, hombres, mujeres...) y conseguir motivarlos para adquirir el producto.
3. Un vez que se tiene todo lo demás fijado, habría que seleccionar la frase que “enganche” a los compradores, es decir, el eslogan. Este es fundamental, ya que, el lanzamiento y triunfo del producto depende en gran parte de ello.
4. Por último, tendrá lugar la grabación del mismo en la que habría que respetar las siguientes consideraciones:
 - Calibrar qué escenario elegiremos para grabar nuestro anuncio (esto se hará en hora extraescolar y correrá a cargo de los alumnos).
 - Debe acompañarle una música acorde a lo que vamos a presentar.
 - El anuncio publicitario durará como mínimo 1 minuto.

La puesta en común de todos los anuncios grabados, será una actividad que nos servirá para que todos, en común podamos ver que sobra o que falta a cada uno de ellos (la intención, el vocabulario, el lenguaje no gestual, etc...).

2.4 EVALUACIÓN:

Deben cumplir con exactitud los parámetros anteriores. Se valorará positivamente la originalidad de los grupos, y la puesta en escena. Debe ser un producto verosímil y adaptado a las circunstancias del colectivo para el que se ha seleccionado.

5. BIBLIOGRAFÍA

- CABERO, J. (dir) (1999): Los usos de los medios audiovisuales, informáticos y las nuevas tecnologías en los centros andaluces. Los cuestionarios (I), en CABERO, J. y otros (coords): Y continuamos avanzando. Las nuevas tecnologías para la mejora educativa, Sevilla, Kronos, 467-502.
- CABERO, J. (2004): Uso del video en la enseñanza, en CABERO, J. y ROMERO, R (coords.): Nuevas tecnologías en la práctica educativa, Granada, Arial Ediciones, 77-103.
- CABERO, J. y HERNÁNDEZ, M.J. (dir)(1995): Utilizando el vídeo para aprender. Una experiencia con los alumnos de Magisterio, Sevilla, Secretariado de Recursos Audiovisuales de la Universidad de Sevilla.
- CABERO, J y ROMERO, R (coords.) (2007): Diseño y producción de Tic para la formación. Barcelona, Editorial UOC.
- CANO, P.L (1989): Apuntes sobre la enseñanza y el vídeo. Alta Fulla. Barcelona.
- CEBRIÁN DE LA SERNA, M. y RÍOS, J.M. (2000): Vídeo y educación, en RÍOS, J.M. y CEBRIÁN DE LA SERNA, M. (2000): Nuevas tecnologías de la información y de la comunicación aplicadas a la educación, Málaga, Aljibe, 167-178.
- FERRES i PRATS, J. (1988): Vídeo y educación, Barcelona, Cuaderno de Pedagogía-Laia.
- ROMERO, R (2002) Utilización Didáctica del video. En <http://tecnologiaedu.us.es/cuestionario/bibliovir/121.pdf>



Josias Pereira - Brasil

Graduado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Habilitação (Rádio/TV), Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestrado em Tecnologia Educacional pela Federal do Rio de Janeiro (Unirio) e é doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Trabalhou em Emissoras de TV e produtoras na cidade do Rio de Janeiro como operador de câmera, Editor/Montador, Produtor e Diretor em vídeos, comerciais, campanha política e programas de TV. Coordenou o curso de Comunicação Social da Faculdade UNIFAMMA na cidade de Maringá (2009 - 2011) e foi Conselheiro Municipal de Cultura da Cidade de Maringá (2009- 2011).

Foi o idealizador do videovideo da UFRJ, criou e coordenou o Festival de Vídeo de Maringá (2009-2010); em Pelotas (2012) criou o Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas; em 2014 criou o Festival de vídeo estudantil de Rio Grande.

Realiza vídeos educacionais que são doados a escolas e centros culturais Atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) na área de Cinema.

A Produção de Vídeo e As Múltiplas Inteligências

Prezado leitor, peço licença para escrever este artigo de forma diferente, meio conto e meio artigo, pois minhas memórias pedem vida e não sei como escrevê-las de forma acadêmica. Desculpem-me pela minha limitação. Optei pelo conto porque, como tenho dislexia¹, me sinto mais à vontade em narrar desta forma do que escrever um artigo, e, neste livro, já temos renomados pesquisadores que, com certeza, já apresentaram toda parte teórica. Logo, ficarei com a parte lúdica, até porque o lúdico também educa, o lúdico também ensina, aprendi assim e tento educar desse modo. Se tiveres resistência a este tipo de escrita, respeito sua opção e acho que você deve mesmo desistir deste artigo e ler o próximo. Porém, se quiser viajar um pouco, me permita apresentar uma história que aconteceu comigo na cidade do Rio de Janeiro, entre 1997 e 2000. Foi ela que me fez pensar que educar com o vídeo poderia ser uma alternativa, mas não pelo viés racional, mas emocional. Depois, trabalhando dentro da academia², descobri que existem teorias que embasam nossa percepção e nos motivam a seguir com este trabalho. -

Vamos ao conto que me faz rir, ao lembrar-me dessa realidade. Era verão na cidade do Rio de Janeiro, ano de 1997. Como estudante de Comunicação, infelizmente, não tinha uma ligação com a Educação, que fica distante da nossa grade curricular. Conexão que, na verdade, não existe. O mais irônico é que o prédio de Pedagogia ficava ao lado do prédio da Comunicação, no campus da Praia Vermelha, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A única coisa que sabíamos de Educação, na época, é que o curso de Pedagogia tinha 90% de mulheres e que sempre era bom participar das festas deles, mas essa já é outra história. Foi através de um amigo, André Esteves, que surgiu o convite para realizar um trabalho em uma ONG na Maré. Uma professora de Psicologia coordenava uma ONG e queria que os alunos tivessem aula de Comunicação. Na época, no Rio de Janeiro, era forte a ideia de mudar o Brasil, esclarecendo a população sobre o poder da mídia na sociedade. Era uma ideia que eu concordava em termos, pois isso não iria impedir as pessoas de verem os programas que gostavam, porém, poderia fazê-las repensar tais programas. As duas ONGs que participei, na década de 1990, tinham essa bandeira, que o pesquisador inglês Roger

1 Para os leitores que ainda não conhecem a minha trajetória, tenho dislexia e sou hiperativo, o que, às vezes, me limita e, em outras, me ajuda. O que me salvou foi assistir ao Telecurso Segundo Grau. Na prova do vestibular, lembrava das imagens do Telecurso e não dos textos lidos. A imagem me salvou. Neste sentido, comecei a pensar o motivo disto, se eu era diferente ou se teriam outros com essa mesma aptidão de aprender de outra forma.

2 Chamo academia a Universidade e toda a sua verdade (estou sendo irônico).

Silverstone chamava de criar o “quinto poder”, ou seja, possibilitar que as pessoas conhecessem o poder da mídia (quarto poder) para não ficarem à mercê da mesma. Particularmente, acreditava no vídeo como processo lúdico e que o simples ato de fazê-lo consistiria em uma informação indireta que o aluno poderia usar em sua vida. (Ok, estava sendo muito construtivista)

Quando iniciei minhas aulas na ONG, era visto como alguém fora da casinha, pois nunca havia estudado, em minha formação na Comunicação, os grandes mestres da Educação, por isso, a fala dos diretores de escola e pedagogos me dava sono, como certamente dava nos alunos também. Parecia um discurso pronto de como o mundo funcionava e como o aluno deveria agir. Só esqueciam que o aluno também tinha opinião e nem sempre se encaixava no modelo de aluno ideal surgido no delírio de alguns professores (claro que isso era a visão de um grupo de professores da época).

Como um professor que não sabia lecionar, entrei na sala de aula da escola, no bairro da Maré. Fiz o que aprendi na área de Comunicação: conhecer o que o meu público-alvo deseja. Assim, deve ter sido algo assustador para os alunos, um professor que chega e pergunta o que eles querem fazer. Todos achavam isso estranho. Levei uns vídeos de telejornal, já que a disciplina que pediram para realizar era de telejornalismo. Como já tinha experiência prática na área, achei que seria fácil ministrá-la.

Apesar de os alunos não responderem o que queriam fazer, dei a eles duas opções: assistir a um vídeo ou escrever no quadro. Não preciso nem falar qual foi a opção que ganhou. Após, exibi três vídeos, de pequenas reportagens. Não parei as exibições dos vídeos durante sua apresentação, pois fazer isso é tirar a mágica do sonho do vídeo. Sou contra os professores que param o vídeo para explicar, isso corta a magia. É melhor passar o vídeo primeiro e depois então exibir novamente, repetindo a parte que deseja e comentando-a com os alunos. Depois disso, passei algumas matérias de telejornal novamente e parei, questionando sobre a opinião deles. Um aluno achou estranho eu querer saber o que ele achava, em vez de eu dizer o que eles deveriam saber. Falei que queria ouvir a opinião deles e então, timidamente, iniciei um debate. Sempre com medo de falarem errado, eles começaram a falar, um dos alunos falou algo errado, mas eu não o corrigi, deixei, e então todos começaram a falar e mostrar o que estava errado, no ponto de vista deles. Aqui, só para esclarecer, eles não apontaram erros técnicos na matéria jornalística assistida, mas sim de conteúdo. Também abordaram os preconceitos que se tem com a periferia e, principalmente, com a favela. Debates de que outro modo o vídeo poderia ter sido feito e, o principal, por que o telejornal exibiu aquilo? Onde estava o erro? O debate foi ótimo; o sinal do intervalo tocou e os alunos ainda estavam lá. Fui em-

bora e, na outra semana, levei um novo material e pedi para eles assistirem ao noticiário de duas emissoras diferentes, pois iríamos debater como foi exibido e qual seria o “problema” de cada jornal.

A segunda aula foi muito legal, pois todos, já mais animados, queriam falar. Deixei cada um falar o que queria sobre o telejornal, e apontar qual o problema do conteúdo da matéria exibida. Os alunos foram então falando e fui escrevendo no quadro os pontos que eles não gostavam. Então, depois de todos comentarem, concluímos que um dos problemas era que o telejornal tinha um público-alvo específico e só servia para confirmar a visão daquele grupo social. Também constatamos que os jornalistas que faziam a matéria eram de classe média e classe média alta e não conheciam a favela, sendo assim, só falavam a partir do pré-conceito que eles também já tinham, de modo inconsciente. Outro aspecto apontado, que achei bem interessante, foi que faltava alguém da favela, falando da favela. Esse foi o gancho que eu utilizei para pedir a eles que escrevessem para as emissoras, reclamando deste pré-conceito.

Na terceira aula levei vídeos feitos na universidade e mostrei como é a estrutura de um telejornal, como é dividido, como um jornalista faz a matéria, o que leva em conta, etc. Lembro-me de um comentário de um aluno que falou que aquilo era fácil. Ri e falei que realmente é fácil.

Na quarta aula percebi que dois alunos não foram, sendo que um deles, que vou chamar de Felipe (nome fictício), era um dos alunos que mais participava, mostrando-se sempre aplicado. A diretora me chamou e disse que, na véspera, teve uma briga na escola em que Felipe esfaqueou outro aluno, por isso, os dois não foram e Felipe foi expulso da escola. Fiquei chocado, uma vez que Felipe era um bom aluno. Sai da escola e fui caminhando pela rua. A escola ficava dentro da favela da Maré e para sair tinha que passar por pequenas ruas da favela, até chegar a Avenida Brasil (avenida que liga o bairro até o centro) e então pegar o ônibus para o centro da cidade. Neste dia, entre uma rua estreita e outra, surge um menino de capuz vindo em minha direção, vi que era Felipe. Confesso que neste momento meus preconceitos estavam latentes. Pensei em atravessar a rua, mas seria algo ridículo, já que era uma viela pequena dentro da favela. Então continuei andando, pensando em como escapar ou gritar. Felipe então para na minha frente e sorri, dizendo oi. Respondo meio atônito e então ele olha para os lados depois volta o olhar fixo para mim e diz:

— Professor, desculpe, não queria ter faltado a sua aula, mas fui expulso e estou triste, pois queria continuar assistindo às suas aulas.

Naquele momento fiquei sem palavras, já que nunca pensei que ele

poderia ter este gesto. Enquanto ele falava, só vinha a minha mente o motivo que teria feito este aluno ter essa ação. Agradei e, no final, ele me deu um abraço e foi embora. Eu fiquei ali, parado no meio da favela, sem saber o que fazer ou o que falar. Hoje, vejo que Felipe era um aluno que não era o ideal para aquela escola, já que cobrava dele ações que nem sempre ele poderia fazer. Entretanto, no meu jeito de não saber lecionar, permiti que ele se comunicasse comigo como um amigo, uma pessoa, e não um professor que sabe tudo e eles nada. Percebi também que, de alguma forma, respeitei o seu modo de ser e não desejei que ele fosse como eu tinha pensado: um aluno ideal. Para mim, ele era apenas Felipe que nasceu em uma comunidade carente, não tinha acesso à cultura, lia pouco, e como todo adolescente queria ter uma namorada, fazer sexo, ser rico e famoso e, ao mesmo tempo, sua realidade era outra, contrariando todos os seus sonhos. A oficina de vídeo contribuiu permitindo que Felipe pudesse ser ouvido, pudesse falar sobre seus sonhos e medos. Não existia nem o certo ou o errado, o limite era o bom senso e a construção de seus sonhos.

A Diretora e a Produção de Vídeo: O duelo final!

Quando acabei de fazer este trabalho, fui convidado pelo meu amigo Carlinhos para ajudá-lo a organizar um curso de vídeo na favela da Maré, em outra ONG. Aceitei e notei que a estrutura era bem melhor, pois contava com uma sede própria e vários cursos acontecendo ao mesmo tempo. O meu seria outro curso dentro daquela realidade, um curso de vídeo feito em favela. Na época eu já tinha mais de 30 vídeos e vários prêmios, e desse modo pensei que seria algo fácil, mas não foi. Na ONG criei a oficina de vídeo com os alunos (depois escrevo sobre esse momento, que renderia um outro livro), fizemos vários vídeos de ficção e o que eu mais gostei foi ver alunos que nunca foram ao centro da cidade sendo convidados a dar palestra e aparecerem na TV. Aproveitei o momento de euforia da ONG e me ofereci a realizar um trabalho em uma escola, já que esta ONG tinha uma parceria com as escolas da região.

Depois da escola escolhida convidei alguns alunos do curso da ONG para realizarem o trabalho comigo nesta escola. Vários deles queriam, pois usei um truque, não muito pedagógico, mas que funcionou. Inicialmente, quando convidei os alunos, ninguém queria ir às 8h da manhã fazer oficina em escola, eles queriam dormir até tarde. Então falei que iria dar aula para alunas da 6ª e 7ª série, todas com 13 a 15 anos e eles, com 15, 16, poderiam ter a chance de uma futura paquera. Então, pronto, tive que fazer uma seleção para escolher quem iria trabalhar comigo na escola. Prefiro não entrar em detalhes sobre qual foi o método escolhido para selecionar os dois alu-

nos, pois também não foi pedagógico. A diretora da escola na época foi muito educada e me permitiu usar uma das salas para a oficina. Para convidar os alunos, fui de sala em sala fazendo o convite; e, no dia marcado, apareceram pouco mais de dez alunos. Expliquei como seria o trabalho e, no final, conversamos sobre o bairro, a escola e a comunidade, foi bem divertido.

Na outra semana, quando cheguei na escola, vi vários alunos do lado de fora, sentados. Notei que havia uma pessoa no portão, que não deixava os alunos entrarem. Quando entrei, chamei os alunos e eles me falaram que não poderiam entrar, então falei que iam entrar comigo. A moça da portaria me olhou com cara feia, mas deixou que os alunos, que chegaram atrasados para a aula, entrassem comigo. Uma das alunas me explicou que se eles chegassem atrasados, ficavam do lado de fora e só poderiam entrar na escola no segundo horário da segunda aula. Achei aquilo muito estranho, já que a escola fica em uma rua bastante movimentada (Avenida Brasil) e, na época, existiam traficantes em torno da escola.

Após o ocorrido, conversei com uma amiga, da área de Educação da cidade do Rio de Janeiro, e ela me explicou que aquela ação era ilegal. Anotei e conversei com alguns advogados e fui informado que aquela ação era ilegítima mesmo. Na segunda aula conversei com os alunos e comentei da importância deles, como cidadãos, de cobrarem mudanças, de pedirem na escola por mudanças e no bairro também. Todos estranharam, pois eu estava pedindo para eles serem ativos.

Na turma, a maioria era de meninas entre 13 e 15 anos. Lembram que eu tinha levado dois alunos da ONG? Então, eles ficaram fazendo pose de Don Juan e sem graça o tempo todo, mas também ajudaram na oficina. Depois da aula, conversei com as meninas sobre gravidez, sobre filho, sexualidade, não no sentido erótico, mas para prevenir, já que na época, na comunidade, era comum ver meninas de 13 e 14 anos já com filho. Conversamos sobre como era a vida destas meninas depois da gravidez, e também levava alguns vídeos sobre o tema, para análise do grupo. Vi que as meninas estavam bem afiadas, querendo estudar, crescer na vida. Lembro-me de uma, que irei chamar de Bianca, que me falou que seu sonho era ser amante do traficante local. Assim ela seria rica e importante. Conversei com ela sobre essa condição e ela me falou que a realidade dela seria essa e que já tinha tudo planejado. Ela tinha 12 anos e estava malhando para ter um corpo bonito e conquistar o possível traficante. Conversando com Bianca, ela me contou que a realidade dela era difícil, que a vida dela não era fácil e que ela não queria ficar naquela vida.

No quinto encontro fomos então analisar como seria o nosso telejornal. Qual seria a matéria que elas iriam fazer e como iriam fazer. As au-

las ocorreram de forma bem legal e depois da aula sempre ficávamos meia hora conversando sobre a vida. Elas estavam muito interessadas em obter informação, não aquela de professor falando o que é certo e errado, mas de um amigo que troca conhecimento com eles. Uma fala com emoção e não uma fala técnica de algo distante da sua realidade.

Foi decidido pelo grupo que iríamos gravar com a diretora sobre as melhorias na escola e sobre a parte pedagógica. Também iríamos entrevistar os alunos em um “o povo fala” (quando o povo dá a sua opinião sobre um determinado assunto). As próprias alunas já tinham organizado como seria a exibição, em uma televisão, no refeitório.

No dia da gravação, os alunos da ONG foram com os equipamentos, câmeras tripe e microfone e fui acompanhando. E então foi quando tudo começou. As alunas foram direto conversar com a diretora, já tinham agendado e estava tudo certo. A primeira pergunta para a diretora foi:

— A senhora sabia que é proibido os alunos ficarem do lado de fora da escola? Pela lei, eles devem entrar na escola e aguardar no pátio, e não ir para sala, se a diretora desejar. A senhora sabia disso?

Não preciso nem falar que fiquei mudo e sem saber o que fazer. A diretora riu sem graça, com a câmera na sua frente gravando tudo, e comentou que não era bem assim, que os alunos podiam entrar sim, que a porteira devia ter se confundido e que ela não sabia que isso estava acontecendo.

Depois a segunda pergunta foi assim:

— A senhora sabia que o índice da dengue, no Rio de Janeiro, está alto? Então porque o nosso bebedouro está pingando água há mais de um mês e nada foi feito? O que a senhora acha disso?

Depois teve outras perguntas, mais simples. Por conta do “destino”, na outra semana, quando fui fazer a oficina, a sala que eu estava utilizando estava em reforma. Então, infelizmente, não teria espaço para a oficina, que foi a princípio suspensa e, quando voltou, foi em um dia que eu não poderia ir, em função de outro trabalho. Ou seja, fui expulso da escola de forma indireta.

As alunas, até hoje, são minhas amigas. Tenho contato com duas delas na minha rede social. Estão bem, casadas e ainda sem filhos. Fico feliz de ter contribuído um pouco, pelo menos com elas, pois na época elas não entenderam o motivo de eu ter sido expulso, mas viram como a força da união pode ser importante.

A Teoria

Na época destes dois exemplos citados, eu estava na academia fazendo minha Especialização em Psicopedagogia. Entre os teóricos apresentados eu tentava entender o motivo dos alunos gostarem da minha metodologia (nem sei se tenho isso) e não gostarem de outros professores. Pesquisando, concluí, na época, que era simplesmente porque eles gostavam de fazer vídeo, e realmente gostam, mas agora que terminei o doutorado em Educação vejo que a resposta é mais profunda, e que o vídeo é apenas uma ferramenta que contribui, respeitando as diferenças culturais e sociais dos alunos, permitindo que eles sejam agentes do seu saber e que, assim, o vídeo possa contribuir para que eles possam mostrar o que pensam sobre a vida.

Neurociência

No início de 2000, iniciei meus estudos sobre neurociência e, desde então, só vem aumentando o meu fascínio pelas explicações destes teóricos que dão um passo além de Piaget e Vigotsky, até em função dos avanços da ciência.

A década de 1990 foi denominada pelo Congresso americano de a década do cérebro, com grandes investimentos e pesquisas realizadas sobre o funcionamento cognitivo. Alguns conceitos foram refeitos e reformulados em função destas pesquisas, dentre elas damos ênfase a neurociência, que surge como uma teoria expoente moderna, explicando os vários funcionamentos do cérebro.

A neurociência é um campo que vem despontando nos últimos anos, de certa forma confirmando o que muitos teóricos já apontavam em estudos e pesquisas, de que a comunicação, e principalmente a emoção, é um elemento importante dentro do aspecto do aprendizado.

Entre os diversos autores desta área, destacamos no momento, para este estudo, Howard Gardner (1994), que apresenta a ideia de Múltiplas Inteligências. Para o autor, todos nós temos habilidades, inteligências, em diversas áreas. Tais habilidades são independentes e estão divididas entre as regiões do cérebro conhecidas como lobos (frontal, parietal, temporal, occipital). Dessa forma, cada indivíduo apresenta uma área cerebral mais “desenvolvida”. Assim, aprendemos de modos diferentes, geralmente do concreto, do sensível em direção ao abstrato.

Múltiplas Inteligências

Afinal, o que é inteligência? A palavra vem do latim *intellectus* que pode ser traduzido como *intelligere*, *inteligir*, ou seja, *entender*, *compreender*. Seria a capacidade de compreender e raciocinar. A inteligência seria a capacidade de escolher entre duas situações a melhor para ser aplicada naquele momento. Um exemplo disso é um jovem fugindo de um animal que, enquanto corre, observa uma árvore na qual pode subir. O jovem pode apenas codificar a informação e passar por ela correndo. Por outro lado, o jovem pode subir na árvore e usá-la como rota de fuga. Neste caso ele usou o conhecimento que tinha, usou a inteligência, aplicou a informação adquirida.

Na década de 1980, Howard Gardner concluiu uma pesquisa em que defendia que o cérebro humano é dividido em nove partes, todas de mesmo valor e importância. Segundo o pesquisador, cada pessoa possui um tipo de inteligência e desenvolve aspectos de cada uma. Gardner acha que o Quociente de Inteligência (QI) é limitado a atuação nas áreas de matemática e da linguagem, por isso apresenta outras abrangências como a lógico-matemática, espacial, pictórica, musical, naturalista, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal.

É a maneira como construímos nossas relações com outras pessoas e a forma como nos sentimos completos quando em relação às mesmas.

Inteligência linguística	Sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras	Poetas, teatrólogos, escritores, romancistas
Inteligência verbal	Facilidade em se expressar	jornalistas, escritores e afins
Lógico- matemática	Facilidade em resolver problemas matemáticos	mestre de obras, economistas, engenheiros e afins
Espacial	Pessoas com bom sentido de localização	Arquitetos, diretores de cinema, navegadores, jogadores de xadrez e afins

Pictórica	Facilidade em se expressar através dos desenhos	Os pintores, escultores, artistas plásticos e afins
Inteligência musical	Facilidade com música	Compositores, músicos, maestros
Corporal-cinestésica	Capacidade em resolver problemas utilizando o corpo	Atores, bailarinos, jogadores de futebol, artistas de circo
Naturalista	Relação com o mundo animal	Ambientalistas, naturalistas, defensores da natureza (uso da criatividade)
Interpessoal	É a maneira como construímos nossas relações com outras pessoas e a forma como nos sentimos completos quando em relação às mesmas.	Políticos, professores, líderes religiosos, diretor de cinema
Intrapessoal	É a maneira como a pessoa se vê. É a inteligência da autoestima.	Psicólogos, filósofos, romancistas, gurus, místicos

Como surge o QI? Em 1900, o psicólogo Alfredo Binet contribuiu com o governo Francês desenvolvendo um instrumento para testar as habilidades das crianças parisienses, com ênfase nas áreas verbal e lógica, que era a base dos currículos acadêmicos de então. A partir desta ideia surgem os primeiros testes de QI. A princípio, o objetivo era o de separar alunos “normais” dos com problemas “mentais”. Após a primeira guerra mundial, o teste de QI foi popularizado, medindo a inteligência dos soldados. Em 1912, Stern cria o termo “QI” (Quociente de Inteligência) para representar o nível mental e propõe o uso dos termos idade cronológica e idade mental. Dessa forma, entendia-se que a pessoa poderia ter uma idade cronológica de 20 anos e idade mental de 15 anos.

As pesquisas mais recentes em desenvolvimento cognitivo e neuropsicológico sugerem que as habilidades cognitivas são bem mais diferenciadas e mais específicas do que se acreditava (Gardner, 1985). Neurologistas têm documentado que o sistema nervoso humano não é um órgão com propósito único, nem tão pouco é infinitamente plástico. Acredita-se que o sistema nervoso seja altamente diferenciado e que diferentes centros neurais processem diferentes tipos de informação ao mesmo tempo (Gardner, 1987).

O autor defende que cada pessoa, em determinado grau, possui certo desempenho em qualquer área de atuação e em qualquer momento da vida, o que difere de Piaget, que acreditava que os aspectos de simbolização partem de uma mesma função semiótica em um determinado momento. Gardner (1982) defende que os processos psicológicos independentes passam quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos, gestuais etc.

A partir disso, devemos ter em mente que as diversas habilidades do indivíduo fazem parte de uma complexa carga genética e que cada inteligência tem sistema próprio de pensamento ou processamento de informação.

Para Gardner (1985), a noção de cultura é importante para o entendimento da Teoria das Múltiplas Inteligências, pois, como Vigotsky, ele defende a importância do estímulo externo no desenvolvimento do indivíduo, e, principalmente, por ser valorizado pelo ambiente. Neste caso vemos a importância da emoção dentro da formação do indivíduo.

Cada cultura valoriza certos talentos que devem ser passados para as gerações seguintes dentro das necessidades do grupo, por isso a cultura, o externo é importante para entender o desenvolvimento das múltiplas inteligências.

A interiorização dos signos começa no que Gardner chama de habilidade de padrão cru. Nos bebês, inicia quando percebem o mundo ao redor e reconhecem os sistemas simbólicos básicos; seria o equivalente à socialização primária de Luckmman e Berger (2005), que afirma que, dos dois aos cinco anos de idade, a criança já compreende o uso de símbolos. Já os sistemas de segunda ordem, para Gardner, seriam representados pela grafia dos sistemas como os símbolos matemáticos, símbolos da escrita, símbolos da música etc., essa seria a socialização secundária. É neste momento que a cultura inicia a fazer uma grande diferença, pois o estímulo externo pode contribuir para ampliar os signos deste indivíduo ou apenas reforçar o que já sabe, limitando ou ampliando o desenvolvimento cognitivo.

Uma criança que cresce no meio de músicos desenvolve mais esta habilidade, por outro lado, podemos observar a necessidade de estímulos adequados para o indivíduo desenvolver sua cognição de forma geral e não apenas em uma habilidade. Dependendo do ambiente em que o indivíduo vive, irá se concentrar mais em uma determinada especificidade, vai adotar papéis que a sua cultura valoriza e dá mais significado. Outro exemplo é o de um sujeito que cresce em uma família de professores, em que a escrita é valorizada, este indivíduo pode enfatizar mais certas condições de escri-

ta e leitura do que outro que cresce com a valorização espacial. Isso pode explicar a facilidade da ocorrência do repente no nordeste, do hip hop em são Paulo, do funk nas favelas do Rio. O estímulo externo contribui para desenvolver certas habilidades.

Por isso a importância de a criança ir à escola desde cedo, onde, além de conviver com outras crianças, passa a ter uma variedade de estímulos dentro do espaço escolar. Gardner defende que as inteligências agem de forma integrada, e é uma boa relação entre elas que produz um indivíduo equilibrado. Luria e outros neurocientistas descobriram que a lesão, em certas áreas do cérebro, não prejudica outras habilidades.

Inteligência	Área cortical responsável
Lógica-matemática	região têmporo-parieto-ocipital
Linguística	Área de Broca, área de Wernicke região têmporo-parieto-ocipital (hemisfério esquerdo)
Musical	Lobo temporal (hemisfério direito)
Corporal-cinestésica	Giro pós-central, córtex pré-motor
Espacial	região têmporo-parieto-ocipital
Interpessoal	lobos frontais
Intrapessoal	lobos frontais

Como apresentado na tabela acima, percebemos que diversas inteligências estão ligadas à mesma área do córtex cerebral. Assim, um problema em certas áreas afetaria mais de uma habilidade. Para Luria (1981), estas áreas são integradoras e individuais. As informações passam por diversas áreas até uma ação do sujeito. Importante levar em consideração que não podemos pensar nestas ações como no Positivismo, vendo tudo em uma área específica, em uma gaveta bonitinha, mas sim perceber tais ações se conectando e as informações sendo analisadas, processadas e modificadas por estas áreas.

Críticos da múltipla inteligência apontam que poderiam existir outros tipos de inteligência que não foram abordados por Gardner (1995), porém, o mesmo defende que um número elevado de inteligências múltiplas seria inútil para o campo teórico e para o praticante. O pesquisador britânico Oliver Sacks (1997) apresenta a história de um estudante que depois de uso prolongado de drogas conseguiu, pelo olfato, reconhecer pes-

soas e sensações. Outro caso é o de um músico que depois de um acidente passou a ver as vibrações da harmonia do som como uma escrita. Outras habilidades ainda podem ser descobertas e ampliar as de Gardner.

A mídia pode ser analisada e pensada como um tipo de socialização primária que é realizada pelo indivíduo de forma emocional. Devemos ensinar nossos alunos a criticar a mídia e também a academia que dita o certo e o errado e, em muitos casos, erra também. Um exemplo foi o ocorrido com o psicólogo esportivo João Carvalhaes, que atendia à seleção brasileira de futebol em 1958. Ele realizou um teste de QI nos jogadores e o teste apontou que o jogador de menor QI, era Garrincha, que quase foi cortado da seleção brasileira. Imagine o Brasil na Copa do Mundo de 58 e 62 sem o nosso querido Mané Garrincha. Segundo o neuropsicólogo Erik Matser, da Universidade de Maastricht, Holanda um jogador de futebol precisa de um raciocínio rápido para prever todas as jogadas que pode realizar em milésimos de segundo. Em um artigo científico para a revista científica Nature Neuroscience, Erik apresenta uma hipótese para explicar o que acontece na mente de jogadores:

1 - processar com rapidez os estímulos visuais do ambiente, como a posição dos jogadores no campo;

2 - memorizar um grande repertório de jogadas;

3 - antecipar o movimento de outros atletas;

4 - combinar, numa fração de segundo, todas as informações para tomar a melhor decisão.

E o treino de futebol seria o momento em que o cérebro do jogador armazena as ações que podem ser feitas em uma relação corpo -mente.

O Cérebro

No processo de evolução, o hemisfério esquerdo do cérebro se especializou no processo linguístico, já o hemisfério direito especializou-se no processamento espacial. Essa diferença entre os hemisférios, e suas implicações sociais, faz com que certas pessoas sejam aceitas ou não em certos espaços culturais. Por muito tempo a escola só valorizou um tipo de inteligência; o repetir e ter conhecimento lógico eram o mais importante. Porém, hoje, se discute que há vários tipos de inteligência e que a escola deve procurar incentivar o indivíduo em todas as áreas e fazer o seu julgamento dentro da área que apresenta maior habilidade, como no meu caso³.

3 No meu caso mesmo, quase abandonei a escola, pois, por ter dislexia, tive e tenho problemas sérios na escrita, não entendo as regras e nunca sei quando colocar ponto, vír-

Múltiplas Inteligências na Produção de Vídeo

Talvez, neste momento, o leitor se pergunte o que a produção de vídeo tem a ver com Múltiplas Inteligências e ache que eu estou lhe enrolando em um texto que não faz sentido. Por um lado é verdade... porém, prezado leitor, juro que tento fazer sentido, mas deixo a dúvida no ar se conseguirei apresentar uma justificativa que lhe satisfaça. Vamos lá! Então, para produzir vídeo o aluno tem que ver vídeo, tem que ver filme, tem que ver vídeos de comédia, drama, animação, romance, terror, etc. Assim está, ao mesmo tempo, estimulando várias habilidades. Ao ver uma imagem, o aluno pode pensar em que local foi gravado, em qual país. Onde mesmo fica Nova York? O que significa esta palavra? Como é o clima lá, em janeiro? Por que está nevando? Quando neva por lá? Qual a temperatura? Ao assistir o vídeo, o aluno vê o espaço da ação dos atores, o modo como realizou as ações, faz seu julgamento moral e social sobre estas ações; compara a sua cultura com a dos personagens. Acho que só pelo relatado já tenho indícios de como assistir vídeos contribui para a formação deste aluno. Até o momento só comentei o assistir, e o que pode ser levado em consideração no fazer vídeo? Ficou curioso né....

Ao pensar em um roteiro de um filme o aluno tem que levar em consideração para quem ele está fazendo o vídeo, ou seja, qual o público-alvo que este aluno deseja alcançar. Pela minha experiência de produzir vídeo em escolas, há mais de 15 anos, percebo que geralmente o seu público-alvo primordial são seus amigos, da mesma faixa etária, pois o exercício de sair do seu capital cultural e repensar os modos de ser de outro grupo cultural nem sempre é um exercício simples de fazer. Assim, ao ver o que o aluno escreveu, posso conhecer um pouco sobre o seu capital cultural e o seu modo de ver a vida: o que o choca, o que o faz refletir, o que ele deseja falar e como ele vai comunicar esta ação. Qual a linguagem utilizada? Existem erros de ortografia? Como é a concordância? O aluno pensa na cultura de cada personagem e como eles falam? O regionalismo, a forma de se vestir, a comida etc. Perceba que a produção de vídeo não é apenas para uma área, mas pode integrar várias atividades e áreas do conhecimento de forma bem organizada. O aluno trabalha e ao trabalhar e realizar um vídeo ele aprende de diversas formas. Outro ponto que podemos ver é a

gula, etc. Confundo D com T; Q com G; C com S etc. O que me salvou foi a tecnologia (valeu, Word!) e professores terem paciência e ver o meu esforço em outras áreas. Meu grande professor foi o Telecurso 2º grau, pois na hora da prova lembrava das imagens do programa e nunca do livro. Hoje, terminando meu doutorado e como professor de uma universidade pública posso dizer isso sem me sentir culpado, mas por muitos anos me sentia culpado e burro por não saber escrever coisas simples. Por outro lado, tenho facilidade de criar "histórias", tanto que estou finalizando o meu curta número 99, além de já ter ajudado a fazer mais de 50 curtas em oficinas que realizo há mais de 15 anos, seja em escolas ou centros culturais. Em sites como o *Youtube* tenho oito milhões de acesso a meus vídeos. Agradeço aos professores que entenderam minhas dificuldades.

diferença entre o planejamento do filme que vai ser realizado e a realização do filme, o set e a montagem⁴. Perceba que estamos, na produção de vídeo, estimulando, nas várias etapas de um vídeo, os estágios de desenvolvimento das várias inteligências na aquisição de conhecimento. Gardner defende um ambiente educacional amplo e variado, uma educação que possibilite a criança a desenvolver áreas do saber específico. No dia a dia o aluno faz avaliação, aprende, adquire informações. E, em seguida, faz a “testagem” do que aprendeu, geralmente fora do espaço escolar. O ideal é ensinar o aluno a entender as suas capacidades e ajudar a desenvolvê-las. A escola deve contribuir para o desenvolvimento das potencialidades individuais.

A escola é realmente engraçada, diz que prepara o indivíduo para a vida, porém se esquece de que a vida não é apenas uma questão de raciocínio lógico e verbal. Para Gardner (1995, p.14), a inteligência é “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. E no espaço escolar, geralmente, a única coisa valorizada é a nota que está ligada a organização e lógica de certas informações.

A produção de vídeo pode ajudar o docente a conhecer um pouco mais o espaço cultural do seu aluno, a forma como ele interioriza a realidade a sua volta, como é o espaço cultural em que ele vive, como este aluno age em situações onde vários tipos de habilidades são apresentadas, assim como quem se destaca com a área espacial, a lógica, a linguística, etc. O docente pode anotar em um diário de campo o interesse destes alunos e aproveitar para dar leituras específicas para cada tipo de aluno. Ou ainda pedir para cada aluno pesquisar em sites de exibição de vídeo sobre o tema do vídeo ou sobre a função que irão desempenhar nele. Essa ação estimula o aluno a realizar a sua função com vontade, o que gera emoção. A área de interesse de cada aluno deve ser levada em consideração, pois, segundo o pesquisador Cosenza (2011), a emoção é o catalisador da aprendizagem. Outros autores defendem este mesmo ponto de vista:

Vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. (MATURANA, 1999, p.15).

A produção de vídeo é uma realidade dentro e fora do espaço es-

4 Set é o espaço onde se grava o filme, onde os atores e a equipe estão fisicamente realizando o filme, saindo do papel e indo para a realidade. A montagem é o momento em que todo o material filmado é selecionado pelo montador, tirando os elementos que não deram certo.

colar. O docente pode aproveitar a tecnologia presente hoje na sociedade e construir com seus alunos vídeos, documentários, vídeos clips etc. Não apenas como elemento lúdico, mas, principalmente, como um elemento que possa contribuir para o processo de aprendizagem destes alunos.

Por muitos anos a escola formou um cidadão para viver em comunidade, tirando dele a emoção e a sensibilidade, já que não são elementos possíveis de quantificar, dando ênfase à lógica, matemática e linguística. Assim, a escola contribuiu para tirar do meio da sociedade várias pessoas que apresentavam outros tipos de inteligência.

Outro ponto é que se a escola forma para a vida, ela deve incluir a tecnologia no seu dia a dia, não apenas como adorno em um canto isolado da realidade, mas como um elemento pedagógico que faça parte do plano de aula, como uma ferramenta para informar dentro de um conteúdo prévio e que, também, faz parte hoje de uma socialização primária.

Fazer Vídeo

Se você não sabe como fazer vídeo, não tem problema, peça para os alunos pesquisarem e você terá uma ótima surpresa em suas aulas. Percebo que, em muitas oficinas e escolas, os piores alunos para a escola são os que mais me ajudavam nas oficinas, não porque minha metodologia seja ótima, acho que nem tenho isso, mas porque estimulava os alunos a produzirem e a testar suas ideias. Estimulava outras habilidades deles, coisa que nem sempre é possível na sala de aula. Quando um aluno me pergunta o que acontece se colocar a câmera no automático, falo para ele experimentar e ver a diferença. Quando um aluno pergunta o que vai acontecer se diminuir a qualidade da foto na máquina, peço para ele tirar a mesma foto em diversas qualidades e ver o resultado. Sim, faço os alunos pesquisarem, e assim, repensarem suas ações.

O vídeo é apenas uma ferramenta e, como tal, deve ser usada e respeitada em seus limites, pois é a ação docente que faz a produção de vídeo ser algo lúdico ou algo chato e burocrático.

Acredito que muitos professores tem até vontade de fazer vídeo com os alunos, mas quanto pensa em como fazer isso desiste. Sugiro apresentar desafio aos alunos de um pequeno vídeo com um tema específico. Os alunos pesquisam como realizar o vídeo (boa parte já sabe de forma intuitiva) e colaboram. depois o docente pode ver o material e analisar, não a forma como foi feita, pode até dar dicas, mas aprofundar e debater o conteúdo e as escolhas do grupo para determinada imagem e entrevistado.

Experimente! Faça vídeo com seus alunos e depois me diga o que

aconteceu!

Depoimento de ex-aluna da Escola que realizei Oficina que fui expulso

“Eu tinha uns 12 anos, mais ou menos, na época em que entramos para a oficina do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) de Telejornal, na Escola que estudava. Na época, só entrei porque uma amiga estava participando e gostava muito. Eu já fazia a oficina de teatro, então resolvi entrar nessa também. Gostei tanto que, depois, só queria saber de Telejornal. Era algo inexplicável: todo mundo na escola nos conhecia, fazíamos diversas matérias, entrevistávamos alunos, funcionários da escola, era bem divertido. Eu decidi então que ia ser jornalista, aquilo ali era tudo o que eu queria. Houve uma projeto de uma emissora de TV que convidou várias escolas públicas e particulares, selecionando quatro alunos de cada escola para participarem do dia da Criança na TV e Rádio e eu e mais três amigas fomos as escolhidas pelo nosso “professor”. Ficamos tão felizes. Conhecemos muitas pessoas e lugares. Eu gravei como a âncora de um telejornal e me sentia a própria Fátima Bernardes. Todos na escola assistiram e ficamos super populares. Mas, infelizmente, logo depois, por algum motivo que até hoje eu não sei porque o Josias, nosso “professor” foi afastado da oficina e colocaram um outro que ninguém gostava.

Na verdade, nem demos chances a ele de mostrar se era legal ou não, “boicotamos” suas aulas, ninguém aparecia, só dois ou três que eram novos e não conheciam o Josias. Aí não demorou muito e o telejornal chegou ao fim. Mas essa oficina foi algo muito importante pra mim naquela época. Eu adorava estar ali; aquilo me distraia, me fazia pensar no que seria o meu futuro. Hoje, estou com 24 anos e não me tornei uma jornalista. Curso Administração e trabalho na Secretaria Estadual de Saúde, aqui no Rio de Janeiro, mas a vontade de cursar Jornalismo ainda continua forte.”

Depoimento de ex-aluno da ONG

Quando tinha meus 20 anos, estava com minha vida escolar em atraso, cursava ainda o 2º ano do Ensino Médio e não sabia o que fazer, que caminho tomar na vida. Sem contar que sou epilético e isso me atrapalhava na época, pois tinha diversas crises. Até que apareceram no meu colégio o diretor e uns colaboradores de uma ONG que nunca tinha ouvido falar na vida, chamada CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), dizendo que a ONG estava com inscrições abertas para cursos, incluindo o de produção audiovisual que, até então, só imaginaria em outros locais da cidade, para pessoas com poder aquisitivo melhor que o meu naquele momento.

Fui o primeiro a chegar, às sete da manhã, por incrível que pareça (pois um curso desse nível, dado de graça em uma comunidade, era para ter gente desde muito cedo). Fiz a ficha e a secretária me informou que numa data específica iria haver uma entrevista. Na data, compareci; era para o entrevistador saber em que curso você iria entrar, o resultado sairia dois dias depois. Fiquei muito feliz, pois entrei na área que queria, produção audiovisual.

Acompanhei o curso durante uns sete meses (pois quando se tem 21 anos fica difícil acompanhar com a pressão de uma parte da família para conseguir um trabalho e um pouco de preguiça em acordar cedo). Parei quase no final da primeira etapa do curso, que era didática, mas sempre acompanhava o que era dado através de uns amigos meus que estudavam no mesmo colégio, até em que em um momento, dois meses depois da minha saída, resolvi voltar a todo jeito. Pedi ao meu amigo para sondar com o professor uma possível volta, ele autorizou a conversa, seu nome era Alberto Mejía, um grande nome da comunicação comunitária. Então conversamos e mostrei que estava interessado e ele se convenceu de que estava ali para aprender e retomar de volta o meu caminho. Infelizmente, o segundo período do curso não durou muito, depois que entrei, durou apenas mais um mês, de uns sete programados. A direção nos propôs a retroceder em uma turma que já estava há pelo menos uns quatro meses, todos aceitaram, incluindo eu.

Com essa turma, a didática foi diferente. Seu professor era Josias Pereira, para mim, um grande educador, pois ele colocou na gente o esquema de como produzir filmes, coisa que, no curso anterior, a visão era outra, conversávamos sobre a vida e depois ele dava a câmera para gente fazer que quisesse, o certo e o errado não existia. A gente trabalhava com produção de TV (Jornais, debates, coisas de cunho jornalístico), naquela época, colocamos de três a cinco curtas no Festival do Rio (na parte para pequenas produções), e ficamos assim até o curso acabar. Então consegui um estágio no CEASM e, mais tarde, passei a atuar como colaborador. Encontrei Josias em 2006, na mesma ONG, para trabalharmos juntos dessa vez. Foi uma honra muito grande, mas, infelizmente, sua passagem foi curta e cada um foi pro seu lado. Eu continuei na ONG, ganhei um prêmio no ano de 2010, num Festival chamado “Favela é isso aí”, com um documentário feito por mim, com auxílio de um grande professor do curso, e amigo, chamado Clementino Jr. O filme chama-se “Sonho Interrompido” e conta a história de um menino de oito anos, morto por conta da violência policial no Rio de Janeiro. No final de 2011 tive meu vínculo encerrado com a ONG. Fiz os meus freelancers por aí e trabalhei em outras áreas até que, em 2013, o Clementino me indicou para trabalhar em uma faculdade. Passei nos testes e, hoje, vou poder realizar o grande sonho de fazer uma faculdade de Cine-

ma. Se não fosse ter as aulas no curso, não sei o que seria, não conseguiria o estágio e depois a efetivação na ONG, o prêmio e a realização que hoje sinto. Também sou casado há 10 anos e minha esposa me apoia muito, me dando força e carinho nos momentos certos.

Depoimento de ex-aluno da ONG

A oficina de vídeo foi uma experiência que mudou o rumo da minha vida. No começo, ela foi uma oportunidade inteligente para ocupar o meu tempo e aperfeiçoar a minha capacidade de escrita na oficina de produção literária. Fiz contatos, amizades, aprendi bastante e, conseqüentemente, quis alcançar um degrau mais alto. Dentro desse “novo mundo” tive contato com a oficina de vídeo e fiquei muito interessado na área, pois nela, com o que aprendi, poderia dar vida, de algum modo, aos meus roteiros, mesmo que fosse necessário trilhar esse caminho sozinho. Apaixonei-me pelo vídeo: aprendi muito sobre o assunto, tive a oportunidade de ajudar na produção de alguns vídeos e consegui elaborar o meu próprio, que foi selecionado para o Festival do Minuto – fui o primeiro morador da comunidade da Maré a ter um vídeo selecionado para este festival –, fiquei emocionado ao receber uma menção por carta sobre a minha vitória.

Não foram apenas conhecimento e amizade que adquiri com esta experiência, essa oportunidade foi um degrau para minha vida profissional, pois me tornei um editor de vídeo.

Oportunidades como essa deveriam existir em todos os cantos do nosso Brasil, tão sedento por crescimento. Principalmente para uma grande parte da população que não tem acesso ou recursos para isso. Participando de oficinas como esta, tive a chance de ver quantos futuros talentos estão escondidos, apenas aguardando uma oportunidade para mostrar sua capacidade.

Sei que eu não tenho soluções prontas para tornar o Brasil um país melhor, mas eu sei por onde começar: investir nas crianças de hoje. Não só nas crianças, pois existem aqueles que cresceram esperando essa chance e ela nunca chegou. Mas ainda há tempo para muitas dessas pessoas, pois o conhecimento é o único passo em que existe a certeza de um futuro melhor anexado a ele.

Da mesma forma que eu tive uma oportunidade de trilhar um caminho, gostaria que tantos outros que estão abandonados por aí, psicologicamente e socialmente, desfrutem de oportunidades assim. E tenho a certeza que todos nós ganharemos com isso, de alguma forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAMA, Maria Clara S. Salgado. A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=18>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LURIA, Aleksandr Romanovich. Fundamentos de Neuropsicologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

MODERNELL, Renato; GERALDES, Elen. O Enigma da Inteligência. Globo Ciência, Rio de Janeiro, v.2, n. 15, p.56-63, out. 1992.

SACKS, Oliver. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



Jorge Cesar B. Coelho

Atualmente, é consultor projetos educacionais envolvendo mídias e tecnologias digitais, na Rede Municipal de Ensino de Campo Bom, RS, Brasil. É pesquisador na área da Inteligência Artificial, com ênfase em Linguística Computacional, atuando principalmente nos seguintes temas: processamento de linguagem natural, resolução de correferência e anáforas, recuperação de informação e ontologias. Como especialista em Mídias na Educação (UFPel), também pesquisa a aplicação de publicações digitais e da realização audiovisual em iniciativas educacionais experimentais.

Josias Pereira

Graduado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Habilitação (Rádio/TV), Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestrado em Tecnologia Educacional pela Federal do Rio de Janeiro (Unirio) e é doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

APRENDIZADO COLABORATIVO E INTERDISCIPLINAR ATRAVÉS DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: UMA REALIDADE PEDAGÓGICA EM ESTUDO

Jorge Cesar B. Coelho
cesar.coelho@gmail.com

Josias Pereira
erdfilmes@gmail.com

1. Introdução

No Século XXI, fazemos parte de uma complexa rede de conhecimentos e relações sociais com temáticas e linguagens amplamente compartilhadas e em vertiginosa transformação. Surgiram novas maneiras de nos comunicarmos, novas formas de trabalho, novos modos de acessar o conhecimento. Cada vez mais, convivemos com telas – laptops, smartphones, tablets, totens digitais, entre outros – que, muitas vezes, de modo audiovisual, interagem conosco, influenciando nossas escolhas. Neste cenário de redes, transformações e “fluxos informacionais e interacionais”, temos a escola, que embora “se diga em processo de modernização, com inclusão de Tecnologias de Informação e Comunicação (TV, vídeo, DVD, computadores, som, entre outros), na maioria das situações continua reticente para integrar ao seu cotidiano tecnologias em processos educativos e comunicacionais” (PORTO, 2006, p. 32). A pesquisadora ainda acrescenta categoricamente que a escola está bastante “aquém de tempos e espaços” que atendam suas necessidades (PORTO, 2005, p.26); a escola mantém a educação bancária descrita por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido (2005, p. 66).

As escolas gozam de elevado grau de autonomia para decidir sobre o currículo e quais estratégias serão adotadas no processo de ensino e aprendizagem. Tal iniciativa não é somente esperada, mas estimulada pela Lei, à medida que encontramos referência constante – insistente – à autonomia didático-pedagógica, ao estímulo à inovação e à constante transformação das instituições de ensino nos textos legais¹.

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394, de 1996) contemplar a inserção de tecnologias nas escolas e “o governo federal tenha fornecido TV, vídeo, parabólica (anos 80 e 90), computador e periféricos

¹ Vide: LDB/96, art. 12, I; Constituição Federal de 1988, art. 206, III; Resolução CNE nº 04/2010, art. 13, §3º; art. 14, §2º; art. 43 e art. 44.

(anos 90)", ainda são poucas as instituições que "desenvolvem um trabalho mais sistemático com tecnologias e/ou têm um projeto coletivo de inserção das TICs nas práticas de ensinar e de aprender" (PORTO, 2005, p.47). Outro autor que trabalha essa relação docente e tecnologia é Moran que afirma que a educação escolar pressupõe aprender a "gerenciar tecnologias, tanto da informação quanto da comunicação, e pressupõe ainda ajudar a perceber onde está o essencial, estabelecendo processos de comunicação cada vez mais ricos e mais participativos" (2001, p.24). Porto acrescenta que ensinar com as tecnologias vai além de incluir o conhecimento das modernas tecnologias e suas linguagens na escola, é necessário ultrapassar as relações com os suportes tecnológicos, "possibilitando comunicações entre os sujeitos, e destes com os suportes tradicionalmente aceitos pela escola – livros – até os mais atuais e muitas vezes não exploradas no âmbito escolar – vídeos, games, televisão, Internet..." (2006, p.49).

Assim, emerge uma postura pedagógica comunicacional de utilização de tecnologias na educação escolar, abrangendo o arranjo de sentidos, combinando "comunicações corporais, movimentação, percepções e sensações" (PORTO, 2005). Nesse sentido, Porto explica que a necessidade de novas práticas de ensinar, colocou a escola frente a questões que apenas nas duas últimas décadas se erguem com maior valor no meio educacional: "a ideia de que a imagens e sons transformados em filmes, vídeos e outros programas, contribuem, enquanto linguagem comunicacional, para a melhoria do trabalho de construção/apropriação do conhecimento" e a escola "deve estar preparada para conviver" e adotar essa linguagem.

Mas como a produção de vídeo contribui para que a cultura do aluno entre no espaço escolar? Uma vez que se entende que a aprendizagem significativa "ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva de quem aprende, nos elementos do seu universo cultural" (MOREIRA e MASINI, 1982, p.7). Logo, o objetivo aqui é observar ações mediadas pela produção audiovisual no desenvolvimento do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental. Nosso problema é entender como a produção audiovisual se relacionar com as práticas pedagógicas, mediando a cultura do aluno no contexto escolar.

2. Pedagogia da Comunicação: um enfoque dialético

Defendendo um trabalho não no meio, mas com o meio, inclusive levando em conta as peculiaridades comunicacionais e tecnológicas desse meio, há uma teoria emergente que tem uma forte ligação com Paulo Freire: a Pedagogia da Comunicação. Apoiando didáticas que exercitem as habilidades e competências dos estudantes, ela entende a educação escolar como um processo específico de comunicação que envolve uma gama considerável

de relações sociais e de tecnologias conforme dados da pesquisa de Heloísa Penteado (1998, 2002). Para essa corrente pedagogia, as mídias não é o fim, mas um meio.

Na Pedagogia da Comunicação, as novas tecnologias com seus novos comportamentos são bem-vindos, quando articuladas a metodologias voltadas ao currículo e como suporte para estabelecer novas relações de ensino e aprendizado. São as possibilidades das linguagens tecnológicas que levam essa corrente teórica a incorporá-las à escola para ensinar o respeito ao diferente, a ultrapassar obstáculos, a trabalhar de modo colaborativo, interdisciplinar e empreendedor. Porto (1994, 2003) e Penteado (2002) explicam que a Pedagogia da Comunicação não implica uma didática nova, mas uma postura que se esteia na inter-relação entre professor e aluno como indivíduos que se organizam, decidem e buscam vencer obstáculos, tendo em vista os tópicos curriculares intermediados com as tecnologias e situações do cotidiano. Essa corrente teórica não propõe a apologia das tecnologias, conforme destaca Porto (2006), mas o emprego dos recursos tecnológicos como uma das alavancas para reflexão na sala de aula e seus desdobramentos, como um dos elementos desencadeadores de percepções sobre as complexidades do mundo (Morin, 2000, p. 22) e como mediadoras nos processos comunicacionais.

Conforme Porto, “hoje, o desafio para educação vai além do desafio de ensinar como modernas ou tradicionais tecnologias; inclui a realidade que elas transmitem e representam, além da comunicação que propiciam entre pessoas” (2003, p.24). A partir disso, floresce o entendimento de que a educação escolar é um processo comunicacional democrático, que implica na participação dos sujeitos a partir de seus contextos sociocultural, e emerge como um espaço de socialização entre pessoas e de socialização dos conhecimentos gerados por pessoas; conhecimento que, quando compartilhados com outros, desempenham seu papel mais amplo: contribuir para que o aluno construa-se, abra-se e aproprie-se de seu mundo (GUTIÉRREZ, 2003, p. 45). Diante dessa postura comunicacional, a escola não se intitula o centro depósito do conhecimento e do saber. Ela se propõe a ser “o centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações que circulam, usualmente, para orientar os educandos sobre a forma de como associá-los para seus fins de aprendizado” conforme Orozco (2002, p. 68). Na Pedagogia da Comunicação, o educador preserva suas funções, orientando tanto os vários aprendizados que acontecem dentro dos sistemas educativos, quanto aqueles que estão fora e são os meios e tecnologias com os quais os estudantes interagem, assumindo que a aprendizagem acontece em diversos momentos e locais do cotidiano.

A partir dos desafios, caminhos e possibilidades das relações dos sujeitos

escolares com as tecnologias da informação e comunicação, desenha-se a Pedagogia da Comunicação, como uma postura educativa que vai além do uso delas na escola como ferramentas ou recursos de um ensino preocupado com a ilustração de proposições conforme argumenta Penteado (1998) e Porto (2003). A relação da escola com os meios precisa superar seus usos como recursos, focando nas relações vividas na escola e na sociedade do Século XXI, considerando as incertezas e complexidades dos seres humanos e do mundo (Morin, 2000) e as múltiplas inteligências presentes no fazer humano (Gardner, 1994). Nesse sentido, as escolas promovem situações e vivências, avançando para além dos seus muros, associando as tecnologias aos saberes tradicionais e cientificamente estudados no circuito educativo, despertando, dessa forma, o interesse do aluno.

Na perspectiva da Pedagogia da Comunicação, a escola é um espaço estabelecimento de normas e regras de negociação social importante para a apreensão da realidade. É sua função possibilitar ao cidadão acesso às habilidades e às competências necessárias para cotidiano em suas diversas esferas (política, acadêmica, etc.). A percepção dessa relação de negociação é essencial para entender o processo de construção do conhecimento, de produção da cultura e das relações comunicacionais em sala de aula no panorama da Pedagogia da Comunicação.

3. O audiovisual na escola

Desde a década de 20, pesquisadores como Fernando Azevedo e Roquette-Pinto defendiam o uso da tecnologia no processo educativo como forma de informar a sociedade, especialmente, o rádio e o cinema. Todavia, a produção audiovisual é algo recente incorporado ao processo educacional. Em pesquisas realizadas em escolas desde 1998, Pereira (2009) aponta a produção de vídeo como um importante elemento no processo educativo, no entanto, até o momento, poucos pesquisadores defendem o vídeo como processo didático-pedagógico. De acordo com Litwin, no contexto da “relação comunicação/educação, a relação linguagem audiovisual e escola continua permeada de preconceitos e estereótipos” que atrapalham a aplicação das possibilidades comunicacionais no ensino e aprendizagem, “não permitindo o desenvolvimento de um hábito de uso dessa linguagem enquanto concepção pedagógica por professores e pedagogos” (1997, p.52).

Ao contrário do cidadão da era de Gutenberg, educado para a racionalização e para a distância afetiva, o cidadão do Século XXI, civilização técnico-eletrônica e audiovisual, no entender de Babin e Kouloumdjian (1989),

associa a sensação à compreensão, o imaginário ao conceito. Outro teórico preocupado com esse tema é McLuhan (1964, 1977) ao destacar que, até o aparecimento da televisão, vivíamos na “Galáxia de Gutenberg”; outrora, os saberes eram transmitidos oralmente, por lendas, fábulas, mitos, histórias e tradições, porém, com a imprensa, um novo formato assumiu, por permitir que o conhecimento fosse difundido em uma escala maior. Nas palavras de McLuhan, “antes da imprensa, o jovem aprendia ouvindo, observando, fazendo” (1977, p. 48). Nesse sentido, McLuhan e Fiore (1969) apontam vários defeitos do sistema escolar, entre eles a postura da escola preferir criticar as mídias a adotá-las como recurso nos processos de ensino-aprendizagem. Até porque, afirma McLuhan, ponto de partida para a educação é a vontade do aluno em aprender, “onde o interesse do estudante já estiver focalizado, aí se encontra o ponto natural de elucidação de seus problemas e interesses” (1964, p. 39). Muito antes de autores comentarem sobre aspectos lúdicos na educação, McLuhan já defendia o estudo como uma atividade divertida, para esse crítico feroz da escola tradicional, “é ilusório supor que existe qualquer diferença básica entre entretenimento e educação; sempre foi verdade que tudo o que agrada ensina mais eficazmente” (1977, p. 34). McLuhan apresenta muitos pontos de contato com a Pedagogia da Comunicação ao argumentar que os meios de comunicação são extensões do homem, assim como a roupa, por exemplo, é extensão da pele, a roda do veículo, do pé. Nesse sentido, as mídias são extensões dos sentidos dos seres humanos. O Século XXI obriga o homem a fazer uso de todas as suas habilidades, sem distinção ou dissociação do que é puramente entretenimento e do que é, essencialmente, conhecimento; lazer e aprendizagem, na visão de McLuhan, passam a estar integrados, a sinestesia pode ser vista como a nova guia de formação e educação na linguagem tecnológica (1964, 1977). Para ambos, não há audiovisual sem afetividade, sensibilidade.

Essa linguagem tecnológica, que conecta e aproxima pessoas, olhares, também educa múltiplas atitudes perceptivas e requer constantemente a imaginação, investindo na afetividade e nas relações como mediação primordial no mundo. Logo, a produção audiovisual pode emergir pedagogicamente pela possibilidade de favorecer a coautoria, a colaboração e a motivação em processos de ensino e aprendizagem segundo pesquisas realizadas por Pereira e Janhke apontam (2012). Ela incorpora outras linguagens, ou seja, na produção de vídeo, é necessário, por exemplo, habilidades e competências relativas à escrita e à pesquisa para criação do roteiro, relativas à matemática para planejamento logístico, relativas às artes para questões estéticas, assim por diante (PEREIRA, 2007).

Aliás, o audiovisual envolve inerentemente a mixagem, isto é, a combinação de imagem, som, palavras e outros elementos em uma composição

sinérgica de tal forma que se exhibe como unidade. Ao retomar Pereira e Janhke quando argumentam que a produção de vídeo “aceita a autoria de um coletivo” em que pontos de vistas e sentimentos são compartilhados, é possível entender que a produção audiovisual oferece um cenário pedagógico moderno e lúdico – “moderno, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens [...] lúdico, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade” (2012, p. 43).

A produção audiovisual também proporciona situações em que os estudantes precisam empregar vários tipos de ferramentas, digitais (por exemplo, programa de edição de vídeo e áudio) e físicos (por exemplo, preparação do figurino e do cenário), e aprender gerir diferentes formatos de informação de diversas naturezas (provenientes de pesquisa em livros, almanaques, mapas, diários, páginas Web), explorando ideias de modo criativo e desafiador.

No que tange a produção audiovisual, um aspecto importante diz respeito à mediação entre culturas promovida por essa linguagem – no contexto didático-pedagógico, a mediação da cultura do aluno e escolar. Por exemplo, ao gravar e editar o vídeo, o estudante usa sua representação social da vida e, assim, o docente pode indagar com ele sobre as imagens registradas em detrimento de outras. Assim, o próprio aluno começa a pensar sobre o que fez, sobre o processo e seus possíveis desdobramentos em relação aos tópicos curriculares. No fluxo de aprendizagem, tal estratégia se aproxima da proposta de Freire de dialogismo entre o Estudo da Realidade (fala do educando) e a Organização dos Dados (fala do educador) através de Temas Geradores, explorados da problematização da prática de vida dos alunos. Tanto para Freire quanto para a Pedagogia da Comunicação, os conteúdos de ensino devem ser resultado de uma metodologia dialógica. Segundo Freire, a transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural”, uma vez que, nessa perspectiva, a educação deve ser reconstrução contínua de significados de uma dada realidade em que há uma ação do indivíduo sobre essa realidade, assim, as aulas se transformam em fóruns de debate, denominados “Círculos de Cultura” (2002).

Silveira amplia a discussão, argumentando que inerentemente a produção audiovisual é ponte entre a cultura do estudante e da escola, uma vez que a imagem envolve um ponto de vista, um olhar, uma produção particular, nas palavras da autora:

Toda a imagem é produção, toda imagem é um dado de cultura. Toda imagem contribui para a significação dialética ligada à ideologia da época, mesmo quando a

contesta. Antes a atrás de cada imagem há pelo menos, um homem, um olhar e a mão que cria. Esse homem vive entre homens, num tempo lugar, entre natureza e máquinas, com lembranças familiares, desejos, crenças, inquietações e vínculos (1988, p.107).

Dessa forma, a produção audiovisual pode contribuir tanto mediar a cultura do aluno na escola, quanto para levá-lo a contextualizar determinados tópicos curriculares em sua realidade. Na produção audiovisual como estratégia pedagógica, o aluno não só apresenta seu ponto de vista (sua forma de ver o mundo), como tem a possibilidade de ser ver, de assistir a sua realidade, seu contexto.

4. Metodologia

O objetivo deste artigo é observar as ações mediadas pela produção audiovisual no desenvolvimento do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental. O presente problema de pesquisa é: como a produção de vídeo contribui para que a cultura do aluno entre no espaço escolar, relacionando a realidade do estudante com os tópicos curriculares? Com vistas de observar como a produção audiovisual se relacionar com as práticas pedagógicas, mediando a cultura do aluno no contexto escolar, foi acompanhada, por três anos (2010, 2011 e 2012), uma experiência didática numa escola pública municipal de Campo Bom, Rio Grande do Sul. Essa experiência adicionou a produção audiovisual às demais estratégias de ensino e aprendizado.

4.1. Sujeitos da pesquisa

Para este estudo, foram observadas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Borges de Medeiros, Campo Bom, Rio Grande do Sul. Devido aos próprios parâmetros da escola, elas se configuram num equilíbrio entre o número de meninos e meninas (metade de cada gênero), faixa etária (variação de três anos) e quantidade de alunos por turma (aproximadamente trinta jovens). No total, ao longo dos três anos de pesquisa, participaram deste estudo três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, uma a cada ano letivo – com a média de trinta e dois jovens por turma, totalizando noventa e seis estudantes, com idades entre treze e quatorze anos. Também participaram da pesquisa vinte e dois professores, sendo três desses membros de equipes diretivas, duas coordenadoras pedagógicas e três membros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – as demais são docentes de sala de aula.

As turmas de 9º ano do Ensino Fundamental são os sujeitos desta pesquisa,

principalmente, pela postura dos alunos em relação ao programa curricular em 2009. Nesse ano letivo, 94% desses estudantes participaram de um movimento de mudança do sistema de ensino da instituição a partir da modernização da infraestrutura das escolas municipais da cidade ocorrida em 2009.

Campo bom é um município localizado próximo à região metropolitana que tem aproximadamente sessenta e seis mil habitantes e uma economia diversificada. A partir de 2009, a cidade passou a disponibilizar uma série recursos e espaços gratuitos à população, como por exemplo, sinal Wi-Fi aos moradores e academias de ginásticas com acompanhamento médico. Com base no Censo Escolar, registrou-se que a presente unidade escolar contabiliza anualmente mais de mil estudantes durante os turnos manhã, tarde e noite, oferecendo atividades extracurriculares de diferentes ordens: esportivas, culturais, de reforço escolar, idiomas, entre outras. Para atender a essa demanda, a escola conta com salas de aula equipadas com lousas digitais, notebooks e cobertura Wi-Fi. Além das salas das turmas, há outros espaços educacionais: biblioteca, auditório, laboratório de ciências e informática, salas de apoio pedagógico, musical, multifuncional (com recursos para atender necessidades educacionais especiais), etc. Cabe notar que apesar da cidade e a escola oferecerem uma realidade tecnologia de ponta, isso não significa que todos têm acesso a esses recursos.

4.2. Coleta dos dados

Os instrumentos de pesquisa neste estudo foram variados. A coleta de dados foi feita através de entrevistas com comunidade escolar (professores, coordenadoras pedagógicas, diretoras, membros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, alunos e seus familiares). As entrevistas se deram com perguntas não estruturadas.

Também foi investigada a documentação referente às turmas observadas – precisamente, as atas escolares, os diários e planejamentos das classes, os controles de frequência, o livro de retirada na biblioteca escolar, o Projeto Pedagógico da escola e memorandos encaminhados à Secretaria Municipal de Educação e Cultura relativos às turmas de 9º ano. Em adição, houve o levantamento das avaliações trimestrais, as Atas de Resultados Finais do período de 2002 a 2012; pois, no contexto escolar, a avaliação é um processo que possibilita examinar se a realidade está de acordo com certas expectativas e, apesar de intensamente questionada, a avaliação é um processo intimamente associado ao desenvolvimento curricular (HADJI, 2001).

Além disso, a coleta de dados contou com uma abordagem etnográfica. Foram assistidas em média dez aulas por mês, sendo, pelo menos, um período de cinquenta minutos por componente curricular. O foco nesses momentos foi observar como a produção audiovisual mediava a cultura do aluno no espaço escolar, relacionando a realidade do estudante com os tópicos curriculares. Foram observados desde a organização do espaço da sala de aula até o comportamento dos alunos e professores.

Análise dos dados

Ao analisar os dados coletados, verificou-se que, em 2009, a escola iniciou uma proposta pedagógica de produção audiovisual voltada aos anos finais do Ensino Fundamental, envolvendo os elementos da cultura digital com os componentes curriculares: Artes, Matemática, Português, Inglês, Educação Física, Ética e Cidadania, Religião, Ciências, História e Geografia. Segundo as atas e as entrevistas, essa empreitada teve sua gênese nesse mesmo ano numa sondagem inicial de ano letivo de um professor de Língua Portuguesa. Na investigação das dificuldades e anseios dos jovens das turmas de 9º ano organizada pelo docente, os estudantes declararam ter dificuldade de entender qual a aplicação, a importância, de vários tópicos estudados para o cotidiano deles. Conforme argumenta Porto (2006) e Penteado (2002), um dos pontos mais desafiadores envolvendo os sistemas educativos tange questões metodológicas, mesmo com intensa discussão referente à contextualização dos tópicos curriculares e à interdisciplinaridade com vistas numa visão holísticas dos temas curriculares, esses dois pontos ainda são deficientes em muitas realidades escolares. Nas entrevistas realizadas com os alunos, precisamente, vinte e cinco estudantes, registrou-se que, no caso desses jovens, uma parte considerável dos conteúdos era esquecida porque não era motivadora. Esse dado é corroborado pelos docentes e coordenadoras entrevistadas, reforçando as pesquisas realizadas por Moreira e Masini (1982) em que verificou que tópicos escolares geralmente não se ancoram em conceitos relevantes do aluno. Freire (2005) também alerta para esse aspecto. Em alguns sistemas, infelizmente, os programas curriculares não vão ao encontro dos anseios dos estudantes, da realidade dos educandos, isso, para autor, representa uma significativa deficiência da educação bancária, principalmente, no que tange a contextualização dos tópicos curriculares.

Ao consultar pontualmente os registros do professor que organizou o levantamento das dificuldades e anseios dos alunos (em 2009), observa-se um dado bastante recorrente já destacado por Porto (2005), Franco (1990) e Silveira (1988): o ritmo das atividades. Foi mencionado pelos alunos que o ritmo das atividades era bastante diferente dentro e fora da sala de aula. Para os alunos, enquanto a vida fora da sala de aula era emocionante,

dinâmica, multimídia, desafiadora e repleta de possibilidades, dentro da sala era unidirecional, passiva e monótona. Nas entrevistas, os estudantes declararam que mesmo com a modernização do ambiente escolar (lousas digitais, notebooks, sinal Wi-Fi, etc.), “as aulas eram chatas e cansativas”. Conforme Porto, a modernização da escola ocorre quando alunos, professores, dispositivos, imagens e significados dos meios e tecnologias de comunicação entrecruzam-se nos espaços escolares, alterando as relações, “criando possibilidades de organização do trabalho e de vivências educativas; e não quando esses elementos reproduzem os antigos sistemas didáticos” (2005, p. 32). Assim, a educação na escola envolve espaços de comunicação que movimentam “os sujeitos, para a (re)significação do conhecimento e para a construção da unidade individual e social” (PORTO, 2006, p.39). Nos documentos investigados, registrou-se que 92% dos estudantes de 9º ano, em 2009, apontaram que a produção de vídeo poderia tornar o ritmo das atividades mais interessante e a relação dos tópicos curriculares mais próxima dos temas do cotidiano dos educandos – bem ao tom das discussões levantadas por Luhan (1964, 1977). Conforme o autor defende o estudo pode e deve ser uma atividade divertida; para esse crítico feroz da escola tradicional, “é ilusório supor que existe qualquer diferença básica entre entretenimento e educação; sempre foi verdade que tudo o que agrada ensina mais eficazmente” (1977, p. 34).

Ao investigar as Atas Escolares de 2009 e 2010 e ao entrevistar os estudantes desse período, verifica-se que os estudantes dos 9º anos com o professor de Língua Portuguesa organizaram uma proposta de produção audiovisual articulada ao desenvolvimento do currículo – a proposta fora encaminhada, primeiramente, à equipe diretiva da escola (com a coordenação pedagógica e a Associação de Pais e Mestres - APM) e, posteriormente, à Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Já, no ano de 2009, segundo os registros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a proposta foi deferida, iniciando plenamente em maio desse mesmo ano letivo com a adesão do corpo docente.

Ao analisar o projeto, nota-se que ficou definido que, no desenvolvimento dos tópicos curriculares, além dos trabalhos habituais, estruturados e entregues por escrito, os estudantes empregaram a produção audiovisual como forma de apresentar seus pontos de vista sobre cada tema, seus resultados, suas pesquisas, etc. Em entrevista, os professores de História e Artes exemplificaram que, ao trabalharem o tópico Idade Média em História e Artes, os estudantes sob sua ótica trouxeram elementos da sua realidade e preparam pesquisas, leituras, roteiros, imagens e, por fim, exposições sobre o tema. Segundo Porto (1994, 2005) isso é muito interessante, pois “o audiovisual explora os ângulos emocionais, inesperados, exigindo envolvimento (...) o audiovisual é dinâmico, responde à sensibilidade,

trabalha com a imaginação, com os sentimentos e com a emoção, podendo despertar caminhos expressivos”. Nesse sentido, o vídeo pode ser visto como um facilitador, já que ajudou essa realidade escolar a estabelecer um processo dialógico entre os alunos que aprendem em grupo, favorecendo momentos de aprendizagem significativa.

Conforme, os registros de acompanhamento pedagógico das coordenadoras da unidade escolar, os professores levaram dois meses para integrarem efetivamente a produção audiovisual como estratégia pedagógica em seus planejamentos.

Segundo o Departamento Municipal de Transporte Escolar e os registros da escola, mensalmente, os estudantes da iniciativa pedagógica audiovisual participavam de oficinas ministradas por profissionais parceiros de televisão e rádio. Essas ocorriam em emissoras de televisão e rádio, no turno contrário das aulas, tendo carga horária de aproximadamente quarenta horas. Nas entrevistas com os professores e alunos, averiguou-se que as oficinas de rádio e de televisão eram focadas em aspectos operacionais: captura de imagens, iluminação, edição, sonoplastia, entre outros. Os estudantes acompanhavam todos os passos de produção de rádio e televisão e, na sequência, os profissionais mostravam como os jovens poderiam realizar os passos mostrados com os recursos disponíveis na escola. Os professores também participavam dessas oficinas, pois, nas produções audiovisuais, a intervenção dos educadores era essencial.

Tanto nas entrevistas quanto na abordagem etnográfica, observou-se que essas etapas de produção audiovisual foram mobilizadas em favor dos tópicos dos componentes curriculares. Exemplo disso é a Declaração 01 – recorrente nos demais docentes. Em sintonia com a Pedagogia da Comunicação, no uso das mídias na educação, o educador preserva suas funções, orientando tanto os vários aprendizados que acontecem dentro dos sistemas educativos, quanto aqueles que estão fora e são os meios e tecnologias com os quais os estudantes interagem, assumindo que a aprendizagem acontece em diversos momentos e locais do cotidiano conforme Porto (2003, 2005) e Penteado (1998, 2002). As autoras complementam explicando que a Pedagogia da Comunicação não implica uma didática nova, mas uma postura que se esteia na inter-relação entre professor e aluno como indivíduos que se organizam, decidem e buscam vencer obstáculos, tendo em vista os tópicos curriculares intermediados com as tecnologias e situações do cotidiano. Com base nas observações das aulas e nas entrevistas, destacou-se esse aspecto.

Declaração 01 - Professor 4, jul. 2012

Na tríplice currículo-tecnologia-cotidiano, o processo de ensino-aprendizagem ganhou força, porque o aluno pode trazer sua cultura para o circuito curricular, pois, o dialogismo não se estabelece exclusivamente numa relação de ouvir, vai muito além. É uma questão de o docente ouvir o estudante, refletir com ele sobre os pontos levantados e executar ações a partir disso. Nas observações, notou-se que a cultura do aluno fez parte do processo de ensino-aprendizagem, por exemplo, trazendo os games para compor as aulas. Em História, nos produtos audiovisuais, os estudantes exploraram os games relacionando-os com temática medieval para tratar tópicos, tais como, o feudalismo medieval, a relação das artes com a igreja, as cruzadas, entre outros. Outro exemplo, são as produções em que manobras de skate e bicicleta serviram para abordar os tópicos de matemática, principalmente, aqueles relativos à física. Em síntese, verificou-se que em 98% das atividades em que a produção audiovisual foi empregada, houve a mediação dos temas presentes na cultura dos alunos (música, games, moda e comportamento, histórias em quadrinhos, séries de televisão, etc.) no programa curricular.

De posse das médias trimestrais das turmas ao longo de três anos (Gráfico 1), observa-se uma tendência de crescimento linear e consistente. Ao consultar as Atas de Resultados Finais dos últimos dez anos dos 9º Anos do Ensino Fundamental da escola, observou-se que o crescimento verificado nas turmas que adotaram a produção audiovisual, principalmente, no trimestre final, era o maior já registrado pela instituição – ao examinar as atas dos últimos dez anos dos 9º Anos do Ensino Fundamental, até então não era ultrapassado 80 pontos na média geral e, na experiência audiovisual, alcançou-se 90 pontos.

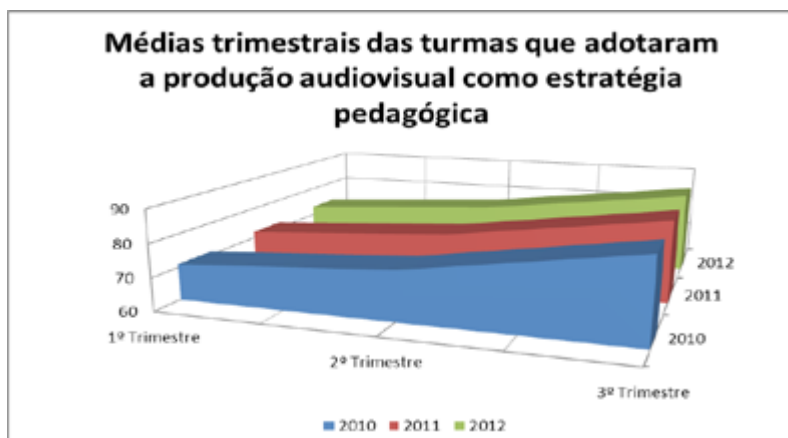


Gráfico 1 – Acompanhamento das médias trimestrais das turmas que adotaram a produção audiovisual como estratégia pedagógica nos anos letivos de 2010, 2011 e 2012.

Um dos aspectos que pode ser considerado catalizador desses resultados positivos nas turmas que empregaram a produção audiovisual é o aspecto dos estudantes trabalharem os conteúdos curriculares associados aos elementos que fazem parte do universo jovem e os atraem (vídeos, clips, músicas, imagens, etc.) conforme a Declaração 02.

Declaração 02 - Estudante 28, dez. 2012

A fala do Estudante 7 reforça esse aspecto: “nunca gostei de Matemática e Língua Portuguesa, mas fazendo os vídeos, eu descobri que gosto e escrevo bem mesmo” (ago. de 2012). As entrevistas e os acompanhamentos semanais as atividades pedagógicas realizados nesses três anos fornecem indícios que a produção audiovisual auxiliou no processo dialógico entre os tópicos curriculares e os elementos da cultura dos estudantes, corroborando os argumentos defendidos por Porto (2005, 2006) e Pereira e Janhke (2012).

Há também indicativos que a produção audiovisual facilitou o foco dos alunos nos tópicos escolares, diminuindo as situações de indisciplina, precisamente, segundo os registros da escola, houve uma redução de aproximadamente 45%. Conforme a coordenação pedagógica, isso se deve em tese à motivação e ao sistema de colaboração facilitada pela produção audiovisual conforme a Declaração 03.

Declaração 03 - Estudante 2, nov. 2011

As declarações dos estudantes ao lado das suas médias trimestrais oferecem indícios das características positivas da produção audiovisual articulada ao desenvolvimento do currículo dos anos finais do Ensino Fundamental, principalmente, no que tange a motivação e o comprometimento dos aprendizes com seu desempenho escolar; corroborando as pesquisas realizadas em outras realidades escolares envolvendo a produção audiovisual (PERREIRA, 2009). Senge, em seu livro *Escolas que aprendem*, nos coloca que “se aquilo que ocorre na sala de aula é principalmente o produto das maneiras como as pessoas pensam e interagem, então, métodos que aumentam a qualidade do pensamento e da interação podem tornar tudo mais que ocorre na sala de aula mais poderoso” (2005, p. 72).

Considerações Finais

Em três anos, foram investigadas turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Borges de Medeiros, Campo Bom – RS, que adotaram a produção audiovisual no desenvolvimento do currículo. Em síntese, é possível dizer que foram encontrados indícios de que a produção audiovisual pode ser um facilitador interessante na direção de uma aprendizagem significativa e colaborativa, em que a cultura do aluno se faz como elemento catalizador.

Foram identificados vários indícios que a produção audiovisual oferece um cenário rico para mediar a cultura do aluno e o programa curricular, melhorando o envolvimento dos estudantes com os tópicos escolares e os relacionamentos interpessoais. Ao observar os resultados das avaliações trimestrais das turmas, verificou-se uma tendência linear de crescimento em que, ao examinar as Atas de Resultados Finais dos últimos dez anos dos 9º anos do Ensino Fundamental, é possível perceber que o crescimento verificado nas turmas que adotaram a produção audiovisual, principalmente, no trimestre final, é o maior já registrado pela instituição.

Nos acompanhamentos semanais em sala de aula, também se averiguou que, nas atividades de produção audiovisual, os estudantes se envolveram mais com as tarefas, havendo uma redução significativa nas situações de indisciplina.

Como trabalhos futuros pretende-se refinar a análise dos dados por componente curricular, a fim de verificar como cada área articulou a produção audiovisual aos seus processos de ensino e aprendizagem.

Referencias bibliográficas

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. F. Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em 07/04/2013.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em 07/04/2013.

FRANCO, M. Filme educativo é chato. Revista Vídeo Escolar, nº 1, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1990.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia dos oprimidos. Paz e terra: São Paulo, 2005.

GARDNER. H. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GUTIÉRREZ, F. Dimensão pedagógica das novas tecnologias da comunicação e informação. Araraquara: JM Editora, 2003.

HADJI, C. Avaliação desmistificada. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LÉVY, P. Ciberultura. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LITWIN, E. Tecnologia educacional, políticas históricas e propostas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

MCLUHAN, M. Os meios de comunicação de massa como extensões do homem (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1964.

MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg. São Paulo: Nacional, 1977.

MCLUHAN, M.; FIORE, Q. O meio é a mensagem. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MOREIRA, M.A.; MASINI, E.S.F. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

MORAN, J. M. Novos desafios na educação. In: PORTO, T. M. E. (Org.) Saberes e linguagens de educação e comunicação. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2001, p. 19-44.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Corte, 2000.

OROZCO, Guillermo G. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do Século XXI. Comunicação e Educação. São Paulo, n. 23, p. 57-70, jan./abr. 2002.

PENTEADO, H. D. Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

PENTEADO, H. D. Comunicação escola: uma metodologia de ensino. São Paulo: Salesiana, 2002.

PEREIRA, J. Criando o 5º poder. Londrina: ERD Filmes, 2007.

PEREIRA, J. Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas. Londrina: ERD Filmes, 2009.

PEREIRA, J; JANHKE, G. Produção de vídeo nas escolas. Educar com prazer. Estudo de caso. Escola Independência Pelotas. Pelotas: ERD Filmes, 2012.

PORTO, T. M. E. A televisão e a criança que a vê. A didática em revista. Rio Grande, n.1 v.1; 1994, p. 36-45.

PORTO, T. M. E. Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: JM, 2003.

PORTO, T. M. E. Adolescentes e comunicação: espaços de aprendizagem e de comunicação. Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación, mar 2005, ano XIII, ano 24, p. 133-141.

PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. Revista Brasileira de Educação, jan/abr 2006, v. 11 n. 31, p. 43-57.

SENGE, P. Escola que aprendem. Porto Alegre. Artmed, 2005.

SILVEIRA, M. H. A tecnologia na escola. Revista Imagem, Tecnologia, Educação - Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.



Relato de Experiência em Escolas

O CINEMA NA ESCOLA

Luiz Claudio Motta Lima

Sou professor de Geografia desde 1998 e desde o início do curso de bacharelado em Geografia, em 1993 já tinha optado em trabalhar a relação entre a Geografia e cinema. Isso porque desde a minha infância eu já gostava muito de cinema, quando via na televisão com meu pai os filmes de Charles Chaplin e Jerry Lewis. Na adolescência, foi através da escola que pude conhecer os grandes diretores brasileiros, como Nelson Pereira dos Santos e Cacá Diegues. Filmes como Jubiabá e Tenda dos Milagres eu vi através de um projeto da rede municipal que levava os alunos para o antigo cinema Cisne localizado na Freguesia (Jacarepaguá). Com a construção da Linha Amarela o cinema não existe mais.

A partir de então comecei a procurar os filmes do cinema novo para ver. Na época, entre 1987 e 1989, além de frequentar o cinema Cisne que costumava exibir dois filmes, geralmente um mais comercial e outro mais autoral. Neste contexto, fui ver um filme do Bruce Lee e também vi o belo “O baile”, de Ettore Scola, cineasta que gosto muito.

No final de 1993 embora quisesse cursar cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF) fui aprovado no curso de Geografia na UERJ e ao começar os estudos me interessei pelos estudos culturais e principalmente pela relação Cinema-Geografia. Terminei a graduação de bacharelado com a monografia: Geografia – Cinema: O Rio de Janeiro visto pelo filme Rio, 40 graus. Terminei a graduação de licenciatura e conclui o mestrado, com a dissertação: “A trilogia da paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos em 2006.

Desta forma, quando comecei a exercer as atividades de professor nas redes públicas estadual e municipal do Rio de Janeiro, tentei introduzir a minha experiência e gosto pessoal pelo cinema. Em 2001, quando ingressei na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro realizei muitas atividades com os alunos relacionando o audiovisual nas aulas. Em 2003 comecei a ministrar as aulas na oficina de vídeo do Núcleo de Arte Grécia.

O Audiovisual na Escola

Atualmente, com a facilidade das Câmeras digitais, celulares, entre outros recursos tecnológicos as pessoas puderam produzir e exibir na Internet, através de Sites como o Youtube, pequenas produções, que podem ser assistidos por um número cada vez maior de espectadores.



Alunos da Oficina de vídeo na elaboração de um roteiro.

Neste sentido os professores, também, buscam este diálogo, possibilitado pela democratização dos recursos audiovisuais. E este debate não é de hoje, aliás, deste que tenha oportunidade os professores utilizam novos recursos em sua didática. Na década do século XX com o recurso do vídeo cassete e as câmeras caseiras, houve um grande número de produções de escolas. O que acontece nos dias atuais, é uma tendência iniciada no início dos anos 2000, com a popularização das câmeras digitais e da facilidade da edição não linear em computadores caseiros. É neste contexto, que aumenta as produções independentes e as intervenções caseiras que invadem a internet.



Os alunos durante a produção do curta Pétalas de Rosas, sobre preconceito e conflitos na escola.

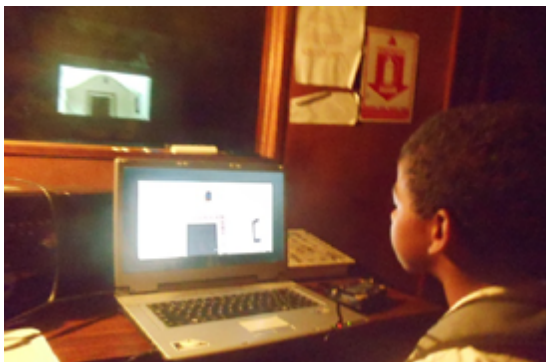
Entretanto, embora a facilidade com os recursos tecnológicos tenham aumentado, alguns problemas surgiram, como um número grande

de imagens sem resolução, com enquadramento não adequado, movimentos bruscos, e principalmente pequenos vídeos que não tem preocupação com a pessoa filmada, gerando uma discussão sobre a ética. Sobre isso, Freire (1996:16) nos lembra sobre a nossa responsabilidade:

“Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar essa responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la.”

Então, a maior preocupação do professor com relação a orientação de um trabalho com o audiovisual, deve ser o desenvolvimento de uma estética que não abra mão da ética. Então ao orientar o aluno devemos nos preocupar sobre algumas questões:

- A quem interessa o filme?
- Ao retratar uma pessoa ou assunto, qual a abordagem necessária?
- A pessoa retratada se sentiu ofendida?
- Os atores estão à vontade diante da Câmera
- Qual o motivo de fazer o filme?



Aluno projecionista do cineclubes Grécia Projeto cineclubes nas escolas

Estas questões são apenas alguns exemplos para podermos iniciar um trabalho com uma orientação pedagógica. É lógico que muitas questões e problemas surgirão. Mas trabalhando em equipe a busca de solução para os problemas enfrentados será menos complicada

Desta forma, a função do professor é manter-se como orientador das atividades práticas, tais como elaboração de roteiros, pesquisas, filmagens e edição e análise plano-a-plano de filmes e vídeos. Para isso, torna-se importante a exibição de filmes e vídeos para a análise e reflexão da linguagem audiovisual. Além disso, torna-se necessário a orientação sobre a utilização dos equipamentos (Câmera, tripé, videocassete, etc.).



Alunos durante a exibição no cineclube Grécia.

Para não finalizar

Neste período de desenvolvimento de oficinas de audiovisual na escola muitas coisas aconteceram. Alguns alunos já se formaram e tornaram cineastas, outros seguiram em diversas profissões, mas com o olhar crítico sobre esta sociedade em que vivemos.



Os alunos em mais uma produção da oficina de vídeo do Núcleo de Arte Grécia.

A partir da reflexão sobre estes anos de intensos trabalhos com o audiovisual, em que priorizamos todas as etapas de produção de um filme, nos encoraja seguir em frente produzindo e exibindo mais produções audiovisuais dos alunos. Esperamos que o cinema possa agregar mais pessoas neste objetivo comum: Produzir e aprender com o cinema.

BIBLIOGRAFIA

BERNADET, Jean Claude. Brasil em tempo de cinema. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. O que é Cinema?. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

_____. O autor no cinema. São Paulo: Brasiliense: EDUSP, 1994.

BERGALA, Alain. A Hipótese-Cinema. Rio de Janeiro: UFREJ/LISE/CINEAD/BOOK LINK, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 43 Ed. 2011.

FRESQUET, Adriana (Org). Aprender com Experiências do Cinema: Desaprender com Imagens da Educação. Rio de Janeiro: UFRJ/LISE/CINEAD, 2009.

MARTIM, Marcel. A linguagem Cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PEREIRA, Josias (Org). Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas , Londrina: ERD Filmes, 2008

FILMOGRAFIA RESUMIDA

345 - A viagem do terror. Direção Coletiva. Ano 2003

Overdose. Direção Coletiva. Ano 2003

O pequeno cordel do sapato voador. Direção coletiva. Ano 2005. Prêmios: Melhor Roteiro (Mostra Mundo Recife, 2006; Terceiro lugar Mostra Challenge. Portugal, 2006)

Um lugar chamado Quitungo. Direção Coletiva. Ano 2006.

Um plano sequência sobre o racismo. Direção Coletiva. Ano 2007

Valorizando o meio ambiente. Direção Coletiva. Ano 2007. Menção Honrosa Festival Nacional de cinema ambiental Pacoti. 2007.

Alma Suburbana. Direção: Luiz Claudio Lima; Hugo Labanca; Leonardo Oliveira; Joana D'arc. Ano 2007

Buraco na Matriz. Direção: Luiz Claudio Lima; Hugo Labanca; Leonardo Oliveira; Joana D'arc. Ano 2008

A mãe natureza contra a destruição do Planeta. Direção Coletiva. 2010. Prêmio melhor filme da Secretaria de Ciência e Tecnologia. 2010

No Limite do Horizonte. Direção Coletiva. 2011. Prêmio: Melhor Filme Mostra Cinema da Gema/Visões Periféricas 2012.

Eu sou Cláudio Garcia, professor da rede municipal do Rio de Janeiro desde 1999. Mas meu trabalho com vídeo não começou na prefeitura do Rio, começou em 1997, quando eu trabalhei numa escola particular no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Trabalhava com uma turma de 8ª série na época, hoje 9º ano. Foi desenvolvido um trabalho com teatro-interpretação e, no final do ano, a gente tinha que preparar alguma coisa, então, no 2º semestre, sentei com os alunos e eles optaram por fazer um vídeo.

Na época eu não tinha muita ideia do que fazer, e de como fazer. A experiência que eu tinha com vídeo era minha experiência como ator, tendo trabalhado em algumas participações na televisão e em alguns vídeos que eu tinha feito com amigos, alguns curtas, inclusive com Josias Pereira. Desse modo sentei com os alunos e começamos a debater temas, ideias e a primeira ideia que eles tiveram era a de fazer um filme de terror; na verdade era o que mais chamava a atenção dos alunos nos filmes americanos, era esta coisa do filme de terror, do medo, suspense. Topei a ideia, só que com uma condição, eles teriam que escrever a história. Foi o que fizeram, então, durante um tempo, a gente ficou escrevendo essas histórias, eles escreviam durante as minhas aulas, que aconteciam sempre uma vez por semana com dois tempos de aula. Neste meio tempo, eu consegui arrumar uma câmera na escola, e a gente foi gravar o vídeo. Levamos um mês e pouco gravando. O vídeo se chamava “A Recuperação”, e era um filme em que a história se passava durante a recuperação na escola, quando aconteciam alguns assassinatos.

O filme foi gravado e editado pelo meu primo que trabalhava numa produtora. Este primo levou o vídeo para editar; fui na produtora e ficamos lá, quatro ou cinco horas, editando o filme. O resultado era um filme de 18 minutos, de terror, com várias cenas de assassinatos, sendo que nunca aparecem as cenas do assassinato. Preferi essa opção estética porque achava que poderia ficar uma coisa violenta demais, então não aparece nada de sangue. Na hora do crime é sempre apresentado o assassino, a gente via apenas a reação dele. Na verdade era um plano subjetivo, da reação de quem estava morrendo.

O filme ficou pronto, exibi para os alunos da turma. A diretora da escola pediu para ver o filme. Tínhamos marcado uma exibição do filme na escola e a diretora vetou, achou o filme muito violento e assim foi proibido.

Em 1999 entrei para rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. A primeira escola em que eu comecei a trabalhar, em Guaratiba, chamava Escola Municipal Narcisa Amália. Quando entrei na escola, não pensei em trabalhar com vídeo, dadas as dificuldades que eu encontrei, porque a escola não tinha nenhuma câmera, e eu não tinha muita prática. A experiência que eu tinha tido tinha me mostrado que, além de ser um trabalho muito grande, com a edição, a gravação, era um trabalho cansativo para o professor. Digo isso porque, na verdade, além do meu horário de sala de aula, eu teria que dispor de um tempo para editar e fazer a finalização do filme. Mas, em 2001, eu comecei a trabalhar num programa de televisão aqui no Rio, eu apresentava um programa chamado “Abrindo o Verbo”, assim, a cada programa eu ia numa escola e debatia com os alunos desta escola sobre um tema. Comecei a ver que o programa tinha este objetivo, de dar voz aos alunos, então pensei: por que eu não vou dar voz aos meus alunos? Na época, eu tinha uma turma de oficina, porque eu completava dois tempos na escola, eu tinha dez tempos de aula, e com mais dois tempos eu completava a minha carga horária com uma oficina de teatro. Então resolvi, dentro desta oficina, fazer um trabalho de vídeo com os alunos. A minha surpresa foi que, quando eu sugeri a ideia aos alunos, todos toparam.

Começamos a discutir o que fazer, tivemos a ideia de fazer um pequeno documentário, um programa jornalístico, que falasse do bairro deles. Eu não tinha uma câmera na escola, então eu consegui uma câmera emprestada com um primo meu (meu primo me ajudando de novo). Esta câmera tinha entrada de microfone, então, com isso, o vídeo já tinha de cara uma coisa muito boa que era o som, pois muitas câmeras mais simples não tem entrada para microfone e o som da câmera não é muito bom. No nosso caso o som funcionava. Você conseguia ouvir bem o que os alunos estavam dizendo, pois no primeiro vídeo que realizei, “A recuperação”, no colégio particular, isso não aconteceu, o som ficava embolado. Hoje não é tão simples assim você achar câmeras que tenham entrada para microfone externo, o que sempre ajuda no resultado final do som.

Realizamos o vídeo e a escola adorou, e, a partir deste trabalho, a direção me pediu em seguida que fizesse um outro vídeo com os alunos, sobre as profissões, porque eles queriam, na verdade, falar para os alunos de 8ª série, sobre profissões e possibilidades de profissões que eles teriam não só na região deles, mas que eles poderiam seguir.

Então eu fui para campo pesquisar com os alunos da 8ª série. Essa ação foi mais um dos trabalhos da oficina. Foi legal porque os alunos chamaram pessoas que eles conheciam para gravar depoimentos, entrevistaram outras pessoas, pessoas da escola que tinham outras atividades fora da escola, então foi um vídeo muito legal. O resultado final

tinha mais de 30 minutos de duração, no qual as pessoas falavam de seus trabalhos e como chegaram a eles. Uma das perguntas foi como a pessoa conseguiu se estabelecer nesta profissão. A partir deste momento, a direção da escola abriu as portas para este tipo de trabalho e falou: - Olha, você pode fazer o que você quiser de vídeo, nós apoiamos o seu trabalho.

Este era um apoio moral, pois não tinha nenhum tipo de ajuda financeira, técnica, e a câmera que eu usava, ainda era a câmera do meu primo. A edição ainda era feita por mim, de vídeo para vídeo, e isso foi assim até 2003. Neste período, a gente fez cinco ou seis vídeos com os alunos. O resultado sempre era muito bom; exibíamos sucessivamente o vídeo na escola, nas televisões da escola, passava de sala em sala para todas as turmas e o resultado era ótimo, todo mundo adorava. Os alunos se sentiam muito bem, gostavam muito, e, a cada ano, aumentava a procura pela minha aula de vídeo. Os alunos que faziam oficina vinham me procurar e queriam participar.

Em 2003, eu fiz outro concurso pelo município e fui trabalhar numa outra escola. Esta nova escola também ficava no bairro de Guaratiba, era a Escola Municipal Monteiro Lobato. Quando cheguei na escola, de cara resolvi fazer um vídeo. Falei com o diretor que eu ia fazer um vídeo com os alunos, ele gostou da ideia, e então eu comecei a produzi-lo com os alunos. Escolhemos um tema que estava sendo trabalhado em sala de aula, que era a regra dos três Rs: reduzir, reutilizar e reciclar. Esse vídeo foi o primeiro vídeo na verdade no qual eu fiz uma edição não linear, usando um computador. Nesta época, eu estava trabalhando com um amigo, como assistente de edição numa produtora de vídeo. Ficava o vendo editar frequentemente. Um dia, perguntei se teria a possibilidade de editar o vídeo da escola lá. Ele falou: - Pode, mas você é que vai editar.

Então, numa tarde, sentei na ilha de edição, levei o material, capturei o material todo para o computador. Comecei a mexer na edição, ele foi me orientando nas coisas que eu tinha dúvida e, depois de muito tempo, mais ou menos um mês e pouco que eu estava editando, o filme ficou pronto. Empolgado com o resultado eu decidi então que eu só trabalharia com vídeos na escola, assim abandonei completamente o teatro. O motivo foi porque, nas duas escolas em que eu trabalhava, não tinha uma estrutura, eu não tinha um auditório, um lugar pra apresentar, sempre apresentava no corredor, ou numa sala de aula apertada, e eu vi que com o vídeo eu teria mais possibilidades, era só colocar em VHS (na época) e passar nas salas de aula.

Em 2004 nós produzimos um novo vídeo que foi o “Sexo na Adolescência”, falava sobre DSTs, como se prevenir, como se cuidar. Foi um

vídeo muito bom, que repercutiu muito na escola. Depois desde vídeo, fiz um curso com agentes de saúde e eles utilizaram o vídeo. Foi um vídeo muito bem produzido pelos alunos, já que, na verdade, eles tiveram muito cuidado em pesquisar, arrumaram pessoas, entrevistaram médicos, foi uma organização que me surpreendeu muito. De fato todo trabalho de vídeo que eu tenho com os meus alunos, desde que eu comecei, sempre segue este caminho:

- Os alunos pensam na ideia;
- Os alunos discutem;
- Os alunos escolhem como vão fazer;
- Os alunos escrevem o roteiro;
- Os alunos vão botar a mão na massa;
- Os alunos se preparam para participar da gravação;
- Os alunos revezam as funções;
- O aluno opera a câmera, segura um microfone, é o repórter;
- Os alunos são também os atores e o diretor do filme.

O trabalho é feito desta maneira, o aluno é o protagonista de todas as etapas do filme, a não ser da edição, porque não temos um programa de edição bom na escola. Desse modo eu acabei concentrando a minha mão na edição, apesar de ter muito da orientação deles, uma vez que eu pedia para que eles fizessem uma espécie de relatório com estas gravações; neste relatório é apresentado o que eles gostariam que tivesse no vídeo: músicas, ideias, sugestões, etc. Então muito do que eu editava era em cima do que eles me pediam, mas é claro, é inegável que, no final, a edição passa pela minha mão e a cara do filme, sem querer, acaba tendo um pouco a cara da minha edição. Ainda assim, eu tento ser o mais fiel possível às ideias deles.

Em 2005 então fiz o meu primeiro filme de ficção, chamava-se “Brincando de ser Deus”, rodado na Escola Municipal César Maia. O filme conta a história de um menino que criava, no computador da escola, um programa em que ele conseguia clonar pessoas. A partir deste vídeo a gente começou a trabalhar ficção e documentário nas duas escolas. Até dezembro de 2011, eu acredito que eu tenha concluído cerca de 60 vídeos com os

alunos, entre ficção e documentário.

Acho que este trabalho tem uma importância muito grande para os alunos, representa uma vitória particular de cada um, porque quando eles começam muitos têm dificuldade de se expor na frente da câmera, muitos têm dificuldade de falar, decorar o texto, então quando eles vão vencendo estes obstáculos, deles próprios, eles conseguem fazer depois, às vezes, de dez takes, uma cena onde ele tem duas falas. Depois a gente vê o resultado deles lá no vídeo e os colegas comentando. Acho que é uma vitória muito grande para cada aluno, e é isso que alimenta o meu trabalho como professor da rede municipal do Rio de Janeiro.

Acho que eu consegui alcançar algumas vitórias, que na verdade não foram vitórias, foram conquistas, porque o jogo ainda não acabou, pois a gente não venceu o jogo ainda. Acho que a gente ainda está jogando, mas estas conquistas se devem ao trabalho dos alunos. Hoje, já tem matérias que foram feitas na escola com os meus alunos e comigo, três grandes jornais do Rio de Janeiro, três emissoras de televisão e materiais na Internet, convites para fóruns internacionais que eu já participei, falando do meu trabalho de vídeo com os alunos. Temos alguns prêmios, dois vídeos que eu fiz com os alunos, em 2010 e 2011, foram campeões de um concurso de vídeo que a prefeitura organiza sobre a temática de drogas, de prevenção ao uso das drogas. Estas conquistas que não são somente minhas, são mais dos alunos do que minhas, são conquistas que me ajudaram, uma vez que hoje, por exemplo, posso trabalhar na escola com vídeos no sistema de oficinas. Posso trabalhar com um equipamento melhor, porque a escola já ajuda, compra equipamento quando precisa. A câmera que eu uso atualmente, nas duas escolas, é uma câmera que eu consegui com a Coordenadoria Regional de Educação. A prefeitura do Rio é dividida em dez coordenadorias de educação, (a minha é a 10ª CRE), me ofereceu, depois de uma conversa com a coordenadora, uma câmera melhor para eu trabalhar. Hoje consigo trabalhar, tenho uma câmera HDV, com que gravamos com mais qualidade. Tenho um microfone bom, tenho uma luz boa, apesar de ainda usar os meus aparelhos, como microfone sem fio de lapela, um microfone sem fio de mão, e algumas outras coisas de luz e o tripé.

Conquistei um espaço grande para o meu trabalho, e esta é a maior conquista que eu tive. A maior conquista para os alunos é o fato de eles poderem ser os donos do trabalho, de eles fazerem tudo.

Destes 60 vídeos que, aproximadamente, eu já fiz até hoje, apenas em um vídeo o roteiro é meu, todos os outros roteiros são dos alunos. A direção é deles, com a minha orientação, diretamente com a minha supervisão, mas ainda assim eu procuro colocá-los na direção do jeito deles, mas sempre

comigo do lado. Acho que a vitória que estamos buscando, a cada trabalho, a cada ano, é dar a estes alunos a possibilidade de mostrar que eles podem, que eles são capazes. A minha disciplina, Artes Cênicas, é uma disciplina mais livre, então eu acho que utilizar estas ferramentas que temos hoje me ajuda muito. Agora eu não tenho só o trabalho de vídeo na escola, nas duas escolas em que eu trabalho eu coordeno uma rádio escolar com os alunos e também já trabalhei com animação. Tenho contato direto com estas tecnologias, então os vídeos que os alunos fazem atualmente estão no meu blog que é o <http://nvguaratiba.blogspot.com.br>, site do Núcleo de Vídeo de Guaratiba, que criei junto com eles.

Dentro deste número de vídeos, procuro trabalhar não só com os alunos, mas com ex-alunos, alunos que saem da minha disciplina quando acaba o ano ou saem da escola e não podem mais continuar frequentando. Dentro do vídeo eles podem participar; então eles vem para minha aula como convidados e, muitas vezes, eles me ajudam fazendo câmera, parte técnica e até atuando. Acho importante porque estes ex- alunos são pessoas que, comumente, não querem deixar de fazer o trabalho porque não têm espaço em outro lugar para continuar praticando isso que eles desenvolveram, que é o audiovisual.

Eu tenho um ex-aluno, que foi meu aluno durante três anos, hoje ele está com 22 anos e ele trabalha com vídeo, com edição e já participou de vários projetos. Atualmente ele faz um curso de Cinema que é um projeto nosso que trabalha com jovens no Rio de Janeiro. Este aluno já participou de outros projetos como o do Canal Futura. Isso se tornou uma coisa importante na vida dele, pois hoje ele ganha dinheiro com isso, faz edição, faz vídeos, faz filmagens de festas na região dele e edita. Nosso objetivo não é formar técnicos de cinema, nem autores, diretores e atores, nada disso, mas é legal quando a gente vê que eles curtiram o trabalho e querem continuar trabalhando com isso.

Para concluir, eu acho importante dizer que o trabalho que eu desenvolvo com os meus alunos é muito rico, porque, muitas vezes, o aluno que trabalha na minha atividade é um aluno que frequentemente sofre preconceito na escola. Geralmente não é um dos melhores alunos da sala, muitas vezes é o aluno que é do grupo da bagunça, mas na minha aula ele tem a possibilidade de se mostrar de outra forma, porque ele tem a responsabilidade de estar ali, tem que se dedicar. Nesse momento a gente conhece o outro lado deste aluno, que até então, para a escola, não existia, que é o lado da responsabilidade, dedicação. Por vezes ele é visto só como o bagunceiro da escola, o aluno que nunca quer nada, entretanto, em minha aula ele tem a possibilidade de mostrar que ele pode ser diferente.

Em 2011 eu fiz um vídeo chamado “Dona”, que é uma história baseada no livro Dom Casmurro, de Machado de Assis. Para escolher o ator principal deste filme, que faz o Capitão (a gente adaptou a obra, trocando os gêneros, assim Dona era o Dom e Capitu virou Capitão). Para escolher este protagonista nós fizemos testes com vários alunos da escola, e o mais incrível é que, dos quatro finalistas, três deles eram considerados os piores alunos de outras disciplinas, os mais bagunceiros e menos interessados. O que foi escolhido para o papel foi um aluno do 8º ano, que já era repetente. Não era a primeira vez que ele repetia o ano, e quando eu exibí o filme na escola, no final do ano, a diretora e os professores ficaram surpresos, porque até então ninguém sabia que ele havia feito o filme. A gente fez tudo escondido e muito rápido, e eu queria, na verdade, que fosse uma supressa para as pessoas. E de fato foi, quando a diretora viu, ela não acreditou que aquele menino era o mesmo menino que toda semana estava lá na secretaria, levado pelo professor porque brigou com alguém, porque se aborreceu ou porque discutiu, ou porque fez alguma besteira. De repente um aluno como este, que não é um aluno muito bom na escola, vai descobrir que tem outros talentos, outras possibilidades e vai vencer na vida, mesmo não tendo sido o melhor aluno da sala de aula.

Este é o poder do audiovisual, este é o poder do vídeo na escola: fazer com que este cara que é o renegado, o estranho, o mau aluno, se transforme no protagonista de uma situação que, dificilmente, seria possível se não fosse através do vídeo. Porque muitas vezes eles são os centros das atenções, embora negativamente: gostam de chamar a atenção, de brincar, fazer palhaçada, não sei o que, e nesta hora não, ele está ali com responsabilidade, com verdade, vontade, participação, com emoção, se mostrando de uma outra maneira, que ninguém conhece.

No último ano, eu realizei 14 vídeos nas duas escolas em que eu trabalho, e acho que não sou só eu que estou produzindo mais vídeos com os meus alunos, acho que, de uma maneira geral, aumentou muito o número de professores trabalhando com vídeo na escola. Só para dar um exemplo, em minha Coordenadoria Regional de Educação nós realizamos, todo ano, uma mostra de Artes. Nesta mostra acontecem apresentações de teatro, dança, música e vídeo, e, nessa categoria de vídeo, quando a gente começou com a mostra, há seis anos, só eu apresentava vídeos, mas depois começaram a aparecer um vídeo aqui, outro ali. No ano de 2011 nós tivemos sete professores apresentando vídeos, a gente chegou a um total de 12 vídeos apresentados nesta mostra, que começou com dois vídeos que eu apresentei na primeira edição.

Depois de 2011 aconteceu a primeira mostra de vídeo, o primeiro festival de vídeo da prefeitura municipal do Rio de Janeiro, que contou

com a exibição de mais de 50 vídeos realizados por professores da rede municipal que foram exibidos em quatro salas de cinema, além dos cineclubes. O cineclube é um projeto que já atinge mais de 200 escolas e que estimula não só a utilização do cinema em sala de aula, mas também a produção de audiovisual e acho que essa é uma realidade nova dentro da rede municipal do Rio de Janeiro. Sinto-me honrado de contribuir com a produção de vídeo na escola, acho que isso é uma coisa que só vai crescer; tenho certeza de que eu não sou o pioneiro nisso, mas tenho contribuído muito para este trabalho, ao menos dentro da rede municipal do Rio de Janeiro. Que venham novos vídeos e mais gente os fazendo nos próximos anos.

Produção de Vídeos nas escolas do município de Irani –SC

Jucemar Antonio Souza da Luz

A produção de vídeo em sala de aula é um grande desafio que vem motivando professores e alunos de todo o Brasil, pois está sendo visto como instrumento de enriquecimento educacional, bem como de registro dinâmico de informações e conteúdos, que podem ser eternizados através da técnica áudio visual.

A produção final de um vídeo educacional acaba por se tornar a consolidação da superação de limites impostos no meio educacional. Podemos enumerar pelo menos três entraves, sendo o primeiro a escassez de produtos digitais de alto desempenho disponíveis nas instituições educacionais, (computadores, máquinas digitais, filmadoras, programas de edição de vídeo) recursos normalmente disponíveis de baixa qualidade; a dificuldade técnica para a produção (disponibilidade dos professores se aperfeiçoarem, desde o registro das imagens através de fotos/vídeos e a permanente atividade voltada para a execução de pequenos produtos áudio visuais que possam resultar em melhoria da técnica e da qualidade dos trabalhos editados) e a motivação dos envolvidos para permanecerem realizando tais atividades (edição de vídeo é um conjunto de ações e atitudes que devem resultar em um constante aprendizado), pois não se aprende de uma vez só e o que se aprendeu deve ser melhorado a cada produção, pois os programas mudam com frequência, exigindo acompanhamento constante, caso contrário as produções permanecerão sempre com as mesmas características, impossibilitando um crescimento profissional.

Desta forma, compartilhamos a ideia de que

“... a escola deve se apropriar da tecnologia audiovisual, porque ela já está presente em todas as esferas da vida, já faz parte do nosso cotidiano, cabe à escola integrá-la ao seu cotidiano de modo crítico, criativo e competente, se faz necessário um investimento significativo em pesquisa, recursos materiais e capacitação docente”. Josias Pereira da Silva – 2007. p 44.

Pensando nisso, realizamos aqui um relato de informações que culminaram na exibição das Mostras de Cinema Iraniense – 100 anos do Combate do Irani – Desvendando a Terra Santa. Esta que é a materialização de um sonho, quem sabe muito mais do que isso, podendo ser a porta de entrada para a visualização de nosso município; professores e alunos empolgados, buscando o registro das melhores cenas; locais e pessoas que contribuem de forma qualitativa para o registro de nosso município através de vídeo educacional.

Então, tudo teve início no ano de 1998, quando da realização do

curso de História na UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campus de Joaçaba, Santa Catarina. Durante o estágio final, meu colega de curso Flávio Grotto e eu, fomos motivados a realizá-lo de forma diferenciada. Pensamos em escrever uma matéria de jornal sobre a Guerra do Contestado, incluindo o Combate do Irani. Mas cada jornal que pesquisávamos, o preço se tornava incompatível com nosso desejo. Por isso tivemos a ideia de realizar a gravação de um documentário através de vídeo.

Então realizamos a gravação em forma de matéria jornalística, usando as cenas do Sítio Histórico do Contestado em Irani. Após a edição que foi realizado por uma empresa de Capinzal, apresentamos para alunos de Ensino Médio da Escola de Educação Básica Dom Felício Cesar da Cunha Vasconcelos de Irani e os líderes das comunidades do interior e autoridades educacionais de nosso município. Este foi o ponta pé inicial de nossa jornada.

Como a produção de vídeo era muito cara, devido a edição de imagens, que na época era realizada apenas em estúdios e nossas gravações feitas em VHF, tivemos dificuldades em realizar produções do mesmo nível, mas as gravações continuaram sendo realizadas, com a ajuda do fotógrafo Luiz Antônio Ribeiro (Jundiá) nos anos seguintes. Registramos as trilhas denominadas Pernaço no Engano no ano de 2001, (a trilha tinha como foco principal, a limpeza do Rio Engano) apresentações de alunos, entre outros, a Festa do Contestado em 2003. Este material está arquivado e aguardando o momento para sua edição.

Após este período houveram mudanças negativas em nossa educação, o que produziram uma forte desmotivação e por um longo período não foram mais realizadas gravações das ações educacionais. Este período que deixou de ser registrado, significa apenas um momento que devemos esquecer, passar uma borracha e se possível servir de exemplo para que não volte a ocorrer, como se fosse um buraco branco no tempo em nossas consciências.

Em meados do ano de 2009, com minha participação no curso de Pós-Graduação em Mídias na Educação, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com polo em Chapecó – SC, começamos a pensar sobre a produção da monografia. A meta inicial era escrever sobre a utilização da Lousa Digital, que havia sido adquirida pela Secretaria Municipal de Educação de nosso município. Porém vários contratemplos aconteceram e desviaram o rumo da produção.

Por isso, lembrei que havíamos realizado gravação de imagens com os alunos, mesmo com máquinas de resolução muito simples, mas que, após a minha edição no programa MovieMaker e apresentado aos alunos, chamava muito a atenção deles, então decidi seguir este caminho e criar condições de motivá-los a produzirem vídeo e divulgá-los.

Desta forma, em 2010, foi apresentado ao Secretário Municipal

de Educação de Irani, Cleinor Zózimo Zampieri e após, ao Diretor da Escola Básica Municipal Sebastião Rodrigues de Souza, Claudimir Basso, o Projeto “Produção de Vídeos na Escola” com a proposta de realizar uma Mostra de Cinema, envolvendo apenas iranienses e que os temas fossem voltados para nossa história ou a atualidade.

O objetivo principal era formar equipes de produção televisiva para criar matérias jornalísticas ou documentários através da produção de vídeo na escola e seus arredores. Pois havíamos percebido a necessidade em incentivar nossos educandos e professores a produzirem áudio visuais, com objetivo educacional. Por isso a turma escolhida inicialmente para aplicar o projeto foram as oitavas séries da Escola Sebastião Rodrigues de Souza. Os vídeos produzidos deveriam ser inscritos na Primeira Mostra de Cinema – Irani 100 anos da Cultura Viva do Contestado, que estava marcada para o dia 26 de outubro de 2010.

Realizado o anúncio do projeto aos alunos, algumas equipes se inscreveram. Então realizei com eles uma apresentação sobre a produção de vídeo, o roteiro, o que podemos ou não fazer. Aqui enfrentamos nossa primeira baixa, pois um dos grupos de alunos não compareceu a apresentação. No dia seguinte conversei com eles e, após algumas desculpas comentaram que não iriam participar da produção. Ficamos em doze pessoas interessadas no projeto.

Próximo passo foi uma visita à TV Concórdia, já que nosso município não dispõe de emissora local. Lá tivemos todas as noções sobre a produção e apresentação de programas culinários, entretenimentos e telejornal. Inclusive gravamos uma matéria para ser veiculado no jornal do dia seguinte.

Saímos da emissora de TV muito satisfeitos e empolgados com as produções e, após a realização dos roteiros, marcamos os dias e gravamos as imagens para os vídeos.

Etapa seguinte foi repassar aos alunos as noções básicas da edição de vídeo. Esta foi nossa segunda baixa, já que outro grupo acabou desistindo de realizar a edição. Ficamos desta forma com três vídeos e apenas seis participantes do projeto. A situação estava difícil e não podíamos fazer uma Mostra de Cinema com apenas três vídeos. Por isso remarcamos a data do evento que deveria ocorrer em 26 de outubro, para 26 de novembro, para ganharmos tempo e partimos em busca de mais parceiros.

Contamos então com a participação de um aluno/estagiário do Museu do Contestado, Wagner Degaraes, da Professora Ivete da Luz e da diretora Elza Deola da Escola Especial Arco-Íris com a gravação de uma dança premiada sobre o Contestado, resultando um total de oito produções de vídeos.

Tudo pronto para a mostra, estávamos satisfeitos com o resultado obtido. Fizemos spot de voz, que divulgamos na Rádio Comunitária A Voz

do Contestado e distribuímos panfletos para os alunos. Infelizmente a participação do público foi limitada aos diretores e alguns professores de escolas, coordenadoras de creches, Presidente da Câmara de Vereadores, Prefeita Municipal e alguns familiares dos alunos envolvidos, que não passava de trinta pessoas, porém muito interessados nas produções e emocionados com o resultado dos vídeos apresentados. Tudo indicava que a mostra acabaria na primeira edição.

Segunda Mostra de Cinema Iraniense - 2011

O ano de 2011 inicia e com ele a apresentação da monografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. A posição da equipe de Doutores avaliadores foi positiva e na palavra do professor Dr. Eliseo Reategui, a julgou importante por possibilitar uma continuidade. Este foi um impulso enorme para que a mostra não acabasse.

Porém, o trabalho durante o ano acabou fazendo com que o regulamento da Segunda Mostra de Cinema fosse divulgado no dia 14 de setembro de 2011, indicando o evento para o dia 8 de dezembro, ou seja, menos de três meses para as produções. Uma mudança importante aplicada nesta segunda etapa do projeto, foi a minha disponibilidade em filmar e editar os vídeos dos grupos que não dispunham de equipamento, nem de técnicas de edição, de acordo com o roteiro para que os grupos participantes e também a mudança do tema do evento para “Segunda Mostra de Cinema Iraniense - 100 anos do Combate do Irani”.

Começou então a divulgação nas escolas e na rádio comunitária, do que havia sido a primeira mostra e convidando alunos e professores a participar das produções de vídeo.

Durante as divulgações, percebia-se que a maioria dos alunos não apresentava interesse imediato sobre as produções. Por isso, durante a divulgação, sempre os incentivava a serem diretores de cinema, pois seriam produzidos vídeos contendo assuntos e personagens iranienses. Mas houve uma diminuição do tempo dos vídeos, pois na primeira mostra, o tempo poderia chegar a quinze minutos. Agora, para a segunda mostra foi estipulado o tempo entre três e oito minutos, podendo variar para mais ou para menos em no máximo trinta segundos.

Em cada escola que passava, a reação dos alunos era heterogênea. Alguns interessados, outros nem tanto. O trabalho foi realizado nas escolas municipais e estaduais do município, envolvendo alunos desde o quarto ano até a terceira série do Ensino Médio.

Como tivemos oito vídeos em 2010, projetamos dezesseis vídeos para 2011 e, em 2012, no Centenário da Guerra do Contestado estipulamos vinte e quatro vídeos. Era o número que julgávamos impossível, mas nunca desistimos de atingir tal meta traçada.

Para nossa surpresa, tivemos um número muito maior do que o esperado de inscritos, total de vinte e seis inscrições para as produções de vídeo. Atingimos a meta um ano antes. Então, começamos a organização dos roteiros dos grupos, ou seja, fazer o levantamento grupo a grupo, dos locais e pessoas a serem filmados. Vimos que esta seria uma mostra especial e muito superior tecnicamente em relação a anterior.

Foi adquirida uma máquina fotográfica semiprofissional para a gravação das imagens. Faríamos fotos em 14 megapixel e filmagem em HD (1290X780 linhas), muito superior as configurações usadas no ano anterior (680X480).

De forma breve, registraremos a participação de nossos professores e alunos durante a produção de vídeos para a Segunda Mostra de Cinema Iraniense – 100 anos do Combate do Irani:

Vários vídeos enfatizaram a História do Contestado. Um dos vídeos gravados foi com os alunos do quinto ano da Escola Municipal de Educação Básica Santo Antonio, através da professora Sirleide de Oliveira, com o objetivo de dramatizar a chegada dos caboclos e o Combate do Irani. Este vídeo teve a participação de Orácio de Oliveira (gaita) e da narração da Diretora da escola Marise Basso.

Houveram também duas entrevistas com o Historiador Vicente Telles, com as alunas Aline Zenatt, Amanda Guimarães, Geovanna Salles Molica e Vanessa Campagna Acordi. Outro com os alunos da Escola Básica Isabel Telles, Mateus Ribeiro, Mateus Follmann e Ruan Cumerlatto.

Ainda sobre a História do Contestado, os alunos da Escola Valdecir Angelo Zampieri, Amanda Vicari, Emanuela Maziero, Fernando Alex Basso Zampieri, Gabriela Lohmann e Douglas Rodrigo Segnanfredo realizaram o vídeo mostrando os diversos locais que podem ser visitados no Sítio Histórico do Contestado.

Também sobre a História do Contestado, os irmãos Josias e Wagner Degaraes realizaram a gravação do vídeo Retrocedendo a 1912, trazendo informações importantes sobre os locais marcantes do Local do Combate do Irani.

Outro local que atraiu os olhares dos alunos nesta edição da mostra, foi o Hotel Fazenda Cocho Velho. Por ter várias opções, foram realizados três vídeos no local onde cada um deles mostrou uma forma diferente de ver o Hotel. Participaram destas gravações os alunos Andressa Guimarães, Bianca Zamarki e Dyonatan Dalla Costa da Escola Dom Felício Cesar da Cunha Vasconcelos; Milene, Thalia Ribeiro Carvalho, Naiara e Andressa, da Escola Básica Municipal Sebastião Rodrigues de Souza; e também os alunos da Escola Prefeito Valdecir Angelo Zampieri, Luan, Lucas e Gabriel.

Fazendo destaque ao interior de nosso município, os alunos Fernando Dalberti, Vanessa Guisso, Elias Pedro e Alan Bedin, da Escola Valdecir Angelo Zampieri realizaram as filmagens nas cachoeiras da

comunidade de Lageado Procópio.

Além de mostrar fatos históricos, geográficos e culturais, também foi gravado com os alunos Lucas Felipe de Abreu e Gerson Nicanor, mostraram o lixo que é deixado principalmente por pescadores nas margens do Lago de Irani.

Importante ressaltar a participação da Professora Rosalina Rodrigues com a participação de Dança Chica Pelega, realizado pela Oficina Irani em Prosa e Verso, que é uma das marcas registradas de nossa cultura.

Também houve a participação do Diretor Claudimir Basso, com um vídeo retratando o Terceiro Passeio Ciclístico da República e os Trilheiros de Irani.

Uma instituição que merece todo nosso apoio e necessita de divulgação inconstitucional são os Bombeiros Voluntários de Irani, que através de seu comandante Joel de Lima, realizaram a produção de um vídeo mostrando o seu dia a dia, no combate a incêndio e atendimentos a acidentados. Também foi realizado um vídeo dos Bombeiros Mirins, através do bombeiro Daniel Moraes, mostrando suas atividades e treinamentos.

Um grupo que merece destaque foram os alunos Josias Degaraes, Misael da Costa, Jobson Backes, Fábio Bandeira e João Paulo da Silva Ribeiro. Este grupo é formado pelos primeiros alunos que participaram da mostra e devo a eles um carinho todo especial. Na primeira mostra eram três alunos que decidiram explorar a Caverna em Linha São Valentin. Na segunda mostra o grupo aumentou e decidiram explorar uma gruta em meio às comunidades de Linha Caroveira, Passo Maciel e Linha Antonioli. Já para a terceira mostra, o grupo novamente aumentou, são em sete alunos e as gravações ocorreram na gruta de linha Pigosso.

Um aluno que desejo destacar, pela sua criatividade, conhecimento e interesse é Wagner Degaraes da Escola Dom Felício, que me acompanhou desde a concepção da ideia da realização da mostra, participou da primeira, segunda e faz parte também da terceira mostra, além de participar e se destacar em outros eventos estaduais e nacionais.

Devo evidenciar a participação da família que é sempre muito importante, mas numa ação desta é fundamental, pois reforça muito mais o evento e dá ânimo para persistir, pois é formidável sempre haver alguém ao nosso lado para ajudarnos momentos de desânimo. Desta forma, participaram das gravações, minha esposa e professora Ivete da Luz, fazendo o registro do Asfaltamento da SC 488, iniciada em 2009 e concluída em maio de 2012. Meu filho Cauã da Luz, da Escola de Educação Básica Prefeito Valdecir Angelo Zampieri, mostrando imagens do Trevão do Irani até a chegada em nossa cidade. E minha participação através dos vídeos: Frio em Irani, Trilha do Contestado – Matutino e Vespertino; Irani – 48 anos e Romaria da Terra e da Água.

Todas estas produções somente foram possíveis, graças ao

empenho de cada aluno, professor, bem como a disponibilidade dos entrevistados e dos proprietários de terrenos e Hotel Fazenda, para que pudéssemos realizar as gravações com segurança e torna-la com credibilidade.

Fato determinante foi a participação da Secretaria Municipal de Educação de Irani, através da minha liberação para a realização das gravações e das edições dos audiovisuais, que dependeram de muito tempo e dedicação profissional. Também a disponibilidade de veículo, pois nos locomovemos por mais de trezentos quilômetros para a realização dos vídeos.

Mas nem tudo é alegria ou facilidade, para produção de vídeo para exibição. Lembramos de um caso que, havíamos marcado e confirmado com o grupo para sairmos as 13:30 horas, na frente da casa de uma determinada aluna. Quando chegamos com o carro para iniciar a gravação, uma das integrantes do grupo afirmou que não iriam mais participar – a justificativa, sem fundamento e sem chances de realizar a produção.

Um fator técnico também deve ser lembrado, pois não conseguimos fazer a produção dos vídeos em HD, já que o computador que possuíamos (quatro GB de Memória – Processador QuadCore – Windows XP) não conseguia produzi-los nesta qualificação, no meio da produção dava tela azul e travava. Por isso realizamos em formato menor (680X480) que não era nosso ideal, mas era o recurso que tínhamos no momento.

Outro problema ocorrido foi a falta de tempo. Como havia muitos grupos para filmar e editar, tivemos que adiar a Segunda Mostra de 18 de novembro, para o dia 8 de dezembro. Fato que me marcou, foi que a mostra iniciaria as 19:30 horas e o último vídeo foi concluído as 17:30 horas daquele dia.

Tivemos um contratempo que nos causou preocupação. Foi o roubo do amplificador de som e de uma caixa de som do Ginásio de Oliveira Lemos na madrugada do dia 8 de dezembro. A polícia foi acionada, foi registrado um boletim de ocorrência e para resolver o problema, contratamos a empresa Digison Sonorizações para resolver o problema.

Outro problema aconteceu no início da Mostra. Momentos antes de iniciar as veiculações dos vídeos, começou chover torrencialmente na cidade, o que sem dúvidas atrapalhou e fez algumas pessoas não comparecerem ao evento.

Findado a Mostra que teve duração de 2:40 horas, conversamos com algumas pessoas da plateia, nos pediram para levar a mostra para as escolas, para que os alunos pudessem visualiza-la, já que, segundo elas, era um recurso importante para as crianças conhecerem e valorizarem mais nosso município.

Por isso, atendemos a solicitação das pessoas no início do ano letivo de 2012. A primeira exibição foi realizada para professores da

rede municipal de Educação de Irani. Em seguida iniciamos a mostra nas unidades educacionais, sendo primeira a veicular parte da mostra foi a Escola Valdecir AngeloZampieri, em seguida a mostra foi veiculada na Escola Dom Felício, após na Escola Sebastião e na Escola Santo Antonio para 150 alunos.

Outra ação importante para divulgação do trabalho foia publicação das duas Mostras de Cinema Iraniense através do site http://www.educairani.com/mostra_cinema_on_line.html

Ainda, após uma reunião envolvendo lideranças do interior e da cidade, uma das indicações é que a mostra fosse levada para as comunidades, para que as famílias pudessem conhecê-la. Atendendo esta solicitação, no mês de abril de 2012, a mostra foi exibida pela primeira vez em Linha Caroveira.

Nesta comunidade, recebemos o convite de repeti-la, no dia primeiro de maio- Dia do Trabalhador – pois aconteceria uma festa e assim, mais pessoas poderiam assistir aos vídeos.

Neste evento, uma questão que merece ser relatada, pois pode ser considerado como um problema, ou de outra forma, pode servir de incentivo para que a mostra continue, foi a presença de um ex-vereador que saiu do salão e falava para as pessoas que, o que estávamos fazendo propaganda política. Como ficamos sabendo do fato, falamos para alguns presentes que a Mostra somente seria entendida por pessoas inteligentes que realmente querem valorizar nosso município. Neste mesmo dia, exibimos parte da mostra, durante o almoço dos Servidores Municipais de Irani.

A Mostra nas comunidades, também foi exibida em Linha Guarani, Cerro Agudo, Alto Cascalho e Alto Engano, onde o objetivo era atingir uma centena de pessoas.

A dificuldade em levar a mostra para as comunidades, foi quanto aos equipamentos, pois tínhamos que passar na Prefeitura Municipal, onde pegávamos o projetor multimídia; na Escola Sebastião Rodrigues de Souza, a caixa de som, os banners da escola, extensão, fio para o som e tela para projeção se necessitássemos; pegávamos os tripés e os banners da Mostra de Fotografia que é itinerante e passa por vários locais do município e na Diretoria de Tecnologia, o notebook com todo o material audiovisual. No dia seguinte, deveríamos devolver todos os equipamentos, pois são usados diariamente nos locais que haviam sido retirados. Esse procedimento se repetia em cada exibição.

Em cada comunidade, presenciamos uma característica diferente, mas com empolgações semelhantes. A frase que mais foi ouvida dos agricultores, era de que “o tempo tinha passado tão rápido, que não vimos passar”. Isso nos deixou muito satisfeitos, pois é o resultado de um trabalho que está dando certo e que, segundo o vereador Adelar Maziero, presente na comunidade de Alto Engano, “pelo que percebo, este trabalho não busca

o reconhecimento imediato, isso vai ficar para a história, pois será muito valorizado daqui uns dez, vinte, trinta ou até cinquenta anos”.

Levar a mostra para as comunidades, foi uma experiência inesquecível, pois a recepção, a concentração das plateias, as conversas informais, nos indicam uma aceitação importante e que devemos persistir nestas produções, pois saíram da sala de aula e se transformam pouco a pouco, em uma oportunidade para conhecer nossas belezas e histórias e a cima de tudo poder valoriza-las.

Terceira Mostra de Cinema Iraniense - 2012

A mostra surgiu com muita simplicidade e teve uma evolução mais do que significativa. De oito produções no seu primeiro ano, saltamos para quarenta inscritos na sua terceira edição. Por isso, não perdemos tempo e já no mês de abril, iniciamos os trabalhos de filmagem para a Terceira Mostra de Cinema Iraniense, marcada para ter sua exibição inicial, no dia 23 de agosto. Agora com dois equipamentos para auxiliar na produção dos vídeos. Foi adquirido pela Secretaria Municipal de Educação de Irani, um Notebook (oito Gb de memória e processador Core I7 Segunda Geração com Windows 7), os arquivos são filmados e armazenados na máquina para posterior edição, que serão em HD (1280X780). O outro equipamento para ser utilização trata-se de um microfone profissional para captar melhor o som durante as entrevistas. Este já estava disponível na Prefeitura Municipal, não havendo a necessidade de compra-lo.

Esta edição, evidenciado pelo seu crescimento, mostra que o trabalho está dando certo. Contamos com o apoio de muitos alunos, professores, direção de escolas secretaria municipal de educação, da rádio comunitária, de vereadores e principalmente dos pais. Nossa missão está sendo cumprida. Pensávamos chegar em 2012, com vídeos de melhor qualidade e foi o que aconteceu. Muitas dificuldades, mas muita superação. Este que não é o trabalho individual, é coletivo, pois sem o apoio dos segmentos a cima mencionados, isso não seria possível.

Por fim, gostaríamos de utilizar o resumo da monografia apresentada no curso Mídias na Educação, pois, percebemos que, “trabalhar com a produção de vídeo em sala de aula é uma possibilidade que muitos educadores estão utilizando, promovendo grandes transformações sócio educacionais aos alunos envolvidos. A produção áudio visual voltada para a educação é uma das ferramentas tecnológicas que tem se tornado destaque em vários estados brasileiros e também nos municípios. Nosso estudo baseou-se na pesquisa de produções realizadas no município de Irani, Meio Oeste do Estado de Santa Catarina. Mostrando que muitas ações diferenciadas podem ser realizadas, desde que a escola disponha de recursos tecnológicos e que professores tenham interesse pela área visual, direcionando trabalhos do gênero aos alunos. A pesquisa evidencia

trabalhos realizados por alunos e professores das redes municipal e estadual, através de pesquisa com os produtores e incentivadores das produções. Percebendo que não é tarefa fácil, a produção tem suas particularidades positivas, bem como aquelas a serem superadas. Podendo afirmar que, se bem conduzido, as produções podem auxiliar positivamente na aprendizagem dos educandos, além de proporcionar a eles momentos de profunda reflexão, análise e avaliação dos vídeos produzidos”. Jucemar da Luz – 2010 .p.4

Referências Bibliográficas

SILVA, Josias Pereira da: A Produção de Vídeo em Escolas. Rio de Janeiro: UFRJ,2007

LUZ, Jucemar Antonio Souza da: Possibilidade de Produções de Vídeos em Sala de Aula. Chapecó: UFRGS, 2011

Educar através da produção de imagens

Valmir Michelon

O uso das novas tecnologias na educação tem sido amplamente discutido. Mas o assunto permanece no campo do debate e pouco ou nada avançou dentro de uma política global na educação. Programas nesta área restringem-se a colocar computadores nas escolas.

“Fazer filmes. Às vezes não deveria ser nada mais do que um hábito, como passear, ler o jornal, fazer anotações ou dirigir um carro.”
Wim Wenders, cineasta alemão

No começo do século passado, o pintor e fotógrafo húngaro Laszlo Moholy-Nagy (1895-1946) dizia que no futuro não seriam considerados analfabetos apenas os que não soubessem ler, mas também quem não entendesse o funcionamento de uma máquina fotográfica. Hoje, no século 21, poderíamos dizer que também é analfabeto, aquele que não entender o funcionamento da mídia. Desde que surgiu a fotografia, se faz necessário que aluno compreenda também essa linguagem, como a do cinema e da televisão.

Ver filmes e analisá-los com os alunos não pode ser o único caminho. É preciso motivar os estudantes a produzir filmes. Dentro dessa proposta é que surgiu em 2002, na cidade de Guaíba, RS, o Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema. O evento busca mostrar experiências e promover amplo debate sobre o assunto. A primeira edição abriu espaço de trabalhos realizados por estudantes do Instituto Estadual de Educação Gomes Jardim. Os trabalhos que se destacaram receberam o Troféu Gomezito, alusivo ao Cipreste Farroupilha, símbolo de Guaíba e Patrimônio Cultural do RS. Hoje, já na sua décima primeira edição, o evento vem sendo considerado uma referência no Brasil nesta área. Percebe-se que os trabalhos realizados nas escolas, envolvendo o uso do vídeo, da mídia, permanecem basicamente no âmbito da sala de aula. O festival de Guaíba tem proporcionado que produções tenham uma abrangência maior, integrando excelentes experiências do Brasil e até do exterior.

Vivemos na era da imagem. Precisamos alfabetizar o aluno também nesse contexto para que saiba analisar criticamente um programa de tv, um filme, uma fotografia, a reportagem de um jornal e até a internet. Quem já pegou uma câmera na mão e fez seu vídeo, por exemplo, passa a ter um novo olhar em relação ao cinema e à tv. As novas tecnologias, até mesmo o celular, tão combatido nas escolas, podem transformar-se em ótimos instrumentos a

serviço da educação.

A mídia está aí, ela não pode ser apenas crucificada, como sendo o grande mal da sociedade que cria necessidades, que torna as pessoas passivas e aliena. Ela é tudo isso e muito mais. É preciso aprender a conviver com ela e formar pessoas com um olhar crítico. Todos sabem do seu poder e que, como diz Leopoldo Zea, a mídia vai “como gotas de água que não páram de pingar sobre uma pedra - por mais dura que ela seja - penetrando os ouvintes, os telespectadores, até conformá-los a seus interesses. Um duplo instrumento educativo, presente em todas as nossas casas, mesmo as mais humildes, que vai criando, talvez sem que nos demos conta, um determinado tipo de homem”. Assim, a escola não pode ser mero reprodutor e sim estimular o aluno a criar e buscar novos conhecimentos, apropriando-se das novas tecnologias. Espera-se que os programas de informática nas escolas possam agregar filmadoras e máquinas fotográficas e a alfabetização da imagem possa ser conteúdo nas escolas.

Na cidade de Guaíba, localizada a 30 km da capital gaúcha, alunos do ensino médio, vem há 16 anos fazendo uma associação do ensino da arte com a filosofia , principalmente através da fotografia e do cinema.

A iniciativa é do professor de filosofia, Valmir Michelin, formado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas e jornalista formado pela Famescos-PUC-Rs. Ao assumir a disciplina de Artes introduziu conteúdo aulas de fotografia e cinema. Das duas nasceu na Escola o primeiro Clube de Fotógrafos da cidade, o Guaíba Foto Clube que em 2012 completa 10 anos e o Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema de Guaíba, que em 2012, chega a 11ª edição sendo hoje uma referência no debate sobre o uso da mídia na educação e abre espaço para produções de estudantes de todo o Brasil e até do exterior.

No conteúdo de artes e filosofia, além de abordar a história e o resgate da fotografia e do cinema da cidade, noções de composição, equipamentos, luz, os alunos são estimulados a fotografar a cidade e a produzirem curtas na área da propaganda que tenham mensagens, documentários e vídeos de ficção. Na fotografia há 16 anos os alunos após concluírem os trabalhos realizam no mês de agosto, lembrando dia da fotografia , 19 de agosto, a exposição Guaíba- Um olhar fotográfico. Nos últimos anos, a mostra ocorrer juntamente com a Coletiva do Guaíba Foto Clube, integrando assim o olhar da cidade dos estudantes com o olhar fotográfico dos fotógrafos amadores da cidade. Dentro do conteúdo de fotografia, os alunos aprendeu a Técnica Pinhole, ou seja de captar imagens através de uma lata, revivendo o princípio da fotografia. Isso levou o professor a construir um mini laboratório fotográfico e um mini museu um guarda um pouco da memória da fotografia

e do cinema da cidade.

O projeto tem despertado um novo olhar sobre a cidade e a fotografia remetendo ao livro “A filosofia da caixa preta- Ensaaios para uma futura filosofia da fotografia”, de Vilém Flusser. O autor fala da necessidade de uma filosofia fotográfica, para que o homem possa voltar a comandar o ato de fotografar. Segundo o pensador é preciso que essa filosofia liberte o fotógrafo das imposições da indústria fotográfica. Assim, a filosofia da fotografia serviria como agente libertador do homem de um mundo programado, no qual se encontra preso à regras e obrigações. Esse tem sido um dos objetivos de unir a filosofia e a fotografia e ao cinema, analisado filosoficamente o mundo através da imagem. Walter Benjamin, em suas reflexões a respeito da fotografia, chegou a afirmar que o analfabetismo do futuro seria ligado à incapacidade de saber fotografar. Como revela Marcel Proust “A verdadeira viagem do descobrimento, não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares. Essa tem sido um dos objetivos de unir a filosofia ao cinema e a fotografia.

Maiores informações sobre o Festival de Vídeo de Guaíba no site www.festivideoguaiba.com.br ou sobre o uso da fotografia na sala de aula no email michelonfolha910@gmail.com.br

Oba, estamos no cinema!

O Festival de Vídeo Estudantil e Mostra de Cinema de Guaíba está proporcionando que, pelo menos durante uma semana, milhares de crianças e adolescentes tenham o contato como a sétima arte. “Oba, estamos no cinema”, gritou uma criança ao ingressar no auditório onde foram projetados os filmes. Ela é a grande maioria dos seus colegas que moram no bairro São Francisco, um dos mais carentes de Guaíba, nunca tiveram a oportunidade de ver um filme em uma tela grande. “Pena não vermos filmes assim na televisão”, comentou William, de oito anos, após uma das sessões com diversos curtas. Essas manifestações foram a maior recompensa dos que trabalham na organização do evento e aos que, de uma forma ou de outra, contribuíram com o festival.

O município de Guaíba que há mais de três décadas não tem uma sala de cinema, tem no festival, o maior evento cultural da cidade, com duração de uma semana, a opção de ver diversos filmes, difundindo a cultura do cinema.

A cada ano o evento vem crescendo, consolidando Guaíba como pólo de produção audiovisual no Brasil e abrindo espaço para produtores independentes e estudantes que curtem o vídeo dentro de um contexto pedagógico.

“Guaíba passou a existir no Acre”, brincou o representante daquele Estado. ‘A mídia de lá deu ampla cobertura ao evento, fomos capa de jornal e participamos de diversos programas de tv após o anúncio de sermos classificados em Guaíba”, disse Italo que pretende voltar novamente com seu professor de cinema.

Guaíba, entre tantas decepções e dificuldades, tem no festival um dos destaques nesta primeira década do século XXI. Eu, particularmente, não contive a emoção em alguns momentos do evento. Lembrei-me que quando era criança chorei quando os pais não tinham dinheiro para eu ver um filme de Teixeira, que passava no salão da Igreja Santo Antonio, em Linha Gomercindo, a 18km da cidade de Antonio Prado-RS. Poder idealizar este evento e estar contribuindo junto com a comissão organizadora para que hoje milhares de crianças possam ter acesso gratuito a bons filmes educativos é, sem dúvida, a maior satisfação e prêmio deste evento.

Que este festival continue tendo o apoio dos professores, alunos, das escolas, da prefeitura, das empresas e entidades e espero que em breve possamos ter uma sala alternativa de cinema da cidade com uma programação regular.’

Oba, estamos no cinema!’ Oba, Guaíba tem um festival que coloca a cidade como referência no Brasil na produção audiovisual dentro do contexto escolar.

VIDEASTAS ESCOLARES NA EMEF AFONSO VIZEU

Caroline Garcez Ávila:

Licenciada em Artes Visuais (UFpel);

Especialista em Arte-Educação(Feevale-RS).

Márcia Knabah Neumann:

Licenciada em Geografia (UFPel);

Mestre em Educação (UFPel).

Introdução

A escrita, longe de ser apenas a narrativa de uma experiência pedagógica realizada a partir da ideia do “1º Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas”, no ano de 2012, apresentando os sucessos e/ou insucessos do trabalho desenvolvido, tem a intenção de compartilhar a importância da experiência emocional que a natureza estética da linguagem do vídeo proporcionou aos sujeitos envolvidos no processo, na perspectiva do trabalho em parceria realizado entre as professoras de Geografia e Artes Visuais e da parceria Escola e Universidade. Para nós hoje, pensar na produção de vídeo na escola, e no trabalho em forma de parcerias, é pensar no processo educativo que seduz os sujeitos a ler e reler o mundo a partir de outras novas linguagens, possibilitando ampliar a ideia e acesso a educação prazerosa, significativa favorecendo reflexões e construções de novos saberes.

Clic, um olhar sobre a escola

No ano de 2012, recebemos o convite para conhecer e participar do Projeto referente o 1ª Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas. Uma parceria entre SMED (Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas), UFPel (Universidade Federal de Pelotas) e Escolas Públicas da cidade.

Por um momento ficamos na retaguarda. Primeiro, porque já tínhamos o planejamento semestral dos nossos trabalhos (Projeto de Fotografia na Educação – Artes; Projeto de Informática na Educação – Geografia) e a carga horária bastante comprometida. Segundo, não menos importante, pelo temor da parceria existir unilateralmente, ou seja, receber a proposta de trabalho e desenvolvê-la sem a participação efetiva dos referidos parceiros.

A partir das reuniões, diálogos estabelecidos, fomos seduzidos pela proposta, a cada encontro, cada oficina de produção, o professor Josias Pereira da UFPel, com sua equipe de bolsistas e a professora Giovana

Janhkeda EMEF Independência apresentavam uma proposta dialógica onde a ‘voz’ dos sujeitos ganhava espaço, valor e sentido de pertencimento trabalhado coletivamente, em parceria.

Como nos tornamos coordenadoras do Projeto na Escola depois do aval da Equipe Diretiva, fomos apresentar a proposta aos estudantes, que demonstraram desde o início o desejo de envolvimento com o projeto. Dessa experiência foram produzidos dois vídeos que envolveram estudantes de sexta a oitavas séries, no turno inverso das aulas, no período de abril a dezembro de 2012 quando fomos premiados, em seis categorias, no “1º Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas” incluindo o terceiro lugar pelo melhor vídeo, esse dado serviu como mais um motivador na participação do segundo ano do Festival na inserção do vídeo como tecnologia do conhecimento no contexto escolar.

Panorâmica, uma visão geral

O trabalho desafiador começou a ganhar vida a partir do momento em que percebemos o movimentar das nossas próprias emoções, das emoções dos estudantes e dos parceiros envolvidos no projeto. Um dos elementos motivadores para nós enquanto educadoras foi visualizar nos olhares, atitudes, justificativas dos estudantes, o desejo de criar, de realizar a “obra” sem importar-se, nos primeiros momentos, com a competição, de certa forma, instigada pela participação e concorrência de outras escolas.

Quando convidamos os estudantes não houve uma seleção prévia em relação ao comportamento, relações humanas na escola, reprovação ou aprovação, o importante era o desejo de participar e a seleção se deu naturalmente, enquanto uns ficaram, outros desistiram no caminho.

A organização dos grupos foi sendo construída ocasionalmente, com o trabalho autônomo dos estudantes. Concordando com as palavras de Humberto Maturana, entendemos que para envolver pessoas devemos proporcionar “a criação de situações significativas e inovadoras para que o estudante se sinta instigado a participar do processo a partir de inúmeras interações” (2001). Nossa intenção era promover a autoria e autonomia dos meninos e meninas, agora Diretores, Atores e Atrizes, Roteiristas, etc.

Os encontros mediados por nós, enquanto coordenadoras do Projeto, ocorriam sob uma perspectiva dialógica (FREIRE, 1996). Todos tinham espaço para expor suas opiniões e decidir juntos a escolha dos temas dos vídeos, a interpretação dos atores, figurino, diálogos, etc. Os conflitos eram da ordem lógica, que surgiam “de um erro ao aplicar as coerências operacionais derivadas de premissas fundamentais aceitas por todas as pessoas

em desacordo” (MATURANA, 2002), sendo oportunidades de crescimento, não ocorrendo na negação do outro, na ameaça de desprezo, descarte. Conforme Carlos Gerbase, “fazer um filme é misturar habilidades diferentes, às vezes com personalidades muito diferentes, para contar a história com os meios disponíveis naquele momento” (p. 27-28, 2012).

A partir da oficina de roteiro, nos reunimos e deixamos os dois grandes grupos se formarem pelas ideias afins e obtenção de duas obras audiovisuais, imaginadas, discutidas, elaboradas e experimentadas pelos integrantes.

A base de tudo, como é no cinema, foi a vontade de contar uma história no caso, os interesses ou motivação estavam entre o gênero terror e o drama os dois envolvendo o contexto escolar, tornando a realização mais acessível pelo desenvolvimento de uma história que faz parte do cotidiano dos estudantes explorando, assim, a impressão de realidade sem deixar a ficção de lado.

Salientamos que o vídeo como forma de expressão trabalha com a construção do real e do irreal, o que fascina os estudantes, sobrepondo-se à função básica de registro. O grande desafio de trabalhar o audiovisual é fazer com que a tecnologia esteja a serviço da história e não estará como uma mera ferramenta:

Ela é uma possibilidade de desenvolver habilidades, criar desafios treinar nossas mãos e nossos cérebros, aumentar a potência do que a gente faz, praticar até atingir o resultado que se quer, ou chegar a um resultado bem inesperado, e por isso ainda mais interessante (GERBASE, 2012, p.30).

Assim foi para nós, a experiência com o vídeo mostrou a capacidade de envolvimento na criação coletiva pelos estudantes, percebemos a contribuição de cada um torcendo para que o filme ficasse bom, a paciência na regravação de cenas, a concentração em assumir personagens, a articulação das imagens em planos cinematográficos, pois

A imagem eletrônica, por sua própria natureza, tende a se configurar sob a figura da sinédoque, em que a parte, o detalhe e o fragmento são articulados para sugerir o todo, sem que esse todo, entretanto, possa jamais ser revelado de uma só vez (MACHADO, 2011, p. 177).

Set, nosso espaço

A Universidade, representada pelo Professor Josias, esteve presente

na escola durante o desenvolvimento do Projeto disponibilizando equipamentos por meio da presença dos monitores do curso de cinema, marcou presença também, através de conversas no blog do festival, na oferta de oficinas para os “videastas escolares”.

A relação construída pelos estudantes com as suas produções foi tão intensa que eles não aceitavam pacificamente qualquer eventualidade que ousasse impedir as gravações. Certa vez aguardavam o professor Josias com o equipamento para realização das filmagens do Vídeo “Cuidado com o que você deseja”. Neste dia chovia muito e, eles se concentraram na escola esperando a hora de gravar. Em virtude do atraso, perceberam que ele pudesse não comparecer por causa da chuva, não hesitaram. Então, pelo telefone celular, intimaram a presença do professor “Olá sou a Esther, diretora do Vídeo – Cuidado com o que você deseja – Estamos lhe aguardando [...] Nem pensar, Josias! Estou com todo o elenco reunido. Estamos te aguardando”. Não passaram 30 minutos e o professor Josias estava na escola, munido de câmera, microfone e boa vontade. Por que relatamos a situação acima? Não para chamar atenção a uma postura autoritária, de incompreensão, mas para demonstrar o sentimento de cuidado, de zelo, de comprometimento que acabava contaminando todos os sujeitos envolvidos. Nossos alunos estavam vivenciando e experimentando um processo de emancipação, de ocupar um lugar conquistado por eles mesmos. Afinal, estavam virando celebridade na Escola: “Nunca pensei que um dia seria convidada a dar autógrafa, tirar foto com fãs” (atriz do filme “Matando aula”).

Todo esse contexto de aprendizagem diz respeito ao nosso “set” no sentido de que a experiência do vídeo com um todo foi especial. Desde os momentos da criação coletiva do roteiro nas trocas de ideias, pontos de vista, até o momento de “ação” nas filmagens, onde tem que falar baixo, a cena deve estar montada para o momento decisivo de gravação, o ator deve assumir um personagem e tudo isso mexe com todos, gera muita emoção, é visível essa postura nos estudantes porque está todo mundo focado, vivendo e envolvido por aquele momento. No entanto, é divertido também pelos “erros de gravação”, esquecimentos enfim, o clima é emocionante e “nada substitui a experiência do set e dos seus múltiplos desafios” (GERBASE, p.211, 2012).

Conclusão

O Vídeo e as produções dos alunos abriram espaços para a todo um contexto de criação quando eles assumiram o papel de autores, colaboradores, produtores e protagonistas, com um envolvimento e comprometimento que extrapolava os muros da escola.

Percebemos que a proposta da aprendizagem com significado para os estudantes se concretizou quando acompanhamos a transformação dos sujeitos. Paulo Freire já dizia que a verdadeira aprendizagem é aquela capaz de tornar os sujeitos autônomos, questionadores, emancipados “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Observar os estudantes, sentados ao redor da mesa, discutindo, ponderando, elaborando e reelaborando ideias, era fantástico. As possibilidades do diálogo construído entre a educação e a comunicação - educação, envolvendo os vídeos agitavam sentimentos e emoções, dando ‘voz’ a meninas e meninos criativos, comprometidos, muitas vezes não sendo vistos nas aulas regulares.

Por fim, a produção de vídeo na escola foi além do próprio vídeo que aprenderam durante o processo de realização, porque carrega junto demais aprendizagens conforme algumas falas, “o vídeo tem valor cultural e ajuda a interagir com os colegas”, “o projeto está me ajudando a perder a timidez e a trabalhar em grupo”, “o vídeo facilita a comunicação entre nós mesmos e opiniões diversas com mais responsabilidade”, “o vídeo é interessante porque a gente acaba aprendendo coisas novas”, “o vídeo nos ajuda a dar e aceitar opiniões”, “o vídeo é importante porque leva uma nova perspectiva de vida”. Assim, entendemos que estudantes querem e aceitam novas formas de aprendizagens que acompanhem as novas formas de conhecimento na atualidade, como a presença das diversas formas de tecnologias na sociedade e, que influenciam o cotidiano e o padrão de relações das pessoas, principalmente dos jovens. Em vista disso, a presença do vídeo no contexto escolar vai ao encontro da chamada pedagogia da comunicação que defende as tecnologias como mais uma forma de apropriação do conhecimento.

Referência Bibliográfica

FREIRE. Paulo. (2005). Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra.

GERBASE, Carlos. (2012). Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

MACHADO, Arlindo. (2011). Pré-cinemas & pós-cinemas. Campinas: papirus.

MATURANA, Humberto. (2001). Cognição, Ciência e Vida Cotidiana. Belo Horizonte: UFMG.

Realizando um Sonho

Giovana Janhke

A EMEF Independência é uma escola pública, da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas. Está situada cerca de 12 km do centro da cidade, portanto na periferia, num bairro chamado Sítio Floresta.

A escola abriga em torno de 800 alunos entre os primeiros e nonos anos do ensino fundamental e as turmas de EJA.

Em 2013, estamos planejando produzir oito curtas metragens sob a coordenação de três professoras. Os alunos envolvidos neste ano são de quinto ao oitavo ano e os curtas acontecerão como parte das disciplinas de Língua Portuguesa e Filosofia.

Outras coisas ligadas à Pedagogia da Comunicação que estão acontecendo por lá são produções dos alunos de sétima série de vídeos reportagens, vídeos denúncia e eles estão muito interessados em aprender cada vez mais como podem ser usados os programas de edição. As redes sociais também estão servindo como instrumento para algumas trocas escolares entre os alunos.

Convém salientar que esta realidade, embora banal para a juventude brasileira, lá no bairro onde se situa a escola ainda é nova, pois sendo um local periférico, o serviço de prestação de acesso à internet chegou depois e meio precário, é lento e vive “caindo”. Apesar disso, nós professores estamos sempre recebendo a cobrança positiva e motivadora dos alunos com relação aos filmes que faremos neste ano.

O processo, em 2013, está acontecendo mais ou menos assim: as turmas envolvidas (três quintas séries, duas sextas séries e três sétimas séries) receberam orientações sobre como funciona cada processo de construção de um filme, ou seja, o que faz um roteirista, a produção, a direção, a direção de arte, a equipe técnica, a edição. Depois, os alunos organizaram-se em grupos, de acordo com o perfil de cada um. Após organizadas as equipes – de roteiro, produção, produção de arte e direção – estes alunos participaram de uma oficina com o professor Josias Pereira no auditório da escola. Nesta oficina, as equipes aprenderam como fazer o roteiro, qual é o papel do diretor, como improvisar alguns equipamentos e como aproveitar melhor os equipamentos disponíveis para gravar.

Novamente em sala de aula, no horário das disciplinas envolvidas no projeto, cada equipe recebeu uma planilha de organização, onde deverão anotar, cena por cena, tudo o que será preciso para gravar. A equipe

de produção deverá contatar previamente os locais de gravação, a equipe de equipamentos organiza-se para gravar, as direções de arte organizam o figurino e assim sucessivamente.

O roteiro foi definido em conjunto pela turma e escrito pela equipe de roteiristas para novamente ser discutido com todos e serem feitos os ajustes.

A escolha dos atores também foi coletiva, levando em conta o perfil de cada um.

Depois de todo este processo estar organizado, cada aluno receberá uma cópia do roteiro. Este texto será usado em atividades variadas, conforme o conteúdo e objetivo de cada disciplina envolvida no projeto. Sendo assim, busca-se abordar cada conteúdo dentro de um contexto, atribuindo um sentido aos textos.

Em agosto deveremos dar início às gravações, que acontecerão no horário de aula e também em turno inverso, dependendo da necessidade de cada cena.

Nos meses de setembro e outubro estamos planejando a edição dos vídeos para que possamos concorrer no II Festival de Vídeo Estudantil do município e também exibir os filmes na escola para a comunidade do bairro.

Estes acontecimentos, hoje parte da rotina acadêmica da escola e aguardados pela comunidade do bairro, não são nenhum fenômeno, são as consequências de um trabalho que começou há dois anos atrás.

PROFISSÃO: PROFESSORA

Sou professora de Língua Portuguesa, trabalho nesta escola há 22 anos. Tenho claro que a língua, por ser uma construção social carrega a mesma estrutura da sociedade e, portanto, é também um meio de poder, usado, via de regra, como poder opressor, tais quais as relações sociais neste país.

Mas também sei que língua é comunicação e comunicação é ato social, solidário, de criação, de arte. Desta forma sempre pautei o meu trabalho, na Disciplina de Língua Portuguesa, por criar fatos de linguagem que fossem reflexivos e transformadores.

Em 2011, eu era professora de uma turma de oitava série. Era o último ano daqueles alunos na escola. Um ciclo que se encerra em suas vidas porque é a única escola do bairro, e por isso a maioria dos alunos começou lá seus estudos. Eu queria que eles deixassem sua marca na escola.

Acredito que a profissão do magistério, em função do descaso que há com a escola pública no país, é muito árdua e por isto mesmo é que precisamos trabalhar com alegria e com paixão; para que não nos acometam tão profundamente todas as doenças da profissão. Minha forma de me apaixonar é fazendo algo diferente do que os manuais e livros didáticos propõem.

Então, após assistir a um filme feito por moradores de uma comunidade carioca, conclui que era possível criar com os alunos pequenos filmes também. Mas sou formada em Letras, não tinha nenhuma noção de como se faz um filme. Sei como fazer a análise de um filme, como aproveitá-lo para apresentar alguns conteúdos, fazer interpretações e produções textuais a partir dele, analisar as relações sociais presentes. Porém, o que eu queria era passar, com meus alunos, para o outro lado das câmeras.

Minha ideia era a seguinte: na medida em que os alunos têm de construir seus roteiros próprios, além, evidentemente, de estarem trabalhando com conteúdos específicos da disciplina, como leitura e produção, também estarão refletindo sobre suas vidas.

Eu propus que os filmes obedecessem duas regras somente: possuírem roteiros simples, em que os dilemas cotidianos fossem representados e que fossem feitos no bairro para que as pessoas se “enxergassem” neles.

Também não queria documentários, pois até este momento não sabíamos que documentários também são uma representação, um lado da “verdade” escolhido e editado. Queria ficção para que servissem de catarse aos dramas existenciais da adolescência.

Sinceramente falando, os alunos não levaram muito a sério aquela ideia, acharam que aquilo não tinha como ser feito.

“Eu fiquei muito nervosa antes das gravações, pois achei que ia ser bem complicado e, para falar a verdade, achei que não ia dar certo e que ia ser muito chato, mas depois das gravações mudei de ideia porque foi muito legal e divertido. Eu adorei! Depois de fazer o filme muita coisa mudou porque não vejo mais filmes como via antes, agora eu sei como é por trás das câmeras e sei que bem complicado. Adorei atuar e principal-

mente gravar as cenas porque eu estava muito nervosa e daí comecei a pensar no meu futuro.”(Camila Becker Cames,14)

Como fazer para que a ideia desse certo? Agora, este era meu desafio. Não podia decepcionar meus alunos.

O COMEÇO

“Antes do filme eu não tinha muito contato com os meus colegas, mas depois todos me receberam muito bem e também me trataram com muito respeito. Eu perdi a timidez, tive bem mais responsabilidade e compromisso.” (IGOR GONÇALVES, 15 ANOS – aluno da 8ª série)

Junto com a direção e coordenação pedagógica da Escola, fui buscar ajuda nas instituições de ensino superior que trabalham com cinema e foi desta forma que nos encontramos: o professor Josias Pereira e a Escola.

Combinamos de fazer o trabalho lá na escola como projeto de extensão da Universidade Federal, no curso de Cinema.

Com oficinas semanais feitas pelo professor Josias e alguns de seus alunos e com equipamentos da Universidade, realizamos quatro curtas naquele ano.

Os curtas abordam exatamente o que foi proposto: foram filmados exclusivamente no bairro, até por questões práticas de deslocamento e falta de elementos do cotidiano adolescente.

Estes quatro curtas: O Dilema, Debutantes, O Velho Craque e Regina quer Casar, concorreram e ficaram entre os finalistas em diversas categorias, nos festivais da cidade de Guaíba, RS e Cabo Frio, RJ.

Durante o inverno de 2011, mesmo com frio ou chuva, todas as terças-feiras os alunos da oitava série compareciam à Escola de manhã, turno inverso de seu horário de aula. A eles se somaram alunos de outras turmas, geralmente aqueles que incomodavam em sala de aula, ex-alunos, funcionários e professores que eram convidados a fazer alguns papéis nos curtas.

Além de os alunos aprenderem, com as oficinas, como se faz roteiro, qual é a função de um diretor, como se edita um filme, aprendemos também como realizar um trabalho coletivo, em equipe, respeitando as diferenças e as limitações de cada um.

No final do ano letivo, emocionamos a comunidade com a exibição

dos filmes.

“Antes do filme todo mundo estava preocupado com as gravações porque ninguém tinha feito nada igual e depois todos gostaram de gravar. Houve união nos grupos, ninguém ficou só com vontade de gravar e todos se divertiram muito.” (JORGE LUIS SILVEIRA DA LUZ JUNIOR, 16 ANOS, EX-ALUNO)

O ANO SEGUINTE

“Hoje eu me vejo com um olhar diferente, eu não vejo mais tv nem filme sem pensar como é feito. Houve muito respeito, dedicação e visão de um mundo melhor. Poderia ter havido mais apoio de alguns colegas”.(LAVÍNIA DE MOURA DA FONSECA, 14 anos, 7ª série)

Em 2012, o professor Josias e eu apresentamos o projeto do I Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas para a Secretaria Municipal de Educação do município e também para a rede estadual de educação. Era uma parceria entre as redes e a Universidade Federal. Nossa ideia era expandir para toda a rede pública o trabalho que havia sido tão importante na escola.

A rede municipal aderiu à ideia e começamos a trabalhar com 12 escolas da rede municipal, oferecendo oficinas para os alunos e auxiliando os professores desde a elaboração dos roteiros até as gravações e os processos de edição. Quanto à rede estadual, não conseguimos firmar a parceria.

O trabalho nas escolas resultou em 21 curtas que foram exibidos e votados em 40 escolas por alunos e demais membros das comunidades escolares.

Esta iniciativa fez com que pudéssemos trabalhar lá na EMEF Interdependência como forma de projeto. Então atendíamos alunos de 5ª a 8ª séries semanalmente em turno inverso. Eram cerca de 30 alunos e criamos dois curtas. Os alunos foram divididos mais ou menos por idade e muitos que haviam participado no ano anterior estavam no projeto, o que dava bastante autonomia para os grupos, os maiores ajudavam os menores.

Também realizamos dois filmes com os alunos de EJA, o que foi uma iniciativa pioneira no município.

Os curtas concorreram no Festival Municipal e um deles foi o vencedor do festival nas categorias de melhor vídeo, melhor ator e melhor atriz coadjuvante.

CONSIDERAÇÕES

Minha frase: o desconhecido nos dá medo, mas nos proporciona sensações inexplicáveis e inesquecíveis. (THAIS CARDOSO SILVEIRA, 16 anos – aluna da 7ª série em 2011)

Pela aplicação prática do trabalho de construção de vídeos, aqui relatados, aliada aos princípios teóricos de pedagogias que visam integrar comunicação/educação, percebem-se os benefícios do trabalho na formação de um sujeito/aluno mais reflexivo quanto aos processos de linguagem e de comunicação como fato social. Este aluno também se mostra mais integrado e participativo das ações da escola.

A escola, por sua vez, estabelece com a comunidade local uma relação mais aberta e a comunidade acaba por perceber e valorizar o trabalho da escola.

O trabalho de produção de audiovisual é uma construção lenta, mas que precisa fazer parte da cultura escolar. Em Pelotas, a parceria entre a universidade e a rede de ensino fundamental, através da Secretaria de Educação, tem se mostrado decisiva para esta transformação no cotidiano das escolas.

O que começou como uma iniciativa isolada de uma escola conseguiu, através da nossa crença neste trabalho, o apoio necessário para ser ampliado para muitas outras escolas.

Apesar das dificuldades burocráticas dentro das instituições envolvidas, apesar da total falta de verba para realizar o trabalho, estamos conseguindo organizar a segunda edição do Festival de Vídeo Estudantil.

Hoje, além da EMEF Independência, produzem curtas em Pelotas, mais ou menos outras quinze escolas, com várias turmas e professores envolvidos. Além disso, muitas outras escolas exibem os filmes envolvendo diversas comunidades do município.

O trabalho realizado nestas escolas segue mais ou menos a estrutura do começo na EMEF Independência com um diferencial: o objetivo é também a capacitação de outros professores para o trabalho com produção audiovisual. Num primeiro momento, os professores interessados em participar receberam formação, depois os alunos também participaram das oficinas de roteiro, produção, edição,...

As escolas participantes são monitoradas através das redes sociais e vídeos aulas organizadas e postadas nos endereços eletrônicos do Festi-

val, além de apoio técnico presencial nas gravações e edições. Este trabalho é feito pela coordenação do evento, que é formada por nós dois, professora Giovana e professor Josias e por dois alunos bolsistas do Curso de Cinema.

Esperamos que nossa experiência possa inspirar novas iniciativas ao demonstrar que, mesmo diante das dificuldades por que passa a educação pública, um trabalho de qualidade e inovador é possível de ser feito quando se buscam parcerias e quando se demonstra que o trabalho traz resultados positivos.

Na verdade, acreditamos que é a postura de buscar novos caminhos para tornar nossos alunos reflexivos e construtores de seu próprio processo educativo que vai fazer com que haja mudanças na estrutura da educação, qualificando-a e dando a devida visibilidade social e transformadora desta instituição.

Como Criar um Festival de Vídeo Estudantil

Josias Pereira

produção de vídeo é uma realidade da sociedade atual. Hoje, os jovens, através de celular e tablets, realizam gravações de vídeos, exibindo-os em redes sociais. Desde a década de 1920, pesquisadores como Roquette-Pinto defendiam o uso dos meios de comunicação na sala de aula, na época, representados pelo rádio e o cinema. Em 1922, Roquette Pinto organizou uma exposição internacional para celebrar o centenário da independência do Brasil e convidou duas companhias americanas para fazer demonstração de seus aparelhos. Estas foram as primeiras transmissões radiofônicas realizadas no Brasil realizadas no dia 7 de setembro 1922.

“Na minha sala havia um mapa do Brasil. Meus olhos se cravaram naquela imensidade de terra, enquanto aquela voz longe cantava e dizia coisas e depressa passou no meu pensamento essa idéia: como é que a gente não aproveita isso para levar o pensamento por essa extensão de terra, levantando essa gente toda que está morrendo por aí afora de ignorância?”. (ROQUETTE PINTO,2003,p.3)

Roquette Pinto já visualizava o rádio como um instrumento de educação para o povo.

“A partir de agora todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte, pelo milagre das ondas misteriosas que transportam, silenciosamente, no espaço as harmonias” (ROQUETTE PINTO,2000,p.4)

Porém nem todos achavam que o rádio e o cinema seriam bons instrumentos para o processo educacional. Lourenço Filho, em 1927, alertava como o cinema também poderia ser usado de forma negativa na formação moral da sociedade, exibindo imagens e ações contra os costumes morais da época. Achava que o professor deveria selecionar com cuidado os filmes que os alunos poderiam assistir. Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, em 1931, publicam o livro “Cinema e Educação” explicando para os professores como deveriam utilizar o Cinema dentro de um contexto educacional. O livro apresenta algumas das características morais que o filme educativo deveria conter, dentre elas, o conteúdo a ser usado na construção moral do aluno.

Serrano se preocupava com o que os alunos iriam entender da moral dos filmes. Pelo seu lado religioso, acredito que ele dava ênfase às histórias que construiriam um ser humano melhor.

...há dezoito anos [1912], quando eu dirigia o grupo escolar de Leme, tive oportunidade de constatar a grande influência exercida pelo cinema no espírito infantil. Levamos, certa vez, cerca de 60 meninos ao cinema local, que anunciava a exibição de uma das películas em que aparecem muitos cavalos e se disparam muitos tiros... No dia seguinte, qual não foi meu espanto quando, no recreio, deparei com uma porção deles a imitar as cenas de aventuras dos cangaceiros da tela. (ALMEIDA, 1931, p. 147)

Os livros “Cinema contra Cinema”, de Joaquim Canudo (1931), e “Cinema e Educação”, de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho (1939), são as primeiras tentativas, no Brasil, de organizar o uso do filme dentro do espaço escolar. Esses debates contribuíram para que, no dia 3 de janeiro de 1933, o **Convênio Cinematográfico Educativo** fosse aberto com um discurso de Roquete Pinto, defendendo o uso do cinema no processo educacional. Esses movimentos e encontros levam Roquette Pinto a organizar a criação de um órgão que ajudasse a desenvolver o cinema e que, principalmente, exibisse imagens de diversas regiões do Brasil para as escolas do país. Assim tem início a criação do Instituto Nacional Cinema e Educativo (INCE) em 1936, tendo como diretor Roquette Pinto.

A função do INCE era documentar as atividades científicas e culturais realizadas no país, para difundi-las, principalmente, na rede escolar. Roquette apresenta os meios de comunicação como uma forma de orientar e unir a sociedade em certo objetivo: “Mostrar o Brasil para os brasileiros”.

Daquela época para os dias atuais muitas coisas mudaram, a tecnologia evoluiu e contribui para que o sonho de Roquette Pinto se tornasse realidade, que o cinema pudesse ser utilizado como complemento do processo educacional. Porém vivemos uma realidade possibilitada pela revolução dos meios tecnológicos que possibilita o aluno a criar seus vídeos e exibir em redes sociais. Esses vídeos podem ser vistos por qualquer pessoa perto ou não da escola.

Hoje os jovens vivenciam um novo mundo onde decodificar uma imagem é tão importante quando decodificar as letras do alfabeto. A escola vive uma dicotomia entre a escrita que as políticas públicas cobram, e a realidade dos alunos onde a escrita e a leitura se processam de outra forma, através e com a tecnologia.

Deveria ser uma aula mais dinâmica, pois só leitura não dá. O professor podia inventar coisas novas, mas é sempre a mesma coisa, tipo ler um texto e depois cada grupo responde e debate. Podia ter uma coisa melhor que ficar lendo texto. (Depoi-

O educador deve se reconhecer como um ser de comunicação e expressão dentro da escola, ser um mediador entre o conhecimento que os alunos têm oriundos do senso comum e possibilitar o diálogo com esses conhecimentos. O fato de ter tecnologia presente em sala de aula, não quer dizer que a docência e o ensino estejam qualificados, é preciso que a tecnologia tenha o cunho pedagógico.

McLuhan(1972), há mais de 40 anos atrás, já assinalava que as instituições escolares desperdiçam, energia para preparar seus estudantes para um mundo que já não existe, explicando que a educação não pode pretender ser uma atividade que quer mudar o mundo sem admitir que ela mesma possa sofrer alguma mudança.

A vantagem de se produzir vídeo é que ele é um produto que aceita a autoria de um coletivo, é a exploração coletiva e pessoal de diversas linguagens: escrita, visual, auditiva ao mesmo tempo que permite aos alunos compartilhar sentidos. Nosso foco de pesquisa não é o vídeo como produto final, mas o processo que o docente realiza dentro do espaço escolar para chegar a uma obra audiovisual, e claro todos os problemas que isso resulta em negociações, desafios, limites e possibilidades. De acordo com Ferres

A decodificação da linguagem verbal exige complexas operações analíticas. A decodificação de imagens é quase imediata. A leitura desenvolve habilidades mentais relacionadas com a abstração, a lógica, a análise, a racionalidade. A imagem, ao contrário, desenvolve habilidades relacionadas com a concretização, a intuição, a síntese. A linguagem verbal facilita o raciocínio, a forte articulação do pensamento, a classificação. A imagem, pelo contrário, está mais próxima da sugestão, da emoção, da intuição. (1998, p. 261)

Ferres aponta em seu texto a importância do audiovisual em uma sociedade cada vez mais visual, pois realizar e assistir filmes gera prazer e emoção, além de estimular tanto a linguagem verbal, mais racional, quanto a visual, mais emocional. Na produção de vídeo o aluno precisa criar, estimular a imaginação, o que não é uma coisa simples. Para Gutierrez (1993) é mais fácil pensar racionalmente do que imaginar, por que raciocinar é repetir enquanto que imaginar é criar.

Prezados, antes de finalizar o livro, gostaria de apresentar uma maneira fácil de se realizar um festival de vídeo estudantil. Neste relato de experiência, apresento de que forma realizamos, em Pelotas, cidade que fica no Rio Grande do Sul, um festival de vídeo estudantil sem dinheiro, apenas

com apoiadores e ajuda da Secretaria Municipal de Educação e da Universidade Federal de Pelotas. Sendo o terceiro festival de vídeo que ajudei a criar, sem dinheiro, por isso acho que posso colaborar com algumas dicas.

Um passo importante é procurar a Secretaria Municipal de Educação de sua cidade e oferecer ou pedir ajuda para a realização do festival. A secretaria pode ajudar na comunicação entre as escolas, na organização do espaço e, principalmente, na liberação do espaço para a realização das oficinas.

Outro passo consiste em pesquisar nas universidades da cidade, sobretudo nos cursos de Cinema ou Comunicação, quem é o coordenador do curso e então convidá-lo para participar do festival, ou pedir que ele indique um aluno ou professor que deseje ajudar na organização do festival. A universidade pode contribuir com oficinas, com a edição ou gravação do material e DVD. Caso não tenha uma faculdade ou universidade na área de Comunicação, pode ser uma produtora de vídeo. Não fique com vergonha o pessoal gosta de ajudar e colaborar.

É importante contar com a participação de outros professores da escola, ou de outras escolas, que queiram ajudar. Logo, uma reunião geral com todos, antes de iniciar o projeto, para fechar datas e horários, é importante. Assim não fica tudo sob a responsabilidade de uma pessoa apenas. Quem tiver interesse pode realizar uma mostra de vídeo na escola, mesmo que seja algo mais simples. O festival é algo mais abrangente que engloba outras escolas, o município todo, já a mostra pode ser algo só da escola, com os vídeos feitos por seus alunos. A realização de um edital que vai gerir as ações é a primeira parte, depois, com o edital, com as datas de cada ação, fica mais fácil para a escola se organizar. Usamos um edital padrão, que pode ser copiado em nosso blog e reorganizado para a realidade da escola.

Um dos primeiros obstáculos que você vai encontrar é sobre como fazer o “tal” vídeo. Bem, vamos dividir em duas partes:

1ª - Produção - Roteiro

2ª - Direção e Edição

A primeira parte é algo mais simples, pois a produção e roteiro é uma etapa mais fácil de o docente organizar. O roteiro pode ser pensado como uma redação com personagens e falas. Claro que o docente vai ajudar a escrever um roteiro dentro da realidade, ou seja, que possa ser gravado na escola. Geralmente sugiro que o roteiro seja realizado em um mês. Com o roteiro, o docente pode “produzir” e ver o que será necessário para a sua

realização.

Sugiro que os atores mais velhos sejam professores ou pais convidados, pois o cinema, diferente do teatro, não aceita, em uma linguagem realista, como, por exemplo, um aluno de 10 anos fazer o papel de um professor e etc. Por outro lado, esse convite para professores e pais é importante para criar um tipo de relação diferenciada.

Sei que um dos maiores obstáculos é o fato de que os professores não sabem fazer vídeo, mas calma, pois podemos ajudar com apostilas e videoaulas na internet, é só pesquisar .

A segunda etapa consiste na gravação e edição. Neste caso recomendo que você convide alunos que tenham habilidades com câmera, computador etc. Faça esse aluno assistir a videoaulas sobre câmera e gravação. A escolha de realizar um vídeo-foto, um vídeo-narração ou vídeo-ficção dependerá também do equipamento que a escola vai ter. A diferença é que cada um dos formatos apresenta um problema e uma facilidade. Sugerimos para os iniciantes a realização de vídeo-foto.

Tirando Dúvidas

1 – Vídeo-Foto

O que é um vídeo-foto?

É um vídeo em que as fotos são tiradas para contar a história e depois uma narração vai apresentando a narrativa. É o mais simples de se fazer, então, para as pessoas que não tem experiência, apontamos esse formato para iniciar o projeto. Primeiro o docente pode tirar as fotos e depois realizar na narração.

2 – Vídeo com Narração

Vídeo-narração é uma pequena variação do vídeo-foto, porém em vez da foto se apresenta um vídeo “normal”, com ação contínua, porém o vídeo é narrado.

Essa ação de narrar ajuda também quando o ator não é muito bom.

3 – Vídeo “Normal”

Aqui estamos chamando de vídeo normal o vídeo que apresenta ações dos atores e a fala (Live-Action). Defendemos que a ação do ator/aluno deve ser boa, ou seja, o aluno deve saber interpretar, tendo que decorar

a fala. Temos apostilas sobre como escrever o roteiro, como fazer a direção e edição do material.

Depois de gravado o material, a edição pode ser feita no Movie Maker (Windows) ou no Linux (Kdenlive, Cinelerra). Repito que há várias videoaulas sobre essa ação.

Após sua finalização, os vídeos realizados devem ser inscritos no festival ou integrar uma mostra na própria escola. A mostra é algo mais local, realizada na escola com os vídeos que os alunos realizaram. Já o festival é algo mais abrangente, pode englobar a cidade, o estado, o país ou ser um festival internacional.

Sugerimos que na realização do primeiro festival haja um limite de vídeos, geralmente dois vídeos por escola, para dar ênfase também à qualidade, pois hoje os alunos querem também qualidade e não apenas realizar o vídeo. Cabe aqui uma observação importante: o professor quer o vídeo, quer que eles experimentem a realização, mas os alunos não, eles querem fazer sim, mas algo com qualidade. Pense nisso.

Seis etapas para a realização do festival:

- 1º - Lançamento do edital do festival - um mês;
- 2º - Oficinas e realização do roteiro e produção - dois meses;
- 3º - Gravação e edição do vídeo - dois meses;
- 4º - Copiar o material, os vídeos inscritos no festival, em um único DVD e entregar este material para as escolas - 15 dias;
- 5º - Exibição do festival nas escolas - um mês;
- 6º - Entrega dos prêmios.

Todos os vídeos devem ser copiados para um DVD. Quem não tem conhecimento técnico para fazer um DVD, sugiro que procure um produtor da cidade e proponha uma parceria para fazer a “autoração” (nome técnico para colocar o DVD com menu, etc.). A cópia pode ser feita depois pelo grupo.

Junto com o DVD, sugerimos que a escola receba uma sinopse, com o resumo de cada filme, com a faixa etária indicativa. Isso pode ser realiza-

do na própria ficha de inscrição e depois apenas copiado.

O tempo mínimo que sugerimos é que o DVD fique um mês na escola para que o professor possa exibir e depois realizar a votação. Estes períodos de tempo para cada etapa são meras sugestões e devem ser alterados conforme a realidade de cada região.

A Premiação

A premiação deve ser algo especial, pois os alunos valorizam este momento. E é algo simples de fazer, já que precisamos simplesmente de um espaço, como um teatro ou auditório e dos certificados. Para a entrega dos prêmios, sugerimos (estou usando demais essa palavra) que se realize algo bonito, chamativo, para que os alunos se sintam especiais. São dez categorias que indicamos. No telão é apresentada uma categoria por vez, em cada categoria são apresentados os cinco vídeos mais votados, um por vez, para criar suspense. Depois, é anunciado o terceiro colocado e assim sucessivamente, até divulgarmos o primeiro colocado.

Como funciona em Pelotas o Festival de Vídeo Estudantil ?

O festival de vídeo estudantil apresenta a vantagem dos vídeos realizados pelos alunos serem exibidos na sua cidade e não apenas na sua sala de aula. Desde o início do projeto eles sabem que o vídeo vai ser exibido em escolas públicas. Percebemos ao longo dos anos uma mudança entre o professor que desejava fazer vídeo com os alunos e vivemos um momento onde os alunos querem fazer vídeo e os professores acompanham ou auxiliam, assim o vídeo é dos alunos. Percebemos que na produção de vídeo uma das ações é o diálogo entre professores, alunos, pais e comunidade escolar.

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987)

Outro ponto importante é que os alunos não querem apenas fazer vídeo, mas que o vídeo seja realizado com qualidade. Que o vídeo possa ser exibido e que o seu público alvo possa gostar do que assistiu. Desta maneira os alunos pesquisam na internet, procuram por vídeo aula e apostilas sobre como realizar vídeo. Desde 2012 coordeno o festival de vídeo de Pelotas e em 2014 ajudamos a criar o festival de vídeo de Rio Grande. Para ajudar a capacitar os alunos criamos três ações além das oficinas para aproveitar a

dinâmica da geração Z.

Em 2012 criamos um blog, pois segundo relato dos professores o principal entrave para a realização do vídeo seria a falta de domínio da realização audiovisual; assim criamos uma oficina para suprir a demanda de alunos e professores e no blog colocamos as ações das escolas na produção de vídeo e as apostilas.

Criamos dois programas de TV que é exibido na internet o “Vlog - Primeiros Passos” e o programa “Festival de Vídeo em Foco”. No Vlog exibimos de modo leve e dinâmico como se realiza vídeo, como se faz direção, decupagem, como usar o programa celtx etc. A linguagem do vlog é algo mais leve. Já o programa “Festival de Vídeo em Foco” dá ênfase e apresenta entrevista com os alunos sobre como a escola está realizando vídeo para o festival.

Defendemos um festival voltado para o aluno e não, apenas para a exibição. Por isso uma das ações que modifica o festival comercial é que dividimos o festival em três momentos

1º - Oficina com alunos e professores - capacitação

2º - Doação de DVD para as escolas exibirem e votarem

3º - Entrega dos prêmios para os mais votados .

Qualquer escola da rede pública pode realizar vídeo e mesmo que a escola não realize o vídeo ela pode se cadastrar e votar, por isso temos nestes dois festivais (2012 e 2013) a média de 13 escolas produzindo vídeo e a exibição em média de 40 escolas. As escolas tem em média um mês para se organizar e exibir os vídeos. A grande mudança é que o voto é exclusivamente de estudantes, não existe um júri técnico, apenas os alunos votando no vídeo que acharam interessante conforme seu desejo. São votados 10 categorias e cada categoria recebe prêmio de primeiro, segundo e terceiro lugar. no telão é apresentado os mais votados, o que já faz os alunos se animarem e depois dos cinco é anunciado o terceiro, o segundo e o primeiro lugar. A média de votos é de 2000 em média cada escola recebe 150 cédulas e uma urna para votação.

Na primeira semana de dezembro é feito a entrega dos prêmios para os vídeos mais votados. Os alunos lotam o auditório e levam torcidas organizadas para poder ver o seu filme e os prêmios que podem ganhar.

Os três vídeos mais votados receberam prêmio. No dia da entrega do prêmio os cinco mais votados foram anunciados em ordem crescente e a cada vídeo anunciado os alunos do auditório gritavam de alegria e êxtase até a entrega do primeiro lugar. O festival possibilita o diálogo entre as diversas obras realizadas e contribui para a autoestima dos alunos participantes.

Defendemos a ideia de que cada escola que se aventura a realizar vídeo com os alunos deve organizar o seu material nos sites de exibição com palavras chaves e comum para que este material não se perca na imensidão das redes cibernéticas. aconselhamos que cada escola crie o seu perfil no site de exibição. A senha e a manutenção deve ficar com a coordenadora pedagógica ou direção. Se pedir para o aluno criar o problema é o aluno sair da escola e o material se perder e se confundir com as ações pessoais deste aluno.

Sugerimos algumas ações:

- Criação de playlist denominado curtas, pois a escola pode criar outras ações audiovisuais e assim os interessados podem encontrar na playlist todos os curtas de modo rápido.

- Os comentários devem ficar desligados ou passar pelo moderador antes de ser publicados, pois existe muitos perfis falsos nas redes sociais onde os alunos aproveitam para realizar algumas ações nem sempre dentro do padrão educacional.

- **Palavras chave indicadas** - Escola; vídeo estudantil; Produção vídeo escolar;

Sim, sei que escrevendo parece simples, sei também que não é nada fácil, mas sim possível. Tente! Sei que não vai se arrepender. Em nosso blog, e nas redes sociais, podemos ajudar, mesmo que a distancia.

Abraços,

Josias Pereira.

Se tem vontade de fazer vídeo e não sabe como... entre em contato com a gente. Você vai ver que a sua relação com os alunos vai mudar. tente!

erdfilmes@gmail.com

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. Cinema contra cinema. Bases gerais para um esboço de organização cinema educativo no Brasil. São Paulo: São Paulo Editora, 1931.

CASTRO, Ruy. Roquette-Pinto, O homem multidão. Revista especial dos 60 anos da Radio MEC. Rio de Janeiro, 1996.

MCLUHAN, Marshall. The Gutenberg Galaxy. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

FERRES, Joan. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1972.

PEREIRA, Josias. A Produção de Vídeo Nas Escolas- Educar com Prazer. Pelotas Editora UFPel, 2012.

SERRANO, Jonathas; Venâncio Filho, Francisco. Cinema e Educação. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.